



UFPE

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

JOSEANE LAURENTINO DE BRITO LIRA

O TRABALHO DOMÉSTICO NÃO REMUNERADO: uma abordagem discursiva

Recife
2019

JOSEANE LAURENTINO DE BRITO LIRA

O TRABALHO DOMÉSTICO NÃO REMUNERADO: uma abordagem discursiva

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Letras.

Área de concentração: Linguística.

Orientadora: Prof^a Dr^a Maria Cristina Hennes Sampaio

Recife
2019

Catálogo na fonte
Bibliotecária Jéssica Pereira de Oliveira, CRB-4/2223

L768t	Lira, Joseane Laurentino de Brito O trabalho doméstico não remunerado: uma abordagem discursiva / Joseane Laurentino de Brito Lira. – Recife, 2019. 184f.: il. Orientadora: Maria Cristina Hennes Sampaio. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco. Centro de Artes e Comunicação. Programa de Pós-Graduação em Letras, 2019. Inclui referências e apêndice. 1. Trabalho doméstico não remunerado. 2. Análise dialógica do discurso. 3. Hermenêutica da facticidade. 4. Dramáticas do uso de si. I. Sampaio, Maria Cristina Hennes (Orientadora). II. Título. 410 CDD (22. ed.) UFPE (CAC 2019-131)
-------	--

JOSEANE LAURENTINO DE BRITO LIRA

O TRABALHO DOMÉSTICO NÃO REMUNERADO: uma abordagem discursiva

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Letras.

Aprovada em: 15/03/2019

BANCA EXAMINADORA

Profª Drª Maria Cristina Hennes Sampaio (Orientadora)
Universidade Federal de Pernambuco

Profª Drª Evandra Grigoletto (Examinadora interna)
Universidade Federal de Pernambuco

Profª Drª Karine Rocha (Examinadora interna)
Universidade Federal de Pernambuco

Profª Drª Ludmila Porto (Examinadora externa)
Universidade Estadual da Paraíba

Profª Drª Daisy Moreira Cunha (Examinadora externa)
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

A todas as trabalhadoras domésticas não remuneradas.

A todas as mulheres admiráveis e guerreiras que conseguem sobreviver a uma jornada dupla de trabalho remunerado e não remunerado.

AGRADECIMENTOS

A Deus, toda glória, toda honra, por tudo que fez, faz e ainda fará por mim. por todo amor que me tem dado. Senhor, sem a sua força e orientação, eu não teria conseguido chegar até aqui.

A minha mãe, Josefa, pelo cuidado e pelo apoio sempre. Pelos dias em que passei em sua casa a fim de conseguir me concentrar plenamente e terminar este trabalho de pesquisa.

Às minhas filhas, Thais e Natália, pelo carinho e pelas palavras de incentivo sempre. A Thais e a meu genro Marlos, o meu muito obrigada por me darem um netinho lindo chamado Marcos, presente maravilhoso, que mesmo sendo um bebê, me deu forças para ir além.

Ao meu marido Kibson, pelo carinho, pelo incentivo, pelo cuidado, pelo apoio e sobretudo pelo amor que tem me dado sempre. Te amo!

A Giselly (minha enteada) que, mesmo sem falar muito, sempre me fez saber que estava do meu lado. Obrigada!

A minha família, meus 5 irmãos (Josemar, Jairo, Jaelson, Josineide e Laurentino) que sempre estiveram comigo para o que quer que fosse. Obrigada!

À minha orientadora, professora Dra. Maria Cristina Sampaio Hennes, por todo apoio, por toda orientação, por estar sempre presente nas horas mais difíceis, pela prontidão em me atender sempre, muito obrigada.

A todos os meus colegas de turma pelo apoio, em especial, Alberon, Serquiz, Elisangela, Edgar, Solange, Paulo, Maria com os quais tive momentos maravilhosos de partilha de conhecimentos e discussões apaixonantes nas aulas de filosofia. A minha querida colega Thais pelos momentos de sufoco que dividimos muitas vezes, obrigada!

A todos os meus professores do Programa de Pós Graduação em Linguística, em especial, a professora Joice Armani Galli pelas aulas encantadoras e alegres ao som de palavras de francês.

À minha querida colega professora Dra. Patrícia Barreto, pelo apoio na organização do projeto de pesquisa e pelo incentivo que me deu quando eu não acreditava que ele podia tornar-se realidade.

À professora Dra Ludmila de Figueiredo Porto, doutora pelo PPGL, professora da UEPB, pelas contribuições em minha banca de qualificação e defesa.

A professora Dra. Fabiele Stockmans pela excelente contribuição em meu projeto de pesquisa.

Às pessoas que me ajudaram intercedendo por mim a fim de que eu pudesse dar conta desse trabalho. (D. Sula (minha sogra), Mariluce, Jayne, Vilma e Pastor Estevão)

À professora Dra. Daisy Cunha(professora da UFMG) por aceitar participar de minha banca de defesa.

À professora Dra. Karine Rocha (professora da UFPE) pela participação em minha banca de qualificação e defesa.

À professora Dra. Evandra Grigoletto (professora do PGletras da UFPE), pela participação em minha banca de defesa.

À professora Dra. Karla Danielle (professora do IFPE) pela participação em minha banca de defesa.

A vida é dialógica por natureza. Viver significa participar do diálogo: interrogar, ouvir, responder, concordar, etc. Nesse diálogo o homem participa inteiro e com toda a vida: com os olhos, os lábios, as mãos, a alma, o espírito, todo o corpo, os atos. Aplica-se totalmente na palavra, e essa palavra entra no tecido dialógico da vida humana, no simpósio universal (BAKHTIN, 2000, p. 348)

RESUMO

O trabalho doméstico não remunerado é um trabalho invisibilizado pela sociedade porque é realizado por mulheres, no ambiente privado de suas residências. Ao ingressarem no mercado de trabalho, elas enfrentam o desafio da dupla jornada de trabalho, conciliando as atividades remuneradas com as atividades domésticas. Formulamos, então, a seguinte indagação: de que maneira as formas de trabalho doméstico não remunerado podem ser valoradas socialmente na escala produtiva e quais as implicações teórico-metodológicas e práticas desse trabalho? Postulamos a hipótese de que o trabalho doméstico não remunerado não é valorado pelas mulheres que o realizam por acreditarem tratar-se de uma questão cultural, pois faz parte da vida e da sobrevivência, razão pela qual não o consideram valorado na escala produtiva. O objetivo de nosso estudo foi compreender os sentidos e os valores atribuídos pelas trabalhadoras domésticas não remuneradas a esse trabalho. Temos como *objetivos específicos*: 1-descrever e interpretar os temas de predileção, descarte ou exclusivos contidos nos discursos das trabalhadoras domésticas não-remuneradas sobre o trabalho e os sentidos produzidos no embate dialógico das vozes que nele se fazem representar; 2-descrever e interpretar os sentidos dos acentos apreciativos contidos nos discursos dessas trabalhadoras sobre o trabalho doméstico, em relação ao seu valor *para si e para o outro (cônjuge, filhos, irmãos e etc.)*. A abordagem de análise, de caráter quantiquantitativo, deu-se em três planos necessariamente articulados entre si: 1) de uma análise dialógica da arquitetônica do ato unitário e singular, com base no plano concreto do mundo, cujos momentos constituintes são o eu-para-mim, o outro-para-mim e o eu para o outro e em torno dos quais encontram-se dispostos todos os valores da vida real e da cultura; 2) do trabalho doméstico não remunerado como atividade, fundamentado nos pressupostos teóricos da Ergologia, numa abordagem interdisciplinar do trabalho e da intersubjetividade do trabalhador; 3) do trabalho doméstico não remunerado numa abordagem ontológica, fundamentado na hermenêutica heideggeriana. O *corpus* foi constituído pelos discursos de três mulheres que atuavam em ambos os trabalhos e foi obtido através de entrevistas, auto vídeos e auto confrontações. A análise e a interpretação dos discursos das trabalhadoras revelaram que elas percebem suas possibilidades e limites para tomar decisões de

forma autônoma para a vida cotidiana e, assim, vão conciliando os dois trabalhos. Os efeitos da sobrecarga de trabalho ficam evidentes na realidade de todas as trabalhadoras que participaram de nossa pesquisa, revelando que elas estão cuidando pouco de si, não têm direito a lazer, não têm direito ao descanso e nem sempre podem usufruir de bens culturais. Podemos concluir que, embora os padrões de desigualdade entre homens e mulheres, em relação ao trabalho doméstico, fiquem claros e evidenciados nos discursos, seria necessário que as mulheres tomassem consciência da importância deste trabalho para elas e para suas famílias, e, então, aspirassem uma divisão igualitária do trabalho doméstico e assim possam negociar a repartição das tarefas domésticas com os seus parceiros no ambiente privado.

Palavras-chave: Trabalho doméstico não remunerado. Análise dialógica do discurso. Hermenêutica da facticidade. Dramáticas do uso de si.

ABSTRACT

Unpaid domestic work is an invisible job to society because it is carried out by women in the private environment of their residences. When they join the labor market, they face the challenge of double working hours, reconciling paid activities with domestic activities. We then formulate the following question: in what ways can the ways of unpaid domestic labor be valued socially in the production scale and what are the theoretical-methodological and practical implications of this work? We postulate the hypothesis that unpaid domestic work is not valued by women who do it because they believe it is a cultural issue since it is part of life and survival — reason why they do not consider it valued in the production scale. The objective of our study was to understand the meanings and values attributed by unpaid domestic workers. We have, as specific objectives: 1-to describe and interpret the topics of predilection, discard or exclusion present in the discourses of the unpaid domestic workers on the work and the meanings produced in the dialogical tension of the voices represented in it; 2-to describe and interpret the meanings of the appreciative accents present in the discourses of these workers on domestic work, in relation to their value for themselves and for the other. The analytical approach, of a quantitative nature, took place in three necessarily articulated planes: (1) a dialogical analysis of the architectural of the unitary and singular act, based on the concrete plane of the world, whose constitutive moments are I-to-me, the other-to-me and the self to the other and around which all values of real life and culture are arranged; 2) unpaid domestic work as an activity, based on the theoretical presuppositions of Ergology, an interdisciplinary approach to work and the intersubjectivity of the worker; 3) unpaid domestic work in an ontological approach, based on Heideggerian hermeneutics. The corpus was constituted by the speeches of three women who worked in both works and was obtained through interviews, self-videos and self-confrontations. The analysis and interpretation of the workers' discourses revealed that they perceive their possibilities and limits to make autonomous decisions for daily life and, thus, reconcile the two works. The effects of work overload are evident in the reality of all the workers who participated in our research, revealing that they care little about themselves, have no right to leisure, have no right to rest and cannot always enjoy cultural goods. We conclude that, although the patterns of gender inequality in

domestic work are clear and evidenced in discourses, it would be necessary for women to become aware of the importance of this work for themselves and their families, and then aspire an equal division of domestic work so that they can negotiate the sharing of domestic tasks with their partners in the private environment.

Keywords: Unpaid domestic work. Dialogical analysis of discourse. Hermeneutics of facticity. Dramatic use of the Self.

RESUMEN

El trabajo doméstico no remunerado es un trabajo invisible para la sociedad, porque es realizado por mujeres, en sus residencias. Al ingresar al mercado de trabajo, ellas enfrentan el desafío de la doble jornada de trabajo, conciliando las actividades remuneradas con las actividades domésticas. Formulamos, la siguiente pregunta: ¿de qué manera el trabajo doméstico no remunerado puede ser valorado socialmente en la escala productiva y cuáles son las implicaciones teórico-metodológicas y prácticas de este trabajo? Postulamos una hipótesis que el trabajo doméstico no es valorizado por las mujeres que lo realizan debido a que se trata de un asunto cultural, pues hace parte de sus vidas y supervivencia, por eso no es considerado un trabajo valioso en la escala productiva. El objetivo del estudio fue comprender los sentidos y valores atribuidos, por las trabajadoras a este trabajo. Como objetivos específicos: 1- describir e interpretar los temas predilectos, descarte o exclusivos contenidos en los discursos de las trabajadoras sobre el trabajo y los sentidos producidos en el choque dialéctico de las voces que en ellos se hacen representar; 2- describir e interpretar los sentidos de los acentos apreciados contenidos en los discursos de esas trabajadoras sobre el trabajo doméstico, en relación con su valor *para sí y para el otro (conyugue, hijos, hermanos y etc.)*. El análisis es de carácter cuantitativo-cualitativo, en tres planos articulados entre sí: 1) análisis dialógico de la arquitectura de un acto unitario y singular, basado en el plano concreto del mundo, cuyos momentos constituyentes son el yo-para-mí, el otro-para-mí y el yo para el otro y en torno de los cuales se encuentran dispuestos todos los valores de la vida real y de la cultura; 2) el trabajo doméstico como actividad, fundamentado en presupuestos teórico-metodológicos de la Ergología, en un abordaje interdisciplinar del trabajo y de la intersubjetividad del trabajador; 3) el trabajo doméstico en un abordaje ontológico, fundamentado en la hermenéutica heideggeriana. El *corpus* fue constituido por los discursos de tres mujeres que actuaban en ambos trabajos y obtenido a través de entrevistas, auto vídeos y auto confrontaciones. El análisis e interpretación de los discursos de estas revelaron que ellas perciben sus posibilidades y límites para tomar decisiones de forma autónoma en la vida cotidiana y así concilian los dos trabajos. Los efectos de la sobrecarga quedan evidentes en la realidad de las trabajadoras que participaron de nuestra

investigación, revelando que ellas están cuidando poco sí, no tienen derecho al ocio, al descanso y no disfrutan de bienes culturales. Concluimos que, a pesar de la desigualdad entre hombres y mujeres con relación al trabajo doméstico, están evidenciados en los discursos y cotidianidad de las trabajadoras, que es necesario que tomen consciencia de la importancia de este para ellas y sus familias, y aspiren por una división igualitaria del trabajo doméstico y negocien y repartan las tareas domésticas con sus compañeros en el ambiente privado.

Palabras clave: Trabajo doméstico no remunerado. Análisis dialógica del discurso. Hermenéutica de la facticidad. Dramáticas del uso de sí.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1 - Taxa de realização de afazeres domésticos no domicílio ou em domicílio de parente, por cor ou raça e sexo - Brasil – 2016	50
Figura 1 - Lematização	103
Gráfico 2 - Produtividade	108
Gráfico 3 - Cuidado	118
Gráfico 4 - Tempo	126
Gráfico 5 - Sobrevivência	134
Gráfico 6 - Afazeres domésticos	139
Gráfico 7 - Estados de ânimo	147
Gráfico 8 - Impressões	158

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 -	PIB dos afazeres domésticos no Brasil (2005-2015)	57
Tabela 2 -	Tabela de lematização (Tema: Impressões)	105
Tabela 3 -	Tabela de lematização (Tema: Produtividade)	109
Tabela 4 -	Planilha de lematização (Tema: Cuidado)	119
Tabela 5 -	Planilha de lematização (Tema: Tempo)	126
Tabela 6 -	Planilha lematização (Tema: Sobrevivência)	134
Tabela 7 -	Tabela de lematização (Tema: Afazeres domésticos)	139
Tabela 8 -	Tabela de lematização (Estados de ânimo)	148
Tabela 9 -	Tabela de lematização (Tema: Impressões)	158

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	18
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	25
2.1	TRABALHO: <i>EM BUSCA DE UM CONCEITO, EM BUSCA DE UM SENTIDO</i>	25
2.2	TRABALHO DOMÉSTICO NÃO REMUNERADO: <i>AS ORIGENS DA INVISIBILIDADE</i>	34
2.3	TRABALHO DOMÉSTICO NÃO REMUNERADO: <i>UM TRABALHO QUE CONTA NO BRASIL E NO MUNDO</i>	50
3	TRABALHO DOMÉSTICO NÃO REMUNERADO SOB A ABORDAGEM DIALÓGICO-DISCURSIVA.....	59
3.1	A TEORIA DIALÓGICA DO DISCURSO.....	61
3.2	A DIMENSÃO ALTERITÁRIA NO ENCONTRO ENTRE O PESQUISADOR E O FENÔMENO.....	65
3.3	NOÇÕES TEÓRICAS DA ANÁLISE DIALÓGICA.....	72
3.3.1	Enunciação e enunciação.....	72
3.3.2	Acento apreciativo.....	74
3.3.3	Alteridade.....	76
3.4	O TRABALHO DOMÉSTICO NÃO REMUNERADO NA DIMENSÃO ONTOLÓGICA.....	78
3.4.1	Compreensão e disposição da presença.....	83
3.4.2	A escuta (<i>curiosidade</i>).....	84
3.4.3	O cuidado como modo fundamental do ser.....	85
3.5	A INTERFACE DO TEMA TRABALHO DOMÉSTICO NÃO REMUNERADO COM A DISCIPLINA LINGUAGEM E TRABALHO.....	87
3.5.1	O trabalho doméstico não remunerado e as dramáticas do uso de si.....	91
4	METODOLOGIA.....	95
4.1	SELEÇÃO GRADUAL DE UMA AMOSTRA DE CASOS.....	95
4.2	CRITÉRIO DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO DE PARTICIPANTES.....	96
4.3	CONSTITUIÇÃO DOS <i>CORPORA</i>	97
4.3.1	Definição das variáveis.....	98
4.4	PROCEDIMENTOS E INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS.....	98

4.5	MÉTODO CLÍNICO DE AUTOCONFRONTAÇÃO.....	99
4.6	ANÁLISE ESTATÍSTICA DOS DADOS.....	100
4.7	ASPECTOS ÉTICOS.....	105
5	ANÁLISE QUANTITATIVA DOS DADOS.....	107
5.1	TRABALHO DOMÉSTICO NÃO REMUNERADO: <i>VALORAÇÃO E PRODUTIVIDADE</i>	107
5.2	TRABALHO DOMÉSTICO NÃO REMUNERADO E A DIMENSÃO DO CUIDADO.....	117
5.3	TRABALHO DOMÉSTICO NÃO REMUNERADO: <i>UMA QUESTÃO DE SOBREVIVÊNCIA</i>	123
5.4	TRABALHO DOMÉSTICO NÃO REMUNERADO E A DIMENSÃO DO TEMPO.....	133
5.5	TRABALHO DOMÉSTICO NÃO REMUNERADO: <i>O USO DO CORPO- DE-SI</i>	138
5.6	O EU-PARA-MIM DA TRABALHADORA DOMÉSTICA NÃO REMUNE- RADA.....	147
5.7	O OUTRO-PARA-SI DA TRABALHADORA DOMÉSTICA NÃO REMUNERADA.....	157
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	170
	REFERÊNCIAS.....	176
	APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO PARA ENTREVISTA SEMIPADRO- NIZADA.....	184

1 INTRODUÇÃO

O trabalho doméstico não remunerado, mesmo sendo um trabalho como outro qualquer, não tem um valor monetário reconhecido no produto nacional bruto de uma nação. Segundo Becker (apud MELO; CASTILHO, 2009), economista, professor da Universidade de Chicago e ganhador do prêmio Nobel da economia em 1992, em nações como a Suécia esse trabalho é feito geralmente pelas mulheres as quais gastam 70% de seu tempo nessas tarefas. Em nações pobres, como é o caso da Índia, esse trabalho também é feito quase que exclusivamente por mulheres.

Becker (apud MELO; CASTILHO, 2009) argumenta, ainda, que o trabalho doméstico deveria ser reconhecido como algo que faz parte dos bens e dos serviços do produto nacional bruto (PNB) de um país, uma vez que as longas horas que são gastas para fazer esse trabalho representam uma produção. Para ele (BECKER apud MELO; CASTILHO, 2009) isso significa que, quando se contrata uma trabalhadora doméstica para cuidar das crianças, limpar a casa e cozinhar, esse trabalho entra nas estatísticas oficiais da economia. No entanto, quando é feito por um familiar, não é considerado como algo que tem valor monetário. Estudo realizado pela OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico), em abril de 2011, revelou que as mulheres passam, em média, quatro horas e trinta minutos diários realizando trabalhos não remunerados e atividades não pagas, as quais incluem o serviço doméstico, propriamente dito, como cuidar de membros da família, fazer compras para a casa ou serviço voluntário. A mesma pesquisa aponta também que os homens dedicam apenas duas horas e vinte e um minutos a atividades não remuneradas, sendo uma hora e quinze minutos, cuidando da casa. O estudo revela, ainda, que mesmo aumentando a quantidade de horas para cuidar da casa e dos filhos, os homens não assumem plenamente essa tarefa; razão pela qual a desigualdade, em relação à utilização do tempo, ainda é grande nos países analisados por ele, como Portugal, México, Holanda, Turquia e Japão. Esses dados sugerem que os homens ainda relutam muito em participar das atividades domésticas não remuneradas.

Outros estudos, como os conduzidos por Robert Eisner, nos EUA, na Universidade de Northwestern, revelaram que o valor do trabalho doméstico, desde meados dos anos 40 até o início dos anos 80, excede mais de 20% do PNB (BECKER, 1991). Segundo Becker (1991), a ONU, num relatório sobre o

desenvolvimento humano, calculou que a produção doméstica vale mais do que 40% da produção mundial. Becker (1991) defende, ainda, que a omissão do trabalho doméstico, no cálculo do PNB (Produto Nacional Bruto), distorce os indicadores de crescimento econômico, isso porque o grande aumento da participação das mulheres casadas, no mercado de trabalho, durante as últimas décadas, foi obtido à custa da redução do tempo que elas ocupavam em trabalho doméstico não remunerado.

Como muito bem destaca a socióloga brasileira Ávila (2007), em seu artigo *Notas sobre o trabalho doméstico*, o trabalho doméstico não remunerado está embasado no conceito de divisão sexual do trabalho, uma vez que essa divisão designa os homens à esfera produtiva do trabalho, cujo valor social vem agregado, enquanto que às mulheres é designada a esfera reprodutiva. Na esfera produtiva, o trabalho é valorizado porque está agregado à produção de mercadorias, bens e serviços, sendo mais valioso na base da acumulação do capital. Já na esfera reprodutiva, o trabalho está diretamente relacionado às tarefas do cuidado e da reprodução da vida.

Consoante com essas ideias, Kergoat (2003), socióloga francesa, em sua obra *Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo*, esclarece como se dá a divisão sexual do trabalho:

A divisão sexual do trabalho é a forma de divisão do trabalho social decorrente das relações sociais do sexo, essa forma é adaptada historicamente e a cada sociedade. Ela tem por características a destinação prioritária dos homens à esfera produtiva e das mulheres à esfera reprodutiva e, simultaneamente, a apreensão pelos homens das funções do forte valor social agregado (políticas, religiosas, militares, etc.).

Essa forma de divisão social do trabalho tem dois princípios organizadores: o *princípio de separação* (existem trabalhos de homens e trabalho de mulheres) e o *princípio de hierarquização* (um trabalho de homem “vale” mais do que um trabalho de mulher.) (KERGOAT, 2003, p. 55.56)

Nesta perspectiva, vale destacar que, segundo a ótica marxista, o trabalho na esfera reprodutiva não é levado em conta na distribuição do tempo da relação produção x reprodução. Como observa Ávila (2007, p. 3), mesmo na ótica marxista, “a reprodução é tratada apenas como substrato no processo produtivo.”

Corroborando as afirmações da autora (ÁVILA, 2007), os dados do IPEA (Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas), divulgados em 2012, revelam que as mulheres brasileiras gastam, em média, 26,6 horas semanais em afazeres domésticos, enquanto os homens dedicam 10,5 horas.

O estudo do IPEA (2012) evidencia, ainda, que o trabalho doméstico é uma atividade importante, tanto do tempo que se gasta com ele, como a sua relevância para a reprodução social e econômica. Segundo a técnica de Planejamento e Pesquisa do **Ipea**, Natália Fontoura, apesar de os homens que se encontram fora do mercado de trabalho gastarem mais tempo com o trabalho doméstico não remunerado do que os ocupados, as mulheres que têm atividades econômicas dedicam mais tempo (22 horas) que os homens desocupados (12,7 horas).

Ávila (2007) afirma, ainda, que o trabalho doméstico é a forma concreta de reprodução do trabalho destinado às mulheres em uma sociedade assalariada. Ou seja, o trabalho doméstico, mesmo estando relacionado a uma esfera capitalista, não é valorizado. Essa questão, segundo a autora (ÁVILA, 2007), tem raízes históricas no patriarcado, uma vez que a divisão sexual do trabalho estaria associada, para os homens, ao ambiente público, enquanto que para as mulheres as atividades de trabalho são desenvolvidas num ambiente privado, o qual não é visto e, por isso mesmo, relegado a um plano inferior na escala de trabalho. Essa configuração organizacional do trabalho asseguraria, de certa forma, culturalmente, aos homens, o poder sobre as mulheres. Daí, segundo a autora (ÁVILA, 2007), o estabelecimento da hierarquia e da primazia masculina tão presentes no sistema do patriarcado.

A incorporação da dimensão tempo, no campo das políticas públicas, da academia e do ativismo social, tem-se dado a partir de uma discussão sobre jornadas de trabalho e a exploração do trabalhador. Essa discussão fundamenta-se em um posicionamento teórico que entende trabalho como a venda da força de trabalho dos indivíduos a um empregador e, por isso, tem excluído, da esfera de debate e de ação pública, o trabalho doméstico não remunerado (ou reprodutivo), realizado majoritariamente por mulheres no cuidado de seus próprios domicílios e de seus familiares. Esse trabalho é um serviço culturalmente realizado pela mulher para sua própria família e é visto, pela sociedade, como uma situação comum,

corriqueira, uma vez que não tem remuneração porque é feito pela mulher que serve ao marido e aos filhos. Nessa perspectiva, indivíduos que se dedicam apenas ao trabalho de reprodução social são considerados inativos perante as estatísticas oficiais brasileiras e o trabalho que realizam é desvalorizado e invisibilizado pelo próprio Estado.

Dessa forma, nesse trabalho de pesquisa, mediante a revisão da literatura sobre o tema, coube-nos perguntar: de que maneira as formas de trabalho doméstico não remunerado podem ser valoradas na escala de trabalho produtiva da sociedade e quais as implicações teórico-metodológicas e práticas dessa atividade? Diante dessas indagações, postulamos, como uma possível hipótese, que o trabalho doméstico não remunerado não é valorado pelas pessoas que o realizam, pelo fato de elas acreditarem que essa atividade está relacionada à cultura e faz parte da vida e da sobrevivência; por isso mesmo, não o consideram como um trabalho valorado na escala produtiva. Assim, sendo um trabalho considerado improdutivo, muitas mulheres que exercem essa atividade não têm a noção exata de seu impacto em suas próprias vidas e na vida dos outros.

No contexto dessa pesquisa, nossa reflexão enfocará a linguagem sobre o trabalho, ou seja, sobre a atividade em si e sua importância na sociedade. As questões que queremos analisar são: como as mulheres, na sociedade, veem o trabalho doméstico? Por que o trabalho doméstico não remunerado não está inserido numa escala produtiva e sim numa reprodutiva? Como o trabalho doméstico não remunerado está organizado no Brasil? Qual o valor social e o papel do trabalho doméstico não remunerado no contexto econômico?

Por conseguinte, postulamos, como *objetivo geral*:

- compreender, na perspectiva filosófica do ato ético responsável e do acontecimento do ser, os sentidos e o valor, atribuídos ao fenômeno *trabalho doméstico*, o qual vem sendo executado historicamente pelas mulheres.

E, como *objetivos específicos*:

- descrever e interpretar, quantiquantitativamente, os temas de predileção, descarte ou exclusivos contidos nos discursos das trabalhadoras domésticas

não-remuneradas sobre o trabalho doméstico e os sentidos produzidos no embate dialógico das vozes que nele se fazem representar;

- descrever e interpretar os sentidos dos acentos apreciativos contidos nos discursos das trabalhadoras domésticas não-remuneradas sobre o trabalho doméstico, em relação ao seu valor na escala social produtiva *para si e para o outro (cônjuge, filhos, irmãos e etc.)*.

Nesta perspectiva, o fenômeno a ser estudado, nesta investigação, são os discursos produzidos na esfera do trabalho doméstico não remunerado. O estudo, de caráter quantiquantitativo, dar-se-á em dois planos de análise necessariamente articulados entre si: (1) da análise dialógica de uma arquitetura do ato unitário e singular, com base no plano concreto do mundo, cujos momentos constituintes são o eu-para-mim, o outro-para-mim e o eu para o outro e em torno dos quais encontram-se dispostos todos os valores da vida real e da cultura (BAKHTIN, 2010); (2) da análise ergológica do trabalho real, com base nos pressupostos teórico-metodológicos da Ergologia, enquanto abordagem interdisciplinar do trabalho e da (inter)subjetividade do trabalhador (SCHWARTZ, 1996, 2011); 3) do trabalho doméstico não remunerado numa abordagem ontológica, fundamentada na hermenêutica heideggeriana (HEIDEGGER, 1995, 1997, 2002, 2004, 2013).

Do arcabouço da teoria dialógica, lançaremos mão das concepções de linguagem, enunciado concreto e enunciação, tema e significação, acento apreciativo, alteridade, desenvolvidas por Bakhtin e o Círculo (BAKHTIN, 2000, 2002, 2010, BAKHTIN; (VOLOCHINOV), 2004).

Na abordagem ergológica, analisamos a forma pela qual as trabalhadoras realizam a atividade industriosa do uso de si, e, também, como fazem o trabalho prescrito e trabalho real.

Na abordagem ontológica, abordamos o trabalho doméstico sob a ótica do *cuidado (Fürsorge)* (HEIDEGGER, 1998, 2002), que significa preocupação, uma vez que o trabalho doméstico remunerado é um trabalho que envolve a dimensão do cuidado de si e do cuidado dos outros.

Para que se compreenda todo o arcabouço de nosso trabalho, estruturamos a tese da seguinte maneira:

Introdução, na qual situamos o contexto da pesquisa, referenciais teóricos, hipótese e objetivos.

O Capítulo 2, no qual esboçamos o estado de arte de nosso tema, desde as suas origens até a atualidade. Para esse fim realizamos uma revisão da literatura, compreendendo os estudos conduzidos por economistas e sociólogos que tratassem do tema *trabalho doméstico não remunerado* e de sua repercussão na economia de países e na sociedade em geral (ÁVILA, 2007; KERGOAT, 2003; BRUSCHINI, 2006; MELO; CONSIDERA; SABATTO, 2007; TRONTO, 2007; DEDECCA, 2004; CARRASCO, 2003). O trabalho remunerado também foi examinado à luz da teoria marxista (MARX, 1980, 1985, 2010), fazendo-se um contraponto com os autores pós-marxistas (GORZ, 2007), (FEDERICI, 2007) a fim de recuperar-se o sentido do trabalho numa perspectiva histórica, e, assim, compreender a noção de produtividade e improdutividade do trabalho doméstico não remunerado. O valor do trabalho doméstico, suas origens e invisibilidade também são discutidos à luz das ideias da pensadora alemã Hannah Arendt (1995) e do filósofo e ergologista francês Schwartz (1998).

No Capítulo 3, discorremos sobre a teoria dialógica da linguagem postulada por Bakhtin e o Círculo, bem como buscamos a hermenêutica da facticidade proposta por Heidegger, por entender que a linguagem perpassa a atividade humana do trabalho e estudá-la significa compreender as questões que estão no evento da vida vivida e no acontecimento do ser. No mesmo capítulo, recorremos à abordagem da ergologia proposta por Schwartz (1998, 2011), a fim de analisar a atividade de trabalho em seus aspectos biológicos, psíquicos e históricos.

O capítulo 4 é dedicado à explicitação da metodologia quantiquantitativa utilizada para a análise dos dados linguísticos: o Método de Análise Lexical, Textual e Discursiva do filósofo e matemático francês Camlong (1996) o qual é operacionalizado através do programa estatístico informatizado STABLEX que permite, através da análise lexical de textos, a visualização da arquitetura dos discursos produzidos por cada uma das participantes de nosso projeto de pesquisa: as trabalhadoras domésticas não remuneradas.

No Capítulo 5 encontram-se as análises quantiquantitativas dos discursos oriundos de entrevistas, auto vídeos e auto confrontações (simples e cruzadas), fundamentadas

nos conceitos propostos no capítulo 3. Os temas que emergiram dos dados linguísticos, decorrentes do processamento estatístico dos textos, e que deram origem a gráficos e tabelas, foram os seguintes: produtividade, cuidado, tempo, afazeres, estados de ânimo e impressões. Neste contexto, analisou-se também, no âmbito do trabalho real realizado pelas trabalhadoras domésticas não remuneradas, o impacto do uso *do corpo de si* em suas vidas cotidianas (SCHWARTZ, 1998, 2011).

Não temos, evidentemente, a intenção de encerrar o assunto nesse trabalho de pesquisa, ele é, na verdade, uma tentativa de trazer uma visibilidade a um trabalho que, apesar de tão necessário, é tão pouco valorizado pela sociedade. É um tema relevante socialmente porque levanta questões acerca da divisão sexual e desigual presente nessa atividade.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 TRABALHO: EM BUSCA DE UM CONCEITO, EM BUSCA DE UM SENTIDO

Levando-se em consideração que o trabalho doméstico não remunerado é considerado um trabalho não valorado, faremos uma revisão histórica das origens desse trabalho, desde os gregos até a contemporaneidade, incluindo-se aí o viés marxista da noção de trabalho, revisitando as ideias da pensadora alemã Arendt (1995). Nesse contexto, estabeleceremos um diálogo produtivo com um pensador contemporâneo, o ergologista francês Yves Schwartz, filósofo e membro do Instituto Universitário da França. Autor de inúmeros artigos e livros, entre eles *Expérience et Connaissance du Travail* (1988), *Travail et Philosophie: convocations mutuelles* (1992) e *Le paradigme ergologique ou un métier de Philosophe* (2000) bem como do ensaio intitulado *Conceituando o trabalho, o visível e o invisível* (2011). Schwartz aborda o trabalho sob o enfoque ergológico, particularmente em duas obras clássicas: *Reconnaissances du travail. Pour une approche ergologique* e *Le paradigme ergologique ou un métier de Philosophe*, respectivamente (SCHWARTZ, 1998; 2000), considerando o uso e a usura das faculdades industriais do homem.

Quanto a Arendt (1995), trata-se de uma pensadora política, de origem judaica, nascida em Linden, Hannover, Alemanha, consagrada como um dos grandes nomes do pensamento político contemporâneo por seus estudos sobre os regimes totalitários e sua visão crítica da questão judaica. No seu livro *A condição humana*, a autora (ARENDT, 1995) sugere que a condição humana esteja relacionada às formas de vida que o homem impõe a si mesmo para a sua sobrevivência. Segundo ela (ARENDT, 1995), tais condições tendem a suprir a existência do homem e variam de acordo com o lugar e o momento histórico no qual ele está inserido. Assim, todos os homens são condicionados de duas maneiras: a primeira, pelos próprios atos, pensamentos e sentimentos. A segunda, pelo contexto histórico no qual estão vivendo (cultura, amigos, família), elementos externos do condicionamento.

Para Arendt (1995), a condição humana estaria relacionada à *vida activa* que compreende três atividades humanas fundamentais as quais correspondem às

condições básicas de sobrevivência e é nessas condições que a vida foi dada ao homem na terra: o labor, o trabalho e a ação. O labor seria o processo biológico necessário à sobrevivência do indivíduo e da espécie humana. Já o trabalho produz um mundo artificial de coisas, diferente de qualquer ambiente natural. Segundo a autora (ARENDT, 1995), a condição humana do trabalho é a mundanidade, uma vez que tudo que é fabricado ou trazido ao mundo é mundanizado. A ação, por sua vez, seria a atividade que é exercida entre os homens sem a mediação de coisas ou de matéria. Ela estaria relacionada à condição humana da pluralidade e seria, então, eminentemente social.

Segundo Arendt (1995), de acordo com o pensamento grego, a capacidade de organização política é oposta à associação natural cujo centro é composto pela casa e pela família. O surgimento da cidade-estado deu, ao homem, uma espécie de segunda vida, uma vida política (*bios politikos*), na perspectiva de Aristóteles. Nesta vida política estariam presentes duas atividades consideradas políticas: a ação (*práxis*) e o discurso (*léxis*). No entanto, para aqueles que não viviam na *polis* – escravos e bárbaros –, esse discurso não era igual à faculdade de falar e, sim, à capacidade de todos os cidadãos de discorrer uns com os outros. Vale lembrar que o conceito de cidadania, na época, não envolvia as mulheres.

A esfera da vida privada (família) e a esfera da vida pública (política) eram distintas e separadas a partir do surgimento da antiga cidade-estado, mas a ascendência da esfera social, que não era nem privada e nem pública, no sentido restrito do termo, é um fenômeno relativamente novo na era moderna. Para a pensadora política (ARENDT, 1995), o entendimento acerca da linha divisória entre as esferas pública e privada é diferente do axioma no qual se baseava todo o antigo pensamento político, uma vez que aquilo a que chamamos de sociedade hoje é, para ela, “um conjunto de famílias economicamente organizadas de modo a constituírem o fac-símile de uma única família sobre-humana, e sua forma política de organização é denominada “nação” (ARENDT, 1995, p. 38).

Para Arendt (1995, p. 39), historicamente o surgimento da esfera pública, muito provavelmente, deu-se a partir da esfera privada da família e do lar. No entanto, a santidade do lar jamais foi esquecida, o que impediu que a *polis* violasse

a vida privada dos cidadãos por entender-se que, sem ser o dono da casa, nenhum homem pode participar dos “negócios do mundo”.

Historicamente, é muito provável que o surgimento da cidade-estado tenha ocorrido às custas da esfera privada da família e do lar. Contudo, a antiga santidade do lar, embora muito mais pronunciada na Grécia clássica que na Roma Antiga, jamais foi inteiramente esquecida. O que impediu que a *polis* violasse as vidas privadas dos seus cidadãos e a fez ver como sagrados os limites que cercavam cada propriedade não foi o respeito pela propriedade privada tal como o concebemos, mas o fato de que, sem ser dono de sua casa, o homem não podia participar dos negócios do mundo porque não tinha nele lugar algum que lhe pertencesse (ARENDT, 1995, p. 39).

Arendt (1995) chama a atenção para o pensamento grego acerca da vida privada, dizendo que ela estava relacionada à necessidade de sobrevivência, uma vez que era a necessidade de viver e de alimentar o corpo que asseguraria a vida da espécie. De acordo com essa perspectiva histórica, a manutenção individual seria tarefa do homem e, a sobrevivência, da espécie, tarefa da mulher. Pode-se observar aí que as tarefas do cuidado e da sobrevivência da espécie eram, desde épocas mais remotas, relacionadas à mulher, a qual seria responsável pelo cuidado e a alimentação do corpo e, conseqüentemente, pela sobrevivência da espécie.

O trabalho doméstico estaria, então, muito mais vinculado ao labor do que ao trabalho. De acordo com Arendt (1995), apesar de as palavras *labor* e *trabalho* estarem muito próximas, em relação ao sentido, de acordo com as línguas europeias, *laborar* significa atender com o corpo as necessidades da vida e, na antiguidade clássica, significava ser escravizado pela necessidade, escravidão inerente à condição da vida humana. Os homens, todos sujeitos às necessidades da vida, só alcançariam o estado de liberdade se subjugassem outros à necessidade. Desse modo, esses homens, algo semelhante a um animal doméstico, estariam sujeitos às atividades consideradas, pelos gregos, como improdutivas, uma vez que não tinham durabilidade alguma. Serviam apenas para a sobrevivência do escravo e do seu senhor (ARENDT, 1995).

A esse respeito, vale destacar ainda que, ao contrário do que aconteceu nos tempos modernos, a escravidão, na antiguidade, não estava relacionada à

exploração da mão-de-obra barata. Ela era, na verdade, uma tentativa de excluir o *labor* da condição da vida humana.

Já a palavra *trabalho* estava relacionada às atividades nas quais os homens produziam qualquer obra digna de ser lembrada, bem como as suas atividades na *polis*.

Segundo Arendt (1995), a diferenciação das atividades que deviam ser *escondidas na privacidade do lar e aquelas que eram dignas de vir a público* (ARENDT, 1995, p. 96), trouxeram questionamentos relacionados à questão do tempo e do esforço, ou seja, perguntava-se se era no privado ou no público em que se gastava mais tempo e esforço.

De acordo com Arendt (1995), na idade média, ainda havia, de certa forma, um abismo entre as esferas pública e privada. Para a autora (ARENDT, 1995), a principal característica do feudalismo foi “*a absorção de todas as atividades para a esfera do lar (privada) e, conseqüentemente, a própria existência da vida pública*” (ARENDT, 1995, p. 43). A esfera da *polis* era a esfera da liberdade, mas, para estar nela, seria necessário vencer todas as necessidades da vida em família. “Ser livre significava ao mesmo tempo não estar sujeito às necessidades da vida nem ao comando de outro e também não comandar” (ARENDT, 1995, p. 41).

Desse modo, para ingressar na vida política era necessário, ao homem, arriscar a própria vida. No entanto, a sobrevivência, a defesa da vida – possíveis apenas na vida privada –, e o amor à vida, representavam um obstáculo à liberdade. É na vida pública, em sociedade, que também espera-se que os seus membros tenham determinados comportamentos associados a inúmeras e variadas regras as quais tendem a normalizar esses indivíduos e fazê-los comportarem-se de modo a reagirem diferentemente do modo como se comportam em sua esfera particular.

No mundo moderno, de acordo com Arendt (1995), as esferas sociais e políticas não diferem muito entre si, uma vez que todas as questões pertinentes à esfera privada da família passaram a ser de interesse coletivo e, assim, essas duas esferas – pública e privada –, recaem uma sobre a outra (ARENDT, 1995).

Poderíamos dizer, então, que a esfera pública apoia-se na esfera privada, uma vez que os cuidados da vida doméstica – trabalho doméstico não remunerado –

, relacionados à sobrevivência, são imprescindíveis para a sustentação da vida pública de qualquer homem. Assim, concordamos com Arendt (1995) quando afirma que o trabalho se diferencia do labor a partir daquilo que é produzido, levando-se em conta a questão da durabilidade. Em outras palavras, tudo o que é produzido pelo processo do trabalho é consumido. No entanto, no caso do labor, a coisa consumida não tem a mesma permanência mundana dos produtos produzidos pelo *homo faber*. Ao tratarmos da questão daquilo que é produzido pelo labor, o qual está relacionado à sobrevivência, poderíamos dizer, então, que o trabalho doméstico não remunerado, cujo produto é consumido mais rapidamente e dá-se na esfera privada, não seria valorado por não ter a mesma durabilidade de objetos como um sapato, por exemplo.

Arendt (1995) segue dizendo que, ao contrário do *animal laborans*, cuja vida é alheia ao mundo e, assim, é incapaz de habitar uma esfera pública e mundana, o *homo faber* é perfeitamente capaz de ter a sua própria esfera pública, embora essa não seja uma esfera política, no sentido da *polis* para os gregos. Essa esfera pública seria o mercado de trocas, lugar onde aquilo que é produzido pelos artífices, por exemplo, é levado para a exposição. É nesse mercado de trocas que os objetos recebem valor, uma vez que podem ser negociados e permutados. A sociedade comercial, típica dos primeiros estágios da era moderna ou do início do capitalismo manufatureiro, resultou dessa produção ostensiva e o seu fim chegou com o enaltecimento do trabalho. Nela, o valor de um determinado produto só poderia ser estimado não pelo seu processo de produção, mas pela esfera pública, na qual o “objeto surge para ser estimado, exigido ou desdenhado” (ARENDT, 1995, p. 177):

O valor é aquela qualidade que nenhuma coisa pode ter na privacidade, mas que todas adquirem automaticamente assim que surgem em público. Esse <<valor negociável>> como disse Locke claramente, nada tem a ver com <<a valia intrínseca e natural de qualquer coisa>>, esta valia é uma qualidade objetiva da própria coisa, <<independente da vontade do comprador ou vendedor individual; algo ligado à própria coisa, existente quer ele queira ou não, e que ele deve reconhecer.>> A valia intrínseca de uma coisa só pode mudar se a própria coisa – como uma pessoa pode destruir a valia de uma mesa retirando-lhe uma das pernas – , ao passo que o <<valor negociável>> de uma mercadoria flutua com a << mudança de alguma proporção entre essa mercadoria e outra coisa qualquer (ARENDT, 1995, p. 177-178).

O valor imputado às coisas passa a ser mais subjetivo, quando trazido para a relatividade da troca, na esfera pública. Segundo Arendt (1995), foi esse conceito de valor que Marx (1980, 1985) introduziu quando disse que as coisas, ideias ou ideias morais só têm valor quando se relacionam com o social.

De acordo com a pensadora política (ARENDT, 1995), não é de se surpreender que a distinção entre labor e trabalho tenha sido ignorada na antiguidade clássica. A diferenciação entre a casa privada e a esfera política pública, entre o doméstico que era um escravo, e o chefe da casa, que era um cidadão, entre as atividades que deviam ser escondidas no ambiente privado do lar e aquelas que eram dignas de vir a público, apagaram e predeterminaram todas as outras distinções até restar somente um critério: é na privacidade ou em público que se gasta a maior parte do tempo e do esforço?

Sem dúvida, a evolução histórica tirou o labor do seu esconderijo e o trouxe à esfera pública, onde ele pode ser organizado e dividido de acordo com a sua produtividade. Contudo, um fato ainda mais relevante nesta questão, já pressentido pelos economistas clássicos, e claramente descoberto e expresso por Marx, segundo Arendt (1995), é que a própria atividade do trabalho (*labor*), independentemente das circunstâncias históricas e de sua localização na esfera privada ou na esfera pública, possui realmente uma produtividade, por mais perecível que seja a durabilidade dos seus produtos. Para a pensadora política (ARENDT, 1995), a produtividade estaria relacionada à força humana empreendida para a produção de qualquer coisa cuja intensidade não se esgota depois que ela produz os meios de sua subsistência e sobrevivência, mas é capaz de produzir um excedente, a qual não se extingue mesmo quando não acrescenta novos objetos ao artifício humano. A sua preocupação maior são os meios da própria reprodução. Essa força não produz outra coisa, senão vida.

O trabalho passa, na era moderna, a ser glorificado e, por isso mesmo, a fonte de todos os valores. Os pensadores da época (século XX) fazem a distinção entre trabalho produtivo e improdutivo e, mais tarde, a noção de trabalho qualificado e não-qualificado. As noções de trabalho produtivo e improdutivo foram exatamente as que prevaleceram como argumento para os grandes teóricos do assunto, a

saber: Adam Smith (1988) e Marx (1980). Para eles, segundo Arendt (1995), o trabalho improdutivo era uma *espécie de perversão do trabalho*. (ARENDT, 1995, p. 97). Era considerado um trabalho sem valor porque não deixava atrás de si nada de concreto. Essa noção de improdutividade do trabalho está de alguma maneira relacionada às atividades consideradas reprodutivas, como é o caso do trabalho doméstico não remunerado.

É na perspectiva valorativa que se dá, na esfera do público, e não do privado, e no que toca a produtividade, que queremos promover um diálogo entre as ideias de Arendt (1995) e as de Schwartz (2011). De acordo com a abordagem de Schwartz (2011), o trabalho não pode ser visto como algo simples que se reduz a uma troca de tempo por salário, mas sim como uma realidade mais complexa a ser compreendida. Todo o pensamento acerca do valor do trabalho não deve estar dissociado de princípios materiais e imateriais, uma vez que nele estão envolvidos aspectos biológicos, psíquicos e históricos. Para ele (SCHWARTZ, 2011, p. 20) o trabalho é uma evidência viva que escapa a toda definição e pergunta: “o que está comprometido – do homem –, no trabalho?”.

Schwartz (2011) aborda a noção de trabalho, indagando suas origens históricas, detalhando suas dimensões invisíveis e seus impasses. O nascimento do trabalho, numa perspectiva histórica dar-se-ia a partir da fabricação das primeiras ferramentas, pelo homem, para a transformação da sua existência, fato que impulsionaria o *homo sapiens* no seu processo histórico. No entanto, na consciência do homem, estaria embutido o conceito de trabalho, mais genérico, relativo ao processo de fabricação. Isso possivelmente teria acontecido desde o homem neolítico. Tais noções, para o autor (SCHWARTZ, 2011) não estão separadas e evocam, de uma forma mais espontânea e massiva, a definição de trabalho *strictu sensu*, que seria uma prestação remunerada de trabalho em uma sociedade mercantil. Essa visão, segundo o ergologista (SCHWARTZ, 2011), tem uma ligação profunda com o desenho do trabalho na Revolução industrial. Segundo ele, é isso que permite distinguir o trabalho do lazer do não trabalho (desemprego). Além disso, distingue, também a esfera socioprofissional da esfera do privado.

O valor do trabalho, a partir do século XIX, está relacionado ao valor mercantil. É em torno dessa noção de tempo vendido, considerada amplamente desigual, que se organizam as classes sociais, os movimentos sociais e a

experiência da exploração. É nessa perspectiva que nasce, a partir de Marx(1978), a noção de trabalho produtivo, a qual remete à ideia do homem como fabricante de ferramentas, definida por Schwartz (2011), como o primeiro nascimento do trabalho, tomado como o trabalho que impulsiona a sociedade a progredir economicamente. Para ele (SCHWARTZ, 2011), a noção de trabalho mercantil, relacionada à quantidade de horas para ser realizado, além de ser um ponto crucial, na história do trabalho, sufocou, mais ou menos, outras noções acerca dele, a saber: trabalho doméstico, trabalho militante, trabalho sobre si.

Na tentativa de pensar acerca do trabalho e seus nascimentos e renascimentos, numa perspectiva histórica, o filósofo diz que os três elementos, a seguir, não interagem, apesar de estarem historicamente situados:

De fato, a história segue de maneira caótica, crítica, com recaídas, ultrapassando de longe os lugares e os tempos ditos 'de trabalho', porque três elementos continuam a interagir, em um relativo desconhecimento recíproco:

[1] a preocupação própria a todo trabalho humano, "sem uma marca particular", teria dito Marx, de normalizar, de racionalizar, de se avaliar, o gênio humano felizmente não retorna ao zero a cada um de seus empreendimentos;

[2] a preocupação própria a nossas sociedades contemporâneas, fundadas sobre a mercantilização do trabalho, de gerá-lo, mesmo em parte às cegas, de se dar instrumentos de governo, de medida, de avaliação do que ele pode trazer ao campo da concorrência mercantil;

[3] o renascimento permanente daquilo que, na atividade humana, escapará necessariamente a toda codificação seja ela qual for, e a fará aparecer aqui como sempre E quem, ao frequentar hoje as atividades de serviço, poderia negar que um 'pensamento', uma operação intelectual, não é fecunda, não é eficaz, visto que tal operação faz parte de um corpo para o qual viver em seu meio de trabalho é valor ou saúde? Quanto à divisão social do trabalho (trabalho entendido aqui como definição de um objetivo de produção de um grupo humano, presidido por uma repartição estabilizada de postos ou empregos a serem ocupados(...)) (SCHWARTZ, 2011, p. 24).

Para Schwartz (2011), é impossível pensar em trabalho sem levar em conta as mobilizações que são feitas por meio do corpo e do fazer humano relacionado à própria história pessoal de quem faz o trabalho. Sendo assim, como se pode decompor o sentido do trabalho? Prosseguindo, o ergologista (SCHWARTZ, 2011) pondera que a noção de trabalho invisível está relacionada ao trabalho das mulheres, inclusive na esfera mercantil, industrial. Isso revela não só a instabilidade

nas fronteiras entre o trabalho masculino e feminino, como também nos remete à desigualdade do *status* do trabalho.

A invisibilidade do trabalho doméstico não remunerado, segundo Schwartz (2011), estaria relacionada “às formas limites” das tarefas domésticas. Essa invisibilidade, para ele, dar-se-ia pelos seguintes motivos: o único trabalho digno de atenção é aquele que está relacionado ao valor mercantil, como se só nele houvesse o envolvimento e o uso de nossas *faculdades industriais*, como se quaisquer trabalhos, mercantil ou não-mercantil, não fossem formas de atividade humana. Seria, então, o fato de que não se leva em conta as dimensões antropológicas do trabalho do gênio humano, para se interessar por ele só quando se encontra enquadrado em uma relação mercantil. Seria, ainda, esquecer o conteúdo tão diversificado de um trabalho considerado informal e suas continuidades entre as formas consideradas domésticas e o trabalho por contrato. A outra razão para isso é que se perderia o alargamento desse benefício, se opuséssemos o trabalho doméstico a outro, o qual se tornaria visível por sua negociação contratual, seus procedimentos operatórios, seus produtos, etc.

Para redescobrir a parte invisível do trabalho doméstico seria necessário mensurar todas “as continuidades, as circulações, as transferências, em todos os sentidos entre o informal, o doméstico e as formas mercantis de contrato” [...]. (SCHWARTZ, 2011, p. 24). Isso significa considerar os recursos, os atos e os espaços onde os corpos e almas humanas atuam na sua atividade de trabalho, até mesmo aquele considerado a partir de uma valoração mercantil.

Para Schwartz (2011), se a atividade doméstica fosse trazida à condição de trabalho, haveria um reequilíbrio à visão da vida social e familiar. Seria possível, também, aprofundar a abordagem do trabalho, em geral, refletindo sobre o que é invisível em cada trabalho.

A fim de compreender melhor os sentidos do trabalho, fizemos no capítulo seguinte uma retrospectiva histórica do trabalho desde os gregos até os dias atuais.

2.2 TRABALHO DOMÉSTICO NÃO REMUNERADO: AS ORIGENS DA INVISIBILIDADE

O trabalho hoje, mais do que nunca, está no centro do debate que toda sociedade mantém consigo mesma. O debate acerca do tema está relacionado ao lugar que o trabalho ocupa em nossas vidas, à falta de trabalho para alguns, às condições de trabalho, a natureza e as transformações relacionadas ao vínculo empregatício e à remuneração salarial (MERCURE; SPURK, 2005).

De acordo com Mercure e Spurk (2005), o conceito e o sentido da palavra *trabalho* variam de acordo com as culturas e as épocas. Algumas culturas não têm uma palavra para designar essa realidade, isso porque a forma de sobrevivência de uma determinada cultura é marcada por um agir relacionado a atividades outras que não podem ser categorizadas como trabalho.

Para compreender melhor os sentidos do trabalho, faremos uma breve retrospectiva histórica do trabalho desde a antiguidade grega até nossos dias.

Os gregos, de acordo com o historiador canadense Migeotte (2005), tinham ideias bastantes diferentes das nossas, na atualidade, acerca do significado do trabalho. As primeiras obras conhecidas, na literatura antiga, são de Hesíodo, 700 a.C. Trata-se das primeiras reflexões acerca de um pensamento em evolução que atinge seu ponto culminante no período clássico, no século V. Segundo Migeotte (2005), esses textos permitiram-nos traçar os contornos do pensamento filosófico acerca do tema ao mesmo tempo em que foram afetados por questões de ordem política, social e econômica.

As atividades de trabalho para os gregos compreendiam os trabalhos de produção agrícola e artesanal, bem como as atividades comerciais. Havia, também, as profissões de poeta, médico e adivinho, as quais eram consideradas como “*ergon*”, “ato” ou “obra” frequentemente empregado no plural, *erga*, para designar “trabalhos” de um tipo definido como os de agricultor ou ceramista. Há, também, no vocabulário grego, o verbo “*ergazesthai*”, o qual exprimia a noção de trabalhar, no sentido concreto. (MIGEOTTE, 2005)

A visão acerca do trabalho, entre os gregos, também estava atrelada à concepção que eles tinham sobre a economia, a qual consistia em atividades de ordem material, ou seja, tudo aquilo que se aplicasse à gestão do *oikos* “casa”, célula baseada na produção agrícola. A agricultura, na filosofia grega, era apresentada, naquela época, como a única atividade que permitia, ao homem livre, viver em harmonia com a natureza e a ordem divina, conforme podemos observar na citação abaixo:

Os gregos reconheciam a utilidade das tarefas materiais e apreciavam o esforço (*ponos*), a habilidade e o trabalho bem feito. Para eles, a agricultura era a atividade primeira, que proporcionava os bens indispensáveis à vida e à qual convinha dedicar todo o cuidado. (MIGEOTTE, 2005, p. 23)

Segundo Migeotte (2005), Xenofonte, soldado e discípulo de Sócrates, consagrara vários capítulos de sua obra, *Econômica* – na qual tecia críticas às profissões de artesão –, aos métodos de cultura e de criação. Não obstante, elogiava, em contrapartida, a forma pela qual as tarefas artesanais eram realizadas em nome de um trabalho bem feito.

Para Aristóteles, a vida contemplativa da política na pólis era uma atividade nobre e, por isso mesmo, estava destinada aos cidadãos abastados economicamente. Sendo assim, o trabalho de artesão (*banausos*), o trabalho de mercador (*agoraios*) e o trabalho de agricultor (*géorgoi*) eram contrários ao cidadão que desejasse viver uma felicidade perfeita na *pólis*, pois era necessário ter lazer (*scholè*) para desenvolver a excelência (*arétè*) e exercer as atividades políticas (MIGEOTTE, 2005). Dessa maneira, os cidadãos menos abastados eram privados da vida na *pólis*. Ainda, segundo Migeotte (2005), havia praças para mercadorias (*agorai*) e outra pura de todas as mercadorias (*éleuthéra*), na qual os trabalhadores e artesãos não podiam entrar, a menos que fossem convocados.

Na *pólis* grega, havia por toda parte, cidadãos que não tinham direito político algum. Incluía-se, nesse grupo, homens e mulheres livres, cujos direitos eram limitados, e os escravos, privados de liberdade. As mulheres, ainda que recebessem o título de *cidadãs*, por serem esposas dos cidadãos, não tinham direitos políticos. Eram esses, homens e mulheres livres e escravos que serviam de

mão-de-obra em todas as áreas, desde os trabalhos domésticos, agrícolas e artesanais até as empresas e serviços públicos (MIGEOTTE, 2005).

Dando um grande salto na linha do tempo, vamos para o século XVIII, período da revolução industrial, no qual ocorreram enormes transformações no cenário europeu. O ritmo de trabalho foi alterado uma vez que, nas fábricas, os trabalhadores foram obrigados a acompanhar o ritmo da máquina a vapor, a qual trouxe um grande impulso ao setor têxtil. De acordo com Oliveira (2004), a energia a vapor também alterou o desenvolvimento dos transportes utilizados como condutores de mercadorias de um lugar a outro. Houve, também, a passagem do sistema de produção artesanal para o sistema fabril, a qual foi marcada por inovações técnicas dando lugar à mecanização do trabalho.

Um outro aspecto observado por Oliveira (2004) foi que a automação do trabalho diminuiu o emprego de mão-de-obra, ainda que o processo de automação da indústria não se desse sem a presença da força humana. A revolução industrial trouxe, em seu bojo, a perda do direito ao uso da terra e a exploração do trabalho de forma opressiva, tornando as relações entre patrões e empregados muito duras e impessoais. Além das crianças terem sido muito cedo incorporadas ao trabalho fabril, as mulheres, por sua vez, tiveram as suas jornadas de trabalho aumentadas, o que piorou ainda mais a sua condição, uma vez que passaram a trabalhar longas horas com salários baixos. Assim, as jovens mães começaram a criar seus filhos mais cedo ao irem para a cidade e as crianças passaram a adoecer por falta de cuidados, uma vez que as mães passaram a dividir seu tempo entre as tarefas públicas e privadas. As crianças adoeciam também por falta de uma alimentação adequada e, as maiores, morriam vitimadas por acidentes de trabalho. De acordo com Thompson (1988), o *status* da mulher não foi elevado, na Revolução Industrial, pois além de trabalharem mais horas e receberem uma remuneração inadequada, as mulheres viviam em moradias apertadas e, assim, em péssimas condições de vida, sujeitas à mortalidade de suas crianças em partos feitos sob condições insalubres. De acordo com Hobsbawn (1962), historiador britânico, no seu livro *A era das revoluções*, durante a Revolução industrial, nas fábricas onde a disciplina do operariado era urgente e necessária, mulheres e crianças eram contratados porque eram mão-de-obra dócil e barata.

No Ocidente, a noção de trabalho passou por muitas mudanças, desde o século XVII, e tem seu apogeu no século XIX, momento em que é visto como uma qualidade ontológica. Friedrich Engels, em seu livro *Sobre o papel do trabalho na transformação do homem em macaco* (1991), baseado na teoria evolucionista, dizia que as transformações que fizeram do macaco, um homem, foi a necessidade de sobrevivência. A escassez de alimentos e o domínio dos territórios fez com que os macacos em manada se adaptassem a outro tipo de alimentos e isso, provocou, segundo Engels (1991), uma mudança biológica nos macacos e os transformou em humanos. Mas tudo isso ainda não era trabalho de fato. O trabalho só começou mesmo quando o homem começou a criar instrumentos. Os primeiros instrumentos foram os da caça e os da pesca. A alimentação com carne, segundo Engels (1991), foi responsável não só por mudanças orgânicas como deram a emancipação ao homem, o qual, além de aprender a se alimentar com várias coisas, também pôde ocupar, com o auxílio de alguns animais – os quais ofereciam pele, carne e transporte –, qualquer trecho do planeta, fosse ele quente ou frio. Dessa forma, o homem pode adaptar-se a quaisquer situações com a ajuda da natureza, e também com o seu trabalho. Graças à cooperação das mãos, dos órgãos da linguagem e do cérebro, os homens foram aprendendo a executar cada vez mais atividades complexas e a alcançar objetivos cada vez mais elevados (ENGELS, 1991).

No século XIX, a partir das ideias do filósofo alemão Georg Wilhelm Friedrich Hegel, o trabalho passou a ser considerado como um ato de exteriorização do sujeito. Uma questão fundamental em sua filosofia a respeito do trabalho era: *como acontece que, ao trabalhar, o sujeito não exteriorize somente alguma coisa, mas exteriorize a si mesmo?* (BUSCH, 2005, p. 88). Nesse sentido o trabalho era visto por ele como uma ação intencional. Em *A filosofia do espírito de Iena*¹ a ação intencional correspondia, segundo Busch (2005), a um sujeito dotado de vontade e inteligência, um ser-para-si, que era dotado da capacidade de *determinar a si mesmo* e que, querendo alguma coisa, determinava-a para si mesmo, fixando-a como objetivo. Assim sendo, era o ato de querer que atualizava essa capacidade. Em outras palavras, a ação intencional caracterizava-se por três relações

¹ A filosofia do espírito é um manuscrito constituído de notas de aulas de 1805-1806, publicado após a morte do autor.

diferentes: o objetivo estabelecido pelo sujeito, a realização do objeto e o objetivo realizado.

O agir ético, descrito por Hegel (1999), além de sua essência era, ao mesmo tempo, potência absoluta. Nessa perspectiva, o trabalho, para Hegel (1999), seria uma ação intencional, uma atividade que é refletida em si na medida que permite, ao sujeito, referir-se a si mesmo bem como ao autor dessa atividade e de seu resultado.

Adam Smith (1988) , em sua obra *A Riqueza das Nações*, sustentava que não era a natureza nem o acúmulo de metais preciosos que estavam na base da riqueza, mas o homem e seu trabalho. Assim, se o trabalho era a base da riqueza, o aumento desta seria consequência do aumento da capacidade de produção do trabalho. Para Smith (1988), esse aumento devia-se à divisão do trabalho, a qual desenvolveria a especialização das tarefas e diminuiria as perdas de tempo causadas pelas mudanças nas tarefas, favorecendo também a invenção das máquinas, tanto pela especialização quanto pela divisão social do trabalho resultante de sua divisão técnica. Para Smith(1988), o trabalho é a maior de todas as riquezas do mundo e o valor dessa riqueza para aqueles que a possuem e a desejam trocar por novos produtos é exatamente igual à quantidade de trabalho que essa riqueza pode comprar.

De acordo com Smith (1988), o valor das mercadorias deveria ser o resultado do tempo gasto e da dificuldade em se fazer determinado trabalho. No entanto, o valor dado a elas não era ajustado pela medição exata de tempo e dificuldade de realizar o trabalho, mas sim pelo regateio feito no mercado, de acordo com um tipo de igualdade aproximativa, mas não exata. O trabalho, para Smith (1988), era a única medida universal de valor e o único padrão através do qual se podia comparar os valores de diferentes mercadorias em todos os tempos e lugares.

No século XX, o trabalho passou a ser visto sob o viés sociológico, sendo, assim, permeado pelas questões sociais relacionadas às mutações pelas quais o trabalho passou nas sociedades capitalistas. Houve, naquele século, também, um olhar filosófico, proporcionou uma crítica a respeito da condição humana, perspectiva na qual o homem não poderia ser reduzido à imagem do *homo faber*².

² Conceito de ser humano como ser capaz de fabricar ou criar com ferramentas e inteligência.
Fonte: Dicionário priberam disponível em www.dicionario.priberam.org acesso em 19 mar 2019

Assim sendo, as Ciências Humanas, não puderam deixar de considerar a estreita relação entre a sociedade, o homem e o trabalho, tendo em vista que este afirmou-se como uma das formas da presença do homem moderno na sociedade (MERCURE; SPURK, 2005).

Desde então, o trabalho, a partir do final do século XIX até os dias atuais, tem sido alvo de intenso debate teórico acerca de sua importância como categoria ontológica fundamental da existência humana. Dentre esses teóricos, podemos citar Marx em suas obras *Manuscritos econômico-filosóficos* (1844, 2010); *Capital*, livro I, capítulo VI (1978); *O Capital* (livro I, Vol. I) (1980); Hannah Arendt: *A condição humana* (1995); GORZ: *Metamorfoses do trabalho* (2007).

Marx (2010), em sua obra *Manuscritos econômico-filosóficos*, editada pela primeira vez em 1844, descreve o trabalho numa perspectiva da autogênese humana, ou seja, o trabalho representando, para o homem, uma relação recíproca com a natureza, fazendo com que o homem não fosse apenas um ser natural, objetivo, mas um ser humano, natural para si próprio, um ser universal, genérico. Para ele (MARX, 2010) era isso que diferenciava o homem dos demais animais, uma vez que enquanto o homem inicia a produção dos seus meios de vida, os animais extraem sua sobrevivência unicamente da natureza. Marx (2010) também apresentava o trabalho como elemento de subordinação ao capital, como trabalho *estranhado*, como trabalho de sacrifício, no qual o homem se sente fora de si, subtraído, diante do que é produzido.

Para o filósofo alemão (MARX, 2010), o trabalhador quanto mais produz, mais se torna pobre. Com a *valorização* do mundo das coisas (*Sachenwelt*), o trabalhador se torna algo mais barato do que aquilo que cria, uma vez que ele é desvalorizado no mundo dos homens:

O trabalho não produz somente mercadorias; ele produz a si mesmo e ao trabalhador como uma mercadoria, isto é, na medida em que produz, de fato, mercadorias em geral. (...) O produto do trabalho é o trabalho que se fixou num objeto, fez-se coisa (*Sachlich*), é a *objetivação* (*Vergegenständlichung*) do trabalho. A efetivação (*Verwirklichung*) do trabalho é a sua objetivação. (MARX, 2010, p. 80)

Segundo Marx, nessa perspectiva, o trabalho se torna, ele mesmo, um objeto, do qual *o trabalhador só pode se apossar com os maiores esforços e com as mais extraordinárias interrupções* (MARX, 2010, p. 81). Tanto mais o trabalhador produz, menos pode possuir e mais fica sob o domínio do seu produto, do capital. Isso significa, para Marx(2010), que quanto mais o trabalhador se desgasta, trabalhando, tanto mais poderoso fica o mundo que ele cria, ao passo que o mundo interior, desse trabalhador, empobrece. E por que isso acontece? Para Marx (2010), quanto mais o trabalhador se apropria do mundo externo, da natureza, por meio de seu trabalho, mais ele se priva dos *meios de vida*. Quanto mais ele produz, menos tem para consumir, mais servo da natureza se torna, nesse processo de estranhamento em relação ao que produz.

Em sua obra *Metamorfoses do trabalho: crítica da razão econômica*, na qual o filósofo e sociólogo francês Gorz (2007) discute as transformações ocorridas no trabalho no curso da história bem como a consequente economicização do mundo, à luz de pensadores considerados chave para o desenvolvimento de seu pensamento (tais como Marx, Arendt, Habermas e Weber, para citar alguns), Gorz (2007) sugere que o trabalho seja uma invenção da modernidade, ou melhor dizendo, uma invenção do industrialismo. Assim sendo, o trabalho, sob essa ótica, não se confundiria com afazeres necessários à vida humana nem com a reprodução, mas estaria relacionado à esfera pública a qual definiria e reconheceria determinada atividade remunerada. Por esta razão foi considerado, pelo autor (GORZ, 2007), como o mais importante fator de socialização humana, uma vez que é pelo trabalho remunerado que adquirimos “uma existência e uma identidade sociais” (GORZ, 2007, p. 21).

Para ele (GORZ, 2007), a ideia contemporânea do trabalho surge com o capitalismo manufatureiro, no século XIX. Anteriormente, o conceito de trabalho estava relacionado à ideia de labuta dos servos e dos trabalhadores por jornada e produtores de bens de consumo ou dos serviços necessários à sobrevivência. Os artesãos não eram considerados trabalhadores, eles realizavam obras, objetos duradouros, muitas vezes, legados à posteridade. As obras produzidas por esses artistas, bem como as novas técnicas ou novas máquinas deviam ser aprovadas por um *conselho*. Na questão salarial, os salários dos diaristas e dos aprendizes eram fixados pela corporação. Para ele (GORZ, 2007), a produção material não era,

desse modo, regida por uma racionalidade econômica, comum ao capitalismo manufatureiro, já que, até o final do século XIX, a exemplo da Grã-Bretanha, ainda coexistiam negócios regidos por tradições sociais.

Apesar da racionalidade econômica ser regida por princípios ideológicos e culturais, o capitalismo industrial, tal como é hoje, só foi possível depois que essa racionalidade emancipou - se desses princípios e, assim, reduziu os valores e fins irracionais, do ponto de vista econômico, entre os indivíduos. Nesse paradigma, passaram a vigorar as relações monetárias entre as classes, relações de forças entre o homem e a natureza, uma relação instrumental, *“fazendo nascer com isso uma classe de operários-proletários totalmente despossuídos, reduzidos a nada mais que força de trabalho intercambiável”* (GORZ, 2007, p. 28)

De acordo com Gorz (2007), o trabalho sob a ótica marxista, ao mesmo tempo em que funda um poder colossal dos trabalhadores, produz uma relação demiúrgica do homem com a natureza. Esses trabalhadores despossuídos passam a ser um acessório da máquina e dele exigem-se operações simples, rapidamente aprendidas e conseqüentemente monótonas, ou seja, ao mesmo tempo em que o trabalho se transforma em sentido e “motor” da história, graças “a sua racionalização capitalista”(GORZ, 2007, p. 26), ele também desumaniza o trabalhador que, sob essa perspectiva, deveria adentrar no processo produtivo desprovido de sua subjetividade, singularidade e motivações.

Nesse sentido, o trabalho industrial passou a constituir um esforço no sentido de distinguir o trabalho quantificável economicamente do trabalhador. Ora, para os operários do final do século XVIII, o trabalho era considerado uma habilidade intuitiva. Segundo Gorz (2007), o trabalhador não perguntava quanto podia ganhar por dia se fornecesse o máximo de trabalho possível. A questão para ele era quanto devia trabalhar para garantir as suas necessidades corriqueiras. Diante disso, a burguesia considerava os trabalhadores preguiçosos e indolentes e, desse modo, não viu outra maneira de conseguir o que queria a não ser pagando salários cada vez mais rebaixados para que os operários trabalhassem cada vez mais a fim de garantirem a sua sobrevivência.

A partir disso, a racionalização econômica do trabalho consistiu numa revolução, numa mudança das relações sociais, do modo de vida, dos valores e das

relações com a natureza, trazendo, de certa forma, uma mudança na produção e consumo do que passou a ser produzido, como nos descreve Gorz (2007)

O tempo de trabalho e o tempo de viver foram desconectados um do outro: o trabalho, suas ferramentas, seus produtos, adquiriram uma realidade separada do trabalhador e diziam agora respeito a decisões estranhas a ele. A satisfação em “fazer uma obra” comum e o prazer de “fazer” foram suprimidos em nome das satisfações que só o dinheiro pode comprar. Dito de outra maneira, o trabalho concreto só pôde se transformado naquilo que Marx chamará o “trabalho abstrato” ao engendrar, no lugar do operário-produtor, o trabalhador-consumidor: isto é, o indivíduo social que não produz nada do que consome e não consome nada do que produz; o indivíduo para o qual a finalidade essencial do trabalho é ganhar o suficiente para comprar as mercadorias produzidas e definidas pela máquina social em seu conjunto (GORZ, 2007, p. 30).

Diante da realidade dessa realidade de produção-consumo, a sociedade moderna passou a entender o trabalho como aquele que seria exercido num espaço urbanizado, por um sujeito do sexo masculino, com uma determinada carga horária, vendendo a sua força de trabalho em troca de um salário. Essa forma de desenvolvimento urbano e industrial organizou o sistema de trabalho de modo a atender aos interesses econômicos da burguesia e do patriarcado e dessa forma, colocou os homens no campo da produção econômica e as mulheres no campo da reprodução social.

o processo capitalista de produção, considerado em seu conjunto ou como processo de reprodução, produz não apenas mercadorias, não apenas mais-valor, mas produz e reproduz a própria relação capitalista: de um lado, o capitalista, do outro, o trabalhador assalariado. (MARX, 1978, p. 795)

A concepção de trabalho descrita por Marx é aquela que exclui todo tipo de trabalho que não gere lucro, ou seja, para o capitalismo só é trabalhador aquele que emprega a força de trabalho que produza *mais-valia*, o trabalho que é consumido diretamente no processo de produção com vista à valorização e acúmulo do capital. Segundo Marx (1978), o salário destinado a um trabalhador poderia ser pago com as riquezas que ele produz. No entanto, de acordo com o contrato de trabalho, o operário seria obrigado a cumprir os demais vinte dias restantes para receber o seu salário de forma integral. Sendo assim, o dono da empresa pagaria o valor equivalente a dez dias trabalhos e receberia gratuitamente a riqueza produzida nos

vinte dias restantes. Essa teoria era considerada por Marx (1978) como a “teoria da mais valia absoluta”. De acordo com Spurk (2005), esta maneira de produzir uma mais-valia esbarra em seus próprios limites: razões materiais, mas também por razões morais e sociais, não se pode prolongar de maneira indefinida a jornada de trabalho e os períodos de trabalho, como os debates sobre o trabalho das crianças e das mulheres em relação à redução da jornada de trabalho. Paralelo a esse processo, também ocorria a *mais valia relativa*. Segundo essa teoria, o trabalhador tinha que adequar o exercício de suas funções ao uso de um novo maquinário que fosse capaz de produzir mais riquezas em um período de tempo cada vez menor. Sendo assim, ficava sendo necessário, apenas 05 dias, por exemplo, para que ele, o empregador, pudesse pagar pelo mesmo salário mensal que pagava ao seu empregador. De acordo com Spurk (2005), a presença das máquinas na cena do trabalho, de alguma maneira, baixou o valor da força de trabalho humana, visto que o valor das mercadorias que sua reprodução requeria baixou.

Trazendo essas considerações para o fenômeno trabalho doméstico não remunerado, vimos que ele não se encaixa na lógica capitalista porque não gera renda e, além disso, tudo aquilo que é produzido não é valorado no mercado, uma vez que é feito dentro do ambiente privado das residências.

A forma como se constitui o trabalho na sociedade capitalista reforça as desigualdades entre homens e mulheres no mundo do trabalho, na medida em que atribui maior valor produtivo e menor valor ao trabalho reprodutivo. Dessa maneira, as mulheres não se reconhecem como trabalhadoras uma vez que não realizam o trabalho formal, dito remunerado. As obrigações realizadas pelas mulheres são consideradas como obrigações femininas que fazem parte da rotina das mulheres.

Federici (2017), escritora, professora e ativista feminista ítalo-estadunidense, em seus trabalhos, conclui que o trabalho reprodutivo e de cuidados que fazem grátis as mulheres é a base sobre a qual se sustenta o capitalismo. Em seu artigo intitulado “Notas sobre gênero em ‘O capital de Marx’”, publicado em setembro de 2017, a autora defende a tese de que gênero não era, de fato, uma preocupação para Marx, uma vez que a emancipação das mulheres era, para ele, algo periférico em seu trabalho político.

A autora (FEDERICI, 2017) afirma, ainda, que Marx não considerava aspectos como esfera de atividades e relações pelas quais nossas vidas e a força de trabalho são reproduzidas, deixando de lado, então, o trabalho doméstico não remunerado das mulheres. No ideal marxista, o trabalho industrial era “a forma normativa” de produção social.

As análises do capital e da classe foram feitas por Marx a partir de uma ótica masculina, a do homem que trabalha, o assalariado industrial, aquele que segundo Federici (2017, p. 3) é considerado “o portador da aspiração universal à libertação humana”. Ainda assim, a despeito do que a autora chama de “descuidos” de Marx em relação à questão da atividade doméstica não remunerada das mulheres, bem como dos seus direitos, permitiu que o movimento feminista, na década de 70, ainda assim, encontrasse, em Marx, o fundamento para a uma teoria feminista centrada na luta das mulheres contra o trabalho doméstico.

Enquanto Marx, como propulsor da “emancipação das mulheres” mediante sua participação na produção social entendida como trabalho industrial, inspirou gerações de socialistas, as feministas descobriram na década de 1970 um novo Marx: contra as tarefas domésticas, a domesticidade, a dependência econômica aos homens, apelaram para seu trabalho em busca de uma teoria capaz de explicar as raízes da opressão das mulheres a partir de uma perspectiva de classe. (FEDERICI, 2017, p. 18-19)

No capital Volume I, (MARX, 1980, 1985) nos capítulos “A jornada de trabalho” e “Máquinas e grande indústria” é possível ler citações de Marx, com base em relatórios dos inspetores de fábrica contratados pelo governo inglês para que houvesse um limite de horas de trabalho para mulheres e crianças. Nesses relatos é possível perceber a denúncia da exploração do trabalho infantil e do trabalho feminino nas indústrias.

Apesar da denúncia, Marx apenas descreve um estado de coisas que aconteciam naquela época, sem fazer uma análise mais aprofundada da questão de gênero. Paralelo a isso, as denúncias do filósofo (MARX, 1980, 1985) também apontavam para o fato de que as mulheres que trabalhavam na indústria descuidavam dos seus afazeres domésticos e tinham assim uma relação “promíscua” com sua família. Segundo Federici (2017), falta ao filósofo (MARX,

1980, 1985) uma análise de como o emprego de mulheres e crianças afetou a luta dos trabalhadores, quais debates motivaram suas organizações ou como a entrada da mulher no mercado fabril afetou as relações entre homens e mulheres:

As questões de gênero têm um lugar marginal em *O Capital*. Em um texto de três volumes de milhares de páginas, apenas uma centena se refere à família, à sexualidade, ao trabalho das mulheres, e estas são as observações de passagem. Faltam referências aos gêneros, mesmo onde são mais esperadas, como nos capítulos sobre a divisão social do trabalho ou sobre os salários. (FEDERICI, 2017)

Federici (2017) conclui ainda que Marx considerava o trabalho doméstico não remunerado como um trabalho que não tinha sido formalmente moldado para se adaptar às necessidades mais específicas do mercado de trabalho por perceber que ele satisfazia apenas as necessidades naturais, além de ser um trabalho historicamente atrelado à reprodução.

Para essa feminista (FEDERICI, 2017), o silêncio e o desinteresse de Marx sobre o trabalho doméstico não remunerado se deveu ao fato da naturalização desse trabalho, bem como da própria desvalorização dele em relação ao trabalho de fabricação.

A autora (FEDERICI, 2017) diz ainda que Marx deveria ter percebido que o capitalismo subordina o trabalho doméstico feminino não remunerado à produção de força de trabalho e o que se extrai dele é muito mais do que se extrai durante a jornada de trabalho pois inclui as tarefas domésticas as quais sustentam o trabalho remunerado. O desinteresse de Marx pelo trabalho doméstico não remunerado, segundo Federici (2017), tem raízes profundas decorrentes da naturalização e desvalorização desse trabalho se comparadas ao trabalho de fabricação.

Dentro desse processo de desvalorização, cabe também ressaltar que a tradição da economia, numa perspectiva neoclássica, cuja abordagem assumiu-se como ciência positiva e cuja ética era neutra, resultou num modelo de família no qual o homem opera como ganha-pão e a mulher assegura o trabalho doméstico e as esferas de reprodução. Segundo Coelho (2011), Gary Becker, economista, teve, entre outros méritos, o de recuperar a importância da produção doméstica para a

Economia. Para Becker (1991), a família deixaria de ser considerada uma unidade de consumo para ser encarada também como uma unidade de produção de mercadorias domésticas, as quais resultam da produção familiar. Dessa forma, economicamente, o trabalho doméstico deveria entrar na escala econômica de um país. No entanto, ele é considerado como inatividade econômica, o que se configura em sonegação ao objeto de estudo e uma desconsideração econômica das próprias mulheres. De acordo com Coelho (2011, p. 11), trabalho produtivo seria aquilo que é “economicamente relevante”; no entanto, a economia considera o trabalho doméstico como improdutivo, uma vez que não ele não está incluso nas análises econômicas.

A omissão do papel produtivo do trabalho doméstico expressa-se, não só nas análises microeconômicas (que estudam os comportamentos econômicos dos indivíduos, famílias e empresas) mas, também, nas abordagens macroeconômicas, ou seja, aquelas que estudam o comportamento dos agregados econômicos de um país, como o produto nacional, o emprego/desemprego, a inflação, etc (COELHO, 2011, p. 11).

De acordo com Ávila (2007), no século XIX, no Ocidente, o modelo feminino estava relacionado à organização do trabalho doméstico e à manutenção do poder dos homens. Nesse contexto, a representação da identidade feminina, tanto em seus atributos sociais e psíquicos, continuava atrelada ao trabalho doméstico.

Ainda, segundo a mesma autora (ÁVILA, 2007), observa-se, historicamente, a presença de trabalhadoras assalariadas no período da revolução industrial, bem como a tentativa de não se considerar essas mulheres como parte de uma classe trabalhadora. Essa negação estava ligada, evidentemente, ao fato de as mulheres serem consideradas fora do seu lugar, uma vez que o lugar destinado a elas era a esfera privada do trabalho doméstico. A estratégia seria a de explorar e, ao mesmo tempo, oprimir as mulheres a fim de manter a organização social do trabalho na esfera da divisão sexual e, assim, manter a ordem natural das coisas.

De acordo com Connel e Pearse (2015), a mulher tem sempre um papel secundário em vários espaços da sociedade. Na internet, as imagens dos corpos femininos são bastante consumidas, no entanto, são poucas as mulheres que produzem conteúdos na rede. O acesso à rede também é desigual. De acordo com

pesquisas da Intel, empresa multinacional de tecnologia, em 2013, o número de acessos das mulheres à rede é 25% menor que o de homens. Na política, as mulheres continuam sendo minoria. São poucas as mulheres que assumem a chefia de governos como a Rússia moderna, a China, o Japão para citar alguns países. Em 2012, apenas quatro países tinham mulheres ocupando pelo menos a metade de seus ministérios (Noruega, Suécia, Finlândia e Islândia). As poucas mulheres que chegam a esses postos, geralmente, são encarregadas de áreas como assistência social ou educação. Os homens, chefes de estado, por sua vez, ocupam áreas como impostos, investimentos, tecnologia, relações internacionais, segurança e setores militares.

O mesmo, de acordo com as autoras (CONNEL; PEARSE, 2015), acontece no mundo dos negócios. Apenas sete dentre as duzentas empresas listadas no topo da bolsa de valores australiana em 2012, tinha mulheres como CEO (Chief Executive Officer), diretor executivo em português. Entre as 500 empresas listadas na revista *Fortune*, de 2013, apenas 22 tinham uma mulher como CEO.

Esses números trazidos por Connel e Pearse (2015) reforçam que as mulheres apesar de serem parte importante da população economicamente ativa, elas têm se concentrado em postos de serviços menos valorizados. Geralmente estão envolvidas em postos de atendimento ao consumidor (telemarketing), limpeza, merenda, e outros tipos de trabalho relacionados ao cuidado, como educação básica ou enfermagem. Elas também podem ser encontradas em indústrias que precisem de mãos ágeis para fazer um trabalho mais minucioso, como é o caso da indústria de chips. Connel e Pearse (2015) denunciam que em todo o planeta, os homens são a maioria na força de trabalho relacionada a cargos de gestão, contabilidade, no direito e em profissões técnicas como engenharia e postos ligados à computação.

Por trás do trabalho remunerado, existe o trabalho doméstico não remunerado, o trabalho do cuidado, o qual é destinado às mulheres em todas as sociedades contemporâneas, uma vez que estatisticamente, são elas que realizam a maioria das tarefas de limpeza, cozinha, costura, cuidado com crianças e etc. Para Pearse e Connel (2015), esse trabalho está associado a uma definição cultural das mulheres como pessoas cuidadosas, gentis, diligentes, estando sempre prontas para sacrificarem pelos outros. Em geral, espera-se que os homens sejam

responsáveis por tomar decisões e ganhar o pão, consumindo os serviços prestados pelas mulheres.

Corroborando com essa visão, o filósofo e sociólogo francês André Gorz (1982), em seu livro *Adeus ao proletariado*, lembra que o trabalho doméstico não deve ser confundido com atividade autônoma. Segundo o autor (GORZ, 1982), a noção *trabalho doméstico* surgiu como um tipo de divisão sexual do trabalho no período do industrialismo. A mulher ficava, então, aprisionada às tarefas domésticas consideradas improdutivas para que o homem pudesse direcionar suas energias para a fábrica ou a mina. Por isso mesmo, a atividade doméstica realizada pela mulher passava da condição de autônoma para uma atividade “apêndice subalterno” (GORZ, 1982, p.14).

No século XIX, (ÁVILA, 2007), a inserção das mulheres no mercado de trabalho, ainda que de forma assalariada, gerou alguns problemas, os quais precisavam de uma resolução urgente. Alguns dos problemas levantados diziam respeito ao sentido atribuído à feminilidade, relacionado à compatibilidade com o trabalho assalariado. As questões, debatidas em termos morais e categoriais, eram colocadas da seguinte forma: “Devem as mulheres trabalhar por salários?”; “Qual o impacto do trabalho assalariado no corpo feminino e sua capacidade de desempenhar as funções maternais e familiares?”; “Que tipo de trabalho é adequado para uma mulher?” Isso só comprova a tese de Ávila (2007), quando sugere que a divisão do trabalho, na sociedade, deu-se sob uma ótica sexual, uma vez que o trabalho e o pagamento de salários, sempre estiveram associados ao corpo e ao poder, já que essa era uma tentativa de oprimir as mulheres e manter, assim, a hierarquia patriarcal.

A esse respeito, Connel e Pearse (2015) nos dizem que há uma divisão mais ampla entre o mundo do trabalho pago e da produção para os mercados, definido como universo dos homens (apesar de haver a presença feminina nele) e o mundo do trabalho não remunerado, a casa, definida como universo das mulheres (apesar da presença masculina ali).

Segundo as autoras (CONNEL; PEARSE, 2015), o que governa essas relações sociais não são as noções de masculinidade e feminilidade, mas sim as esferas onde essas atividades acontecem. Na economia, o trabalho é comprado e

vendido, e os seus produtos são colocados num mercado que opera sob a ótica do lucro. Em casa, o trabalho é feito por amor ou obrigação mútua, os produtos resultantes desse trabalho são uma dádiva e a troca dessas dádivas prevalece.

As autoras (CONNEL; PEARSE, 2015) defendem que o trabalho doméstico e o cuidado com as crianças são árduos mesmo que essas trabalhadoras contem com eletrodomésticos de última geração para ajudá-las no trabalho. Desse modo, o trabalho doméstico não remunerado e o trabalho remunerado de um emprego são realizados em diferentes relações sociais e, conseqüentemente, tem significados culturais diferentes.

De acordo com Mies, teórica alemã que formulou a questão da divisão de trabalho (apud CONNEL; PEARSE, 2015, p. 166), *“a economia global se desenvolve por meio de um processo duplo de colonização e de “donadecasificação”*. Atualmente, o quadro é muito mais complexo, uma vez que as mulheres apesar de estarem inseridas no mercado de trabalho, encontram-se em trabalhos informais e desprotegidos nas indústrias, por exemplo.

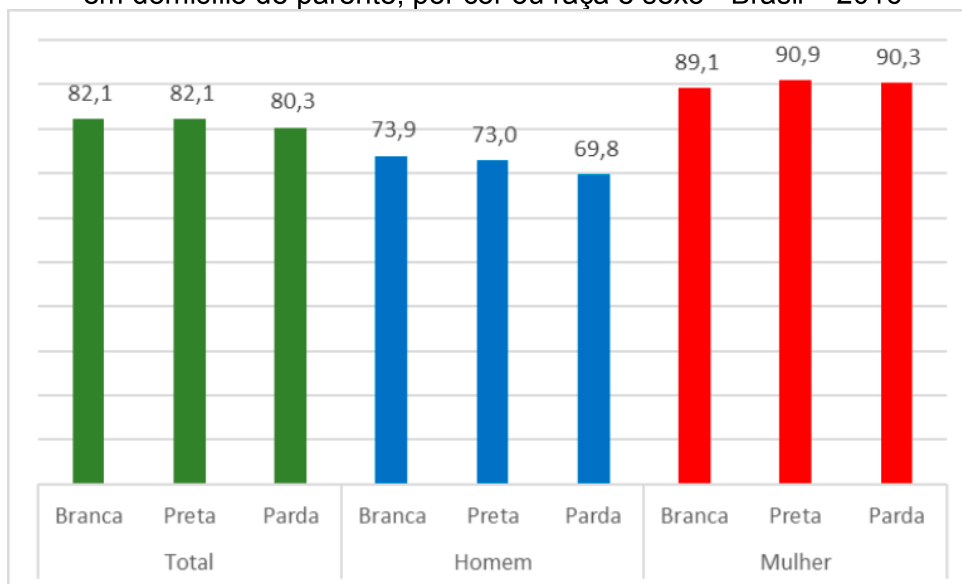
Para Connel e Pearse (2015), os regimes de gênero de grandes corporações e mercados globais usam e aplicam os produtos do trabalho de homens e mulheres de formas generificadas. A forma como distribuem os lucros tende a favorecer os homens, uma vez que as mulheres que trabalham na indústria continuam concentradas em empregos temporários ou sazonais, enquanto as poucas vagas de trabalho permanente são reservadas para os homens. Esse processo de generificação também atinge as instituições educacionais, uma vez que haverá uma divisão nos sistemas educacionais que preparam as pessoas para determinados trabalhos. É familiar aos professores que as disciplinas ligadas aos cursos de engenharia e computação, no nível técnico e médio, sejam procuradas por meninos, enquanto que as disciplinas ligadas aos cursos de artes e preparação de alimentos sejam procuradas por meninas.

2.3 TRABALHO DOMÉSTICO NÃO REMUNERADO: *UM TRABALHO QUE CONTA NO BRASIL E NO MUNDO*

De acordo com o IPEA (Instituto de Pesquisa Aplicada), de 2015, as mulheres trabalham em média 7,5 horas a mais que os homens por semana. Em 2015, a jornada total média das mulheres era de 53,6 horas, enquanto a dos homens era de 46,1 horas. Em relação às atividades não remuneradas, mais de 90% das mulheres declararam realizar atividades domésticas – proporção que se manteve quase inalterada ao longo de 20 anos, assim como a dos homens (em torno de 50%).

Um outro dado ainda mais atualizado, que encontramos no PNAD contínua, 2016, (cf. relatório do IBGE de 2017), aponta que as taxas de realização de afazeres domésticos das mulheres superavam as dos homens nos três grupamentos de cor ou raça: enquanto as taxas das mulheres ficavam em torno de 90%, a dos homens ficava abaixo dos 74%, como mostra o Gráfico 1 a seguir.

Gráfico 1 – Taxa de realização de afazeres domésticos no domicílio ou em domicílio de parente, por cor ou raça e sexo - Brasil – 2016



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua, 2016

Melo e Castilho (2009) sugerem que os estudos feministas têm como uma das temáticas recorrentes a invisibilidade do trabalho feminino uma vez que esta está ligada à desqualificação do trabalho doméstico e à interioridade feminina. Denunciam (MELO; CASTILHO, 2009), também, que os estudos econômicos restringem - se à produção mercantil de bens e serviços, deixando de lado os estudos relativos às atividades que dizem respeito ao bem-estar humanos e às necessidades das pessoas, no caso o trabalho doméstico, o cuidado com idosos e doentes, tarefas tipicamente femininas.

As autoras (MELO; CASTILHO, 2009) defendem, ainda, que o conceito de divisão sexual do trabalho, consolidado desde a industrialização, subestima essas atividades por considerá-las como *não trabalho*, uma vez que, na ótica capitalista, trabalho estaria relacionado à produção de mercadorias e emprego.

O Gráfico 1 do PNAD, acima, comprova que as mulheres, de fato, realizam mais tarefas domésticas do que os homens. É nesse contexto que se configuram as desigualdades, uma vez que, apesar de as mulheres gastarem mais tempo do que os homens fazendo o trabalho doméstico não remunerado em acumulação com o trabalho remunerado, não há uma contrapartida dos homens em relação ao envolvimento e ao cuidado com os membros da família.

No que diz respeito ao uso do tempo, Dedecca (2004), em seus estudos, já apontava que as mulheres possuem um tempo econômico pago menor e realizam jornadas mais extensas de trabalho não pago e na organização familiar. Segundo o autor (DEDECCA, 2004), as mulheres que são casadas e que têm filhos até 15 anos são as que tem menos tempo livre. Isso significa, portanto, que a ausência de políticas públicas para reduzir a dupla jornada feminina pode significar menos tempo livre para as mulheres o que, de algum modo, compromete a saúde física e mental delas. Já Melo e Castilho (2009) afirmam que há estudos que, apesar de embrionários, mostram como as políticas públicas e institucionais têm contribuído para reduzir a carga de trabalho não remunerado realizado pelas mulheres. Esses estudos econômicos inserem-se em uma área relativamente nova da economia: a *economia do cuidado*, cuja área de estudo leva em conta os serviços, atividades, relações e valores relacionados à manutenção da existência humana e da

reprodução. Boa parte desses estudos (DEDECCA, 2004; MELO; CONSIDERA; SABATTO, 2007), dizem respeito ao tempo gasto pelas mulheres em atividades consideradas mercantis e não mercantis, como forma de subsidiar decisões políticas e a gestão dos recursos humanos na sociedade. Vale salientar, aqui, que esses estudos, apesar de terem começado na década de 1990, são ainda embrionários e, por isso mesmo, não conseguiram atender à demanda de mulheres que estão inseridas no mercado de trabalho.

De acordo com Carrasco (2003), enquanto existia o tipo de família tradicional e as mulheres realizavam as atividades de cuidados físicos e psicológicos no ambiente privado dos lares, esse trabalho ficava invisível. Quando as mulheres passaram a realizar os dois trabalhos, passaram a viver uma tensão de seu próprio corpo, ao transitar entre os espaços produtivo e reprodutivo. O transitar entre esses dois espaços significou uma superposição de tempo e um contínuo deslocamento entre os ambientes. Essa presença/ausência gerou uma tensão vivida pelas mulheres, as quais não pretendem deixar as tarefas do cuidado e, ao mesmo tempo, desejam estar inseridas no mercado de trabalho. Mesmo sem ajuda das instituições públicas, as quais deveriam prover mais serviços de creches, escolas em tempo integral e locais de atendimento ao idoso, à mulher que ingressa no mercado de trabalho, não resta outra coisa senão resolver previamente como organizar a família e os cuidados inerentes a ela.

Carrasco (2003) enfatiza, ainda, que as organizações e instituições sociais e a sociedade em geral não consideram o cuidado da vida humana como uma responsabilidade social e política. Ao Estado cabe prover serviços básicos de educação e saúde, mas as tarefas do cuidado cabem à esfera privada do lar.

Em relação ao estudo do tempo gasto nas atividades (trabalho remunerado e trabalho não remunerado), Dedecca (2004) sugere que, apesar do capitalismo ter revolucionado as condições de trabalho, ele não foi capaz de eliminar a necessidade de um tempo para a reprodução social, física e mental de homens e mulheres. Sendo assim, mesmo que a jornada de trabalho seja aumentada, há sempre a exigência de um período de descanso. Segundo o mesmo autor (DEDECCA, 2004), esse tempo dedicado a atividades de reprodução social, considerado pelos estudiosos como *tempo não pago*, seria diferente do *tempo econômico*, aquele destinado ao trabalho remunerado. Esse *tempo econômico*, pago às mulheres, tem

sido menor em relação ao dos homens. No entanto, elas também têm jornada de trabalho não paga mais extensas e, conseqüentemente, menos tempo livre, principalmente entre aquelas que têm filhos com idade de 0 a 15 anos. Essa desigualdade, em relação ao tempo de trabalho não pago e tempo livre, entre gênero e trabalho doméstico não remunerado, acontece também em vários países. Segundo o relatório da Eurostat de 2003 (TIME USE AT DIFFERENTE..., 2003), em vários países da Europa a diferença de horas dedicadas pelas mulheres a trabalho não pago, entenda-se, aqui, trabalho doméstico não remunerado e trabalho voluntário, é sempre maior em relação ao dos homens, conforme citação abaixo:

Pessoas que são empregadas têm mais do seu tempo predeterminado. As pessoas empregadas são todos trabalhadores assalariados e independentes, incluindo pessoas temporariamente ausentes (incluindo as de maternidade / paternidade / licença parental ou férias). Para todos os países, eles têm um tempo de sono mais curto (10 a 30 minutos por dia, em média) e dedicam menos tempo a tarefas domésticas, incluindo cuidados com outras pessoas (cuidados infantis, etc.). Os homens empregados dedicam mais tempo a trabalho remunerado / estudo do que as mulheres, o que é parcialmente explicado pelo trabalho de meio-período mais difundido entre as mulheres e pelas mulheres que tiram mais licença parental. O tempo total dedicado ao trabalho, incluindo o trabalho doméstico, é maior do que para o restante da população. O tempo total das mulheres para trabalho remunerado e doméstico é cerca de meia hora maior do que o dos homens na Bélgica e na França, ainda mais alto (cerca de 1 hora) na Estônia, Hungria e Eslovênia e quase equivalente ou equivalente na Suécia, Finlândia, Reino Unido, Dinamarca e Noruega. (TIME USE AT DIFFERENT..., 2003, p. 8)

Uma outra desigualdade observada em torno dessa questão é o fato de que as mulheres que ganham menos são as que mais fazem trabalho doméstico não remunerado (PNAD CONTÍNUA..., 2016). Nessa perspectiva, Melo, Considera e Sabbato (2007) afirmam que as políticas internacionais tentam assegurar direitos sociais e aliviar a jornada dupla das mulheres, mas não têm sido efetivadas porque não passam de uma lista de boas intenções (MELO; CONSIDERA; SABATTO, 2007, p. 434):

Muitas propostas políticas foram feitas no âmbito internacional para assegurar igualdade entre mulheres e homens no acesso aos benefícios sociais e equipamentos públicos que possibilitassem a retirada de certos serviços do interior dos domicílios e para aliviar a vida das mulheres desses encargos.

Mas isso tem permanecido como uma lista de boas intenções (MELO; CONSIDERA; SABATTO, 2007, p. 434).

Os autores (MELO; CONSIDERA; SABATTO, 2007) ressaltam, ainda, que contabilizar o valor dos afazeres domésticos no PIB, certamente não resolverá a questão da desigualdade, uma vez que as altas taxas de desemprego e os baixos salários naturalmente excluem pessoas em idade ativa do mercado de trabalho. No Brasil, por exemplo, os baixos salários e a falta de alguns direitos sociais, como creche, escolas e algumas facilidades, como eletrodomésticos e outros serviços, não compensam a vida da mulher que deseja exercer uma jornada dupla. Ela, geralmente, opta por dedicar-se aos afazeres domésticos, uma vez que não têm quem cuide de suas crianças ou de seus idosos, pessoas doentes e pagar a alguém para fazer esse trabalho não compensa. As famílias de renda baixa não têm dinheiro para transferir esses cuidados para o mercado, afinal de contas, estamos falando de Brasil, cuja sociedade é extremamente desigual e tem nível elevado de pobreza. Vale salientar, ainda, que esses afazeres domésticos são os responsáveis pelo empobrecimento de mulheres, principalmente em países não-desenvolvidos cujos índices de desemprego e subemprego são bem maiores que nos países desenvolvidos.

Mulheres ocupadas, que acumulam a dupla jornada de trabalho, tendem a ficar menos disponíveis para se inserirem no mercado de trabalho em ocupação de melhor qualidade e remuneração. Uma porcentagem significativa dessas mulheres está em ocupações informais sem a proteção dos direitos trabalhistas. Segundo o sociólogo brasileiro Sorj (2010), em seu artigo *Trabalho remunerado e trabalho não-remunerado*, quando a articulação entre trabalho remunerado e não-remunerado é gerida na esfera privada, não se consegue a igualdade de gênero no mercado de trabalho. Um outro aspecto dessa questão econômica, também ressaltado por outros estudiosos (MELO; CONSIDERA; SABATTO, 2007), é o fato de que, nos chamados países desenvolvidos, cuja oferta de direitos sociais (empregos, creche e escolas), além de outras facilidades, é significativa, verifica-se um aumento do PIB quando comparados a outros que não desfrutam desta mesma situação. Isso significa que esses direitos possibilitam, aos casais, exercerem atividades remuneradas e realizarem, concomitantemente, o trabalho doméstico.

Esses dados revelam que o fato do valor do trabalho doméstico não ser mensurado, no PIB, repercute na vida econômica desses países que aumentam a disponibilidade de serviço da família e, conseqüentemente, seu bem-estar. Corroborando com essa visão, Sorj (2010) comparou, com base em dados do PNAD 2005, um grupo de mulheres do mesmo extrato de renda e verificou que as mães que têm acesso à creche conseguem trabalhar mais e recebem salários superiores a aquelas que não têm acesso a esse tipo de serviço.

Em relação ao tipo de tarefa realizada no próprio domicílio, as mulheres apresentaram percentual maior de realização em quase todas as tarefas elencadas, exceto “fazer pequenos reparos ou manutenção do domicílio, do automóvel, de eletrodomésticos etc.”, tarefa realizada por 65,0% dos homens envolvidos em afazer doméstico (contra 33,9% das mulheres). Merece destaque a grande discrepância nas tarefas “Preparar ou servir alimentos, arrumar a mesa ou lavar louça” e “Cuidar da limpeza ou manutenção de roupas e sapatos” entre mulheres e homens: 95,7% frente a 58,5% e 90,8% frente a 55,7%, respectivamente.

Segundo reportagem publicada pela revista Época, em agosto de 2017,³ o Brasil entrará na próxima década com informações detalhadas sobre o tempo que as famílias do país dedicam às tarefas domésticas. De acordo com a reportagem, o IBGE planeja lançar, entre 2019 e 2020, a chamada pesquisa de uso do tempo. O levantamento mostrará quantas horas brasileiros gastam para cozinhar, lavar roupa e cuidar das crianças. Além disso, fornecerá os dados para estimar qual é o valor dos serviços que todos fazem em casa, hoje desempenhados principalmente por mulheres e não contabilizados no PIB, o indicador que mede o ritmo da atividade econômica. Para especialistas, as informações do chamado “PIB da vassoura” serão importantes para orientar a formulação de políticas públicas, ajudar empresas a definir programas de gestão e de recursos humanos, aumentar o debate sobre a desigualdade de gênero e até encontrar formas de aumentar a produtividade da economia.

A despeito disso, para ressaltar ainda mais a desigualdade entre os gêneros, a proposta de reforma da Previdência estabelece 62 anos como idade mínima para

³ (disponível em <http://epocanegocios.globo.com/Economia/noticia/2017/08/ibge-deve-calculiar-em-2020-peso-dos-afazeres-domesticos-na-economia.html>)

que mulheres possam se aposentar e 65 anos para os homens. Apesar da diferença de idade mínima de aposentadoria entre homens e mulheres ser bem inexpressiva, isso se pensarmos em termos de trabalho produzido pelas mulheres, é bem possível, como afirmam os especialistas em gênero e participação no mundo do trabalho, que o cálculo da previdência exclui as horas diárias trabalhadas pelas mulheres, reforçando ainda mais a invisibilidade desse trabalho.

Em uma matéria encontrada em um jornal virtual disponível no “Portal vermelho”,⁴ a pesquisadora Hildete Melo, professora de economia da Universidade Federal Fluminense (UFF) vice-presidente da Associação Brasileira de Estudos do Trabalho (Abet), posiciona-se sobre a questão da mensuração do trabalho doméstico no PIB brasileiro dizendo que existem 40 milhões de mulheres que fazem o trabalho doméstico não remunerado de forma efetiva. A questão fica ainda mais complicada quando se trata da reforma da previdência, uma vez que o governo brasileiro desconsidera o fato de o trabalho doméstico não remunerado representar 11% do PIB atual. Segundo os cálculos da pesquisadora, em valores, foram cerca de 634,3 bilhões de reais em 2015, conforme último dado disponível.

Para essa pesquisadora (MELO; CASTILHO, 2009) que tem estudos sobre o tema desde 1978, esse cálculo só foi possível porque contou com as informações constantes no PNAD (Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílio), no ano de 2001, após introduzir uma pergunta relacionada ao número de horas gastos pela população para realizar tais atividades. De acordo com a reportagem, a conta, no entanto, ainda está aquém da realidade. Os dados do IBGE são a base dos cálculos dos pesquisadores (MELO; CONSIDERA; SABATTO, 2007), mas, por falta de mais dados, eles colocam numa mesma cesta uma série de trabalhos que, quando remunerados, têm valores diferentes, como limpeza, cozinha ou o cuidado com idosos: tudo é classificado de forma genérica como afazeres domésticos. O cálculo dessa participação na economia é feito com base na média de remuneração das empregadas domésticas, a qual é diferente da renda de uma cuidadora de idosos, por exemplo.

⁴ Fonte: <http://www.vermelho.org.br/noticia/298333-1> acesso em 11 jan 2018

De acordo com a reportagem, é essa falta de dados mais precisos sobre o uso do tempo não remunerado que distorce o dado brasileiro em relação ao de outros países. Apenas na América Latina mais de 10 países já dimensionam o valor das atividades domésticas não remuneradas no PIB. A média fica na casa dos 20%: 24,2% do PIB no México; 20,4% na Colômbia; 18,8% na Guatemala e 15,2% no Equador.

Além disso, esse trabalho forma uma carga e uma barreira injustas para a igualdade de participação no mercado de trabalho e na igualdade de remuneração. Dessa forma, dar visibilidade ao trabalho doméstico não remunerado é importante dentro do contexto da previdência, uma vez que o trabalho produzido pela mulher, além de ser desgastante fisicamente, também é um trabalho que gera riquezas.

Tabela 1 – PIB dos afazeres domésticos no Brasil (2005-2015)

A conta dos afazeres domésticos

Ano	PIB dos afazeres	PIB	PIB total	Variação
2005	190,3	2.171,7	2.362,0	9%
2006	217,1	2.409,8	2.626,9	9%
2007	246,0	2.718,0	2.964,1	9%
2008	249,1	3.107,5	3.356,6	8%
2009	308,8	3.328,2	3.637,0	9%
2011	419,7	4.374,8	4.794,5	10%
2012	451,0	4.713,1	5.164,1	10%
2013	503,5	5.157,6	5.661,1	10%
2014	605,6	5.521,3	6.126,8	11%
2015	634,3	5.606,5	6.240,8	11%

Fonte: Dados do PIB - IBGE, 2016 – Hildete Pereira de Melo (Em bilhões de reais)

Fonte: <https://www.cartacapital.com.br/economia/trabalho-domestico-nao-remunerado-vale-11-do-pib-no-brasil>, 2018

A Tabela 1 acima, retirada da reportagem encontrada na *Carta Capital*, cuja autoria pertence à pesquisadora Hildete Melo, nos revelam que, em 2015, o PIB dos afazeres domésticos perfaz o total de 11 % do valor do PIB total. É importante ressaltar, também, que esse valor oscilou entre 9 e 11%, entre os anos de 2005 e 2015. Isso significa que mesmo que o trabalho doméstico não remunerado não

esteja incluído nos índices formais da economia, ele é um trabalho que contribui para a economia do país e é responsável pela sustentação do trabalho remunerado de várias famílias. O crescimento desse trabalho tem uma importância altamente relevante para a economia uma vez que ele é a sustentação do trabalho remunerado. Todo trabalhador remunerado precisa de uma infraestrutura organizada na sua vida privada. Isso significa que ele tem que ter alimentação, roupa e casa limpas. Tudo isso só é possível via trabalho doméstico, seja ele remunerado ou não.

Para compreender melhor a abordagem discursiva desse trabalho, no próximo capítulo, discorreremos sobre a abordagem dialógico discursiva acerca do trabalho doméstico não remunerado como atividade.

3 TRABALHO DOMÉSTICO NÃO REMUNERADO SOB A ABORDAGEM DIALÓGICO-DISCURSIVA

Para tratar da concepção de linguagem em Bakhtin e o Círculo faz-se necessário considerar que, embora a teoria bakhtiniana se contraponha a tendências redutoras da sistematização da língua, como a que se faz na linguística estrutural, ela não desconsidera a importância de um sistema diferenciado de signos para compreender a complexidade enunciativa de situações particulares. Nessa perspectiva, é necessário compreender que há, para (BAKHTIN; (VOLOSHINOV), 2004) um sistema linguístico muito mais ampliado, cujos signos existem somente na interação verbal, como enunciados, em gêneros discursivos, os quais possibilitam compreender os diferentes discursos.

Dentro da abordagem dialógico-discursiva de Bakhtin e Voloshinov (2004), a interação verbal é o modo de existência da língua. Para eles (BAKHTIN; (VOLOCHINOV), 2004, p. 124), “a língua vive e evolui historicamente na comunicação verbal concreta”. Essa comunicação verbal concreta, segundo Bakhtin e o Círculo (BAKHTIN; (VOLOCHINOV), 2004), dá-se por meio de enunciados concretos. A enunciação é, para o filósofo russo, com efeito, determinada pela situação social imediata que a engendra. Ela é produto da interação de dois indivíduos organizados socialmente.

Para o filósofo (BAKHTIN, 2000), a linguística não daria conta de uma tal teoria a qual só poderia desenvolver-se no âmbito de uma nova disciplina a qual denominou de uma translinguística, que como a denominação mesma sugere, vai além da linguística do sistema. Desse ponto de vista é preciso ter clareza que, muito embora tanto a linguística como a translinguística estudem a língua, seus enfoques, no entanto, são bastante diferentes. Enquanto a primeira está voltada para as relações lógicas da língua, a segunda, sem desconsiderar o enfoque da primeira, preocupa-se em observar a vida da linguagem, o acontecimento, as posições avaliativas dos sujeitos situados socio-historicamente e a busca de sentidos.

As relações do sentido, dentro de um enunciado (ainda que fosse potencialmente infinito, como no sistema da ciência, por exemplo), são de ordem factual-lógica (no sentido lato do termo), ao passo que as relações do sentido entre enunciados distintos são de ordem dialógica (ou, pelo menos, têm um matiz dialógico) (BAKHTIN, 2000, p. 342).

Em Volochinov (2013), tais relações de sentido, constituem-se no movimento progressivo da língua, o qual realiza-se na relação entre homem e homem. Tal relação, além de ser verbal, é também produtiva. “Cada enunciação dirige-se a um ouvinte e tem, como objetivo, a sua compreensão e a sua resposta, a sua concordância ou discordância, a escuta avaliativa do ouvinte” (VOLOCHINOV, 2013, p. 163), ou seja, ainda que um conferencista leia o seu discurso para uma plateia, a forma exterior desse discurso será monológica, mas a sua enunciação será dialógica. As enunciações verbais íntimas, até estas, segundo Volochinov (2013), são totalmente dialógicas, uma vez que dialogamos com as outras vozes (sociedade, axiomas, ideologias, etc.).

O enunciado, presente nas diversas esferas da atividade humana, segundo Bakhtin (2000), não importa sua extensão, é sempre dialógico, ideológico e histórico. Ele se compõe de diferentes vozes e é uma resposta a uma realidade concreta. A enunciação é composta do cruzamento de diferentes vozes discursivas com pontos de vista diferentes, daí a heterogeneidade que nele se materializa, quando um determinado indivíduo, a partir de seu contexto cultural, histórico e social toma uma *atitude responsiva*, um posicionamento valorativo em relação a um dado discurso.

Na teoria bakhtiniana, a noção de atividade se inscreve na noção de ato ético, e por ser o trabalho uma atividade humana, há aqui um encontro entre a noção de ato e a linguagem. Segundo Bakhtin (2010), uma filosofia primeira deve tentar descrever não o mundo produzido pelo ato, mas sim um mundo no qual esse ato é realmente consciente e desempenhado. Para ele (BAKHTIN, 2010), cada pensamento que temos, junto com o seu conteúdo, é um ato ou ação que realizamos. E é justamente esse conjunto de todos esses atos irrepetíveis que fazem, da nossa vida, uma vida única e inteira. São atos, para Bakhtin (2010), tanto as ações físicas como as de ordem mental, emotiva, estética, como as ações tomadas em termos concretos e não somente cognitivos e psicológicos.

Além disso, (BAKHTIN, 2010), todo o evento de linguagem é a atualização de uma relação entre sujeitos históricos e sociais. Quanto ao evento, este é definido como o momento histórico-concreto em que o ato está situado, ou seja, a presentificação dos seres à consciência viva (BAKHTIN, 2010). Assim como não há objetos que não ocorram, não se tornem eventos, não há eventos sem a presença

de objetos ou entidades. O evento ocorre num dado lugar e espaço. Evento e objeto se pressupõem mutuamente, uma vez que incluem tanto um dinamismo e uma singularidade, tanto estaticidade e universalidade. O evento contém os vários atos de atividade do homem ao longo desse diálogo, compreendido entre o nascer e o morrer. Já o evento do ser em processo é, para Bakhtin (2010), alguma coisa que está em devir e se projeta para o futuro. São os atos constituídos nos discursos acerca do valor social do trabalho doméstico não remunerado que queremos analisar numa perspectiva dialógica, na atualização do momento histórico-concreto da atividade.

3.1 A TEORIA DIALÓGICA DO DISCURSO

Embora não se possa afirmar que Bakhtin tenha proposto uma teoria e/ou análise do discurso, estudiosos de sua obra (BRAIT, 2005; FARACO, 2009; TEZZA, 2005) reconhecem que o seu pensamento trouxe uma das maiores contribuições para os estudos da linguagem. A teoria dialógica do discurso tem como base

a relação indissolúvel existente entre língua, linguagens, história e sujeitos que instaura os estudos da linguagem como lugares de produção do conhecimento de forma comprometida, responsável, e não apenas como procedimento submetido a teorias e metodologias dominantes em determinadas épocas (BRAIT, 2005, p. 10).

É na obra *Problemas da Poética em Dostoievski* que encontramos a sugestão precisa de que o discurso não deve ser estudado na perspectiva de uma abordagem que contemple a “língua em sua integridade concreta e viva e não a língua como objeto específico da linguística”. (BAKHTIN, 1997a, p. 208). Trata-se da concepção de uma nova disciplina, a Metalinguística, que terá, por objeto, as relações dialógicas materializadas em discursos. Nesse sentido, Bakhtin (2002) esclarece que não pode haver relação dialógica entre as palavras no dicionário, entre os morfemas ou entre os elementos de um texto. E nem pode existir entre as unidades sintáticas e nem entre os textos, vistos sob uma “perspectiva rigorosamente linguística”, embora esta conheça o funcionamento da sua composição, bem como as suas escolhas linguísticas no plano da língua. Por isso,

ao estudar o “discurso dialógico”, de acordo com Bakhtin, “a linguística deve aproveitar os resultados da metalinguística.” (BAKHTIN, 1997a, p. 210).

Reportando-se a *Dostoievski*, Bakhtin (2002) observa que o mais importante, na análise dessa obra, não é a existência de certos estilos de linguagem, dialetos sociais, os quais podem ser estudados através de critérios meramente linguísticos: o que interessa analisar é “sob o ângulo dialógico os estilos e dialetos confrontam ou se opõem na obra” (BAKHTIN, 1997a, p. 209). As relações dialógicas, para o Bakhtin (1997), são de natureza extralinguística e “não podem ser separadas do campo do discurso, da língua enquanto fenômeno integral completo. Essas relações pertencem ao campo do discurso” (BAKHTIN, 1997a, p. 210), não pertencem a um campo puramente linguístico de seu estudo.

A linguagem só vive na comunicação dialógica daqueles que a usam. É precisamente essa comunicação dialógica que constitui o verdadeiro campo da *vida* da linguagem. Toda a vida da linguagem, seja qual for o seu campo de emprego (a linguagem cotidiana, a prática, a científica, a artística, etc.), está impregnada de relações dialógicas. Mas a linguística estuda a “linguagem” propriamente dita com sua lógica específica na sua *generalidade*, como algo que *torna possível* a comunicação dialógica, pois ela abstrai consequentemente as relações propriamente dialógicas. Essas relações se situam no campo do discurso, pois este é por natureza dialógico e, por isto, tais relações devem ser estudadas pela metalinguística, que ultrapassa os limites da linguística e possui objeto autônomo e metas próprias (BAKHTIN, 1997a, p. 210).

O diálogo, segundo Bakhtin (1997a), não acontece apenas na enunciação integral, mas é possível em qualquer parte significativa do enunciado, inclusive em uma palavra isolada, desde que essa palavra não seja interpretada de forma interpessoal, mas como um signo que tem uma posição semântica em relação a um outro⁵. Sendo assim, as relações dialógicas seriam possíveis também entre os estilos de linguagem, os dialetos sociais, etc., desde que eles fossem entendidos como certas “posições semânticas, como uma espécie de cosmovisão da linguagem, isto é, numa abordagem não mais linguística” (BAKHTIN, 1997a, p. 212)

⁵ Cf. CRUZ, 2008

Referindo-se a forma pela qual Bakhtin vai abordar essas relações dialógicas, Brait (2005) observa que elas são trabalhadas a partir de uma teoria da enunciação em que as questões de sentido, de sua construção e de seus efeitos são apresentadas por meio da discussão dos conceitos de tema e significação e também pelas formas de presença do outro na linguagem e no fio do discurso. Ainda para a autora (Brait, 2005), só a partir da análise da obra de Dostoiévski é possível reconhecer um procedimento analítico essencial para uma teoria/análise dialógica do discurso:

Não se trata, necessariamente, de chegar a uma categoria, a um conceito, a uma noção, a partir de uma determinada análise de um corpus discursivo, dos sujeitos e das relações que ele instaura. Mas de deixar que os discursos revelem sua forma de produzir sentido, a partir de um ponto de vista dialógico, de um embate (Brait, 2005, p. 13).

Sugere-se, assim, (Brait, 2005) que o trabalho metodológico e interpretativo com textos e discursos dar-se-á na confluência de uma nova disciplina (translinguística ou metalinguística) com a filosofia, a antropologia, a teoria da literatura, herdando, da linguística, a possibilidade de:

esmiuçar campos semânticos, descrever e analisar micro e macro organizações sintáticas, reconhecer, recuperar e interpretar marcas e articulações enunciativas que caracterizam o(s) discurso(s) e indicam sua heterogeneidade constitutiva assim como a dos sujeitos aí instalados. Além da materialidade linguística, deve-se reconhecer o gênero a que pertencem os textos e os gêneros que nele se articulam e descobrir a natureza da atividade em que esses discursos se inserem e, a partir desse diálogo entre essas macro e micro organizações, encontrar a sua identidade nas relações dialógicas estabelecidas com outros discursos e com outros sujeitos (Brait, 2005, p. 13).

Por meio da compreensão do enunciado concreto e dialógico como “real unidade da comunicação discursiva” (Bakhtin, 1997a, p. 274), a interface entre a Linguística e as Ciências do Trabalho ganha uma nova dimensão: por um lado, não existe atividade humana sem uso da linguagem; por outro, não há linguagem fora de um campo da sua atividade humana. Como o trabalho doméstico não remunerado é uma atividade, interessa-nos, então, analisar quais são os discursos acerca desse trabalho.

Para Bakhtin (2010), a linguagem sempre esteve a serviço do pensamento participativo e do ato e somente nos tempos recentes da história começou a servir ao pensamento abstrato. Segundo o filósofo russo (BAKHTIN, 2010), a palavra contém a plenitude do ato, tanto no seu *conteúdo-sentido*, quanto no seu tom *emotivo-volitivo*.

De acordo com o filósofo russo (BAKHTIN, 2010), a palavra em todos os momentos pode ser responsabilmente válida, pode ser a verdade (*pravda*) em vez de ser alguma coisa subjetivamente fortuita.

Dessa maneira, para Bakhtin (2010) compreender um objeto é tomar uma atitude ou uma posição em relação a ele. Assim, preciso compreendê-lo em relação a mim mesmo, o que pressupõe a minha participação responsável. Segundo o filósofo russo, nem a cognição teórica e nem a intuição estética são capazes de fazer a abordagem do ser real único de um evento, uma vez que o pensamento enquanto ato forma um todo integral e está relacionado à cada ato singular e à cada experiência vivida.

O ato ético responsável é aquele que resulta do pensamento participativo, no qual o *eu* é o ator singular, responsável pelo seu ato, engajado, que não está indiferente. Isso significa dizer que é no mundo da vivência única que cada um se encontra quando pensa participativamente, quando atua e quando decide.

É na dimensão do ato e do existir como evento, noções postuladas por Bakhtin (2010) em *Para uma filosofia do ato*, que pretendemos analisar quais são os discursos que se situam na esfera do trabalho doméstico não-remunerado.

Ao considerar a perspectiva bakhtiniana para a análise do enunciado, destacamos a pressuposição de uma compreensão responsiva ativa, a qual, implica uma postura crítica do pesquisador diante do fenômeno investigado, com o qual construirá uma relação dialógica, responsável e ética de forma a ouvir as diversas vozes que se fazem escutar a fim de propor procedimentos teórico-analíticos que atendam às suas especificidades.

O processo investigatório entendido como uma construção dialógica, responsável e ética, procura resgatar a vivacidade do objeto e, não visando superar as diferenças, faz emergir sua relação com o outro e sua história, de forma a ouvir diversas vozes que se fazem escutar (assimiladas, dissonantes, excedentes, silenciadas) para criar um caminho próprio, fazer escolhas e propor procedimentos teórico-

analíticos que respondam às especificidades do objeto (DI FANTI, 2012, p. 311).

Sendo assim, pretendemos investigar como se constroem os discursos das trabalhadoras domésticas acerca da atividade que realizam a fim de escutar as diversas vozes e propor caminhos metodológicos para analisar os discursos presentes na atividade do trabalho doméstico não remunerado.

3.2 A DIMENSÃO ALTERITÁRIA NO ENCONTRO ENTRE O PESQUISADOR E O FENÔMENO

A ciência tem a pretensão de instituir um pensamento teórico universalmente válido, mas, para Bakhtin (2010), o caráter técnico e um juízo teórico são insuficientes para validarem a si mesmos. Este juízo só pode ser validado através de um ato ético responsável, originado no interior de um sujeito, não pode ser apenas uma definição teórica da verdade. Essa distinção é importante para a pesquisa em ciências humanas porque permite, ao pesquisador, caracterizar cada elemento, objeto e sujeito, em suas peculiaridades. É, pois, na alteridade que um determinado sujeito abre-se para o conhecimento de outro indivíduo, o qual, através de um excedente de visão, de um ponto de vista exotópico, analisa o *outro*. Dessa maneira, o pesquisador, nas ciências humanas, transita no terreno das descobertas, das revelações, das produções de sentido entre o eu e o outro.

Trazendo essas ideias filosóficas como arcabouço teórico para nossa pesquisa, interessa-nos investigar qual é o tom emocional-volitivo presente no discurso das mulheres (trabalhadoras domésticas não remuneradas) que realizam o trabalho doméstico não-remunerado, uma vez que as pesquisas acerca desse trabalho convergem num ponto: o serviço doméstico não-remunerado, seria um dote natural que as mulheres recebem no casamento em troca de seu sustento. (SORJ, 2004; COELHO, 2011; ÁVILA; FERREIRA, 2014).

Para Bakhtin (2010), o dever deve ser revelado fenomenologicamente.

O dever é uma categoria característica de atos ou ações em processo (postuplenie) ou do ato realmente realizado (e tudo é um ato ou ação que eu realizo – até mesmo o pensamento e o sentimento); é uma certa atitude de consciência, cuja estrutura nos propomos desvelar fenomenologicamente. (BAKHTIN, 2010, p. 23-24)

E, para desvendar fenomenologicamente essa estrutura referida por Bakhtin (2010) na citação acima, precisamos deixar que o fenômeno fale. E se é no discurso, através da palavra, que o fenômeno é revelado, precisamos, então, analisar a dimensão axiológica do discurso dessas mulheres, o tom emocional-volitivo de suas palavras a fim de validar o juízo teórico da história e da economia acerca do trabalho doméstico não-remunerado, como atividade. As perguntas que surgem, na análise dos discursos históricos e sociológicos acerca desse trabalho são: as mulheres aceitam, como verdade, o fato de elas terem a obrigação de realizar o trabalho doméstico não-remunerado como um pagamento ao dote que receberam no casamento? As mulheres consideram o trabalho doméstico não-remunerado que realizam como improdutivo? As mulheres que realizam o trabalho doméstico têm a ideia do impacto que seu trabalho causa na vida dos seus familiares?

A expressão do pensamento participativo, como ato responsável, é materializada na palavra (texto/discurso): assim, é nela que se estabelecem as relações de sentido. Desse modo, abordar o ser-evento (a mulher que realiza o trabalho doméstico não remunerado), como um ato responsável, só seria possível através de uma ação dialógica que se pode ser desvelada no acontecimento do ser, o qual é *único e irrepetível* (BAKHTIN, 2010).

Bakhtin (2000) interessou-se pela literatura e, em sua experiência acerca da questão estética, aponta para o conhecimento que podemos ter de nós mesmos e da construção de um modo de nos relacionarmos com os outros. Nessa abordagem, o filósofo menciona a complexa relação entre os sujeitos interpretados e o sujeito interpretador, dizendo que “o ato de compreensão como descoberta do que existe, mediante o ato de visão (contemplação), e como adjunção, mediante a elaboração criadora a que o submetemos.”(BAKHTIN, 2000, p. 402). Dessa maneira, a busca pela definição do sentido no contexto inacabado não é algo que seja “pacífico e nem cômodo”.(BAKHTIN, 2000, p. 402). Ainda, segundo o autor, essa

interpretação não pode ser de ordem científica na acepção tradicional do termo, pois conserva o seu valor cognitivo, isto é, a interpretação não é passível de existir cientificamente numa concepção monológica do saber própria das ciências exatas, uma vez que ela passa necessariamente pela cognição.

Nesse processo de compreensão, Bakhtin (2000, p. 402) sugere que todas as palavras (enunciados, produções verbais, assim como a literatura), com exceção das nossas próprias palavras, são palavras do outro. Ainda, segundo Bakhtin (2000), esse encontro e essa interação com a palavra do outro foi totalmente ignorado pelas Ciências Humanas, tal qual no século XIX. Desse modo, as ciências foram reduzidas ao puro conhecimento dos fatos e assim reduziram também o saber e o homem a meras coisas. Ainda, segundo ele, a metodologia da explicação e da interpretação foi reduzida à descoberta do repetível, do conhecimento já conhecido, o qual se dissolve completamente e é assimilado pela consciência de outro como queriam as ciências do espírito:⁶

Calcar as ciências humanas sobre as ciências naturais é reduzir os homens a objetos que não conhecem a liberdade. Na ordem do ser, a liberdade humana é apenas relativa e enganadora. Mas na ordem do sentido ela é, por princípio, absoluta, uma vez que o sentido nasce do encontro de dois sujeitos, e esse encontro recomeça eternamente. (BAKHTIN, 2000, p. 342).

A proposta de uma metodologia para as Ciências Humanas, em Bakhtin (2000), desenvolvida em seu ensaio intitulado *Epistemologia das ciências humanas*, contrapõe-se a uma abordagem metodológica tradicional, isso porque o seu pensamento centra-se no caráter inclusivo, de permanente abertura e de atenção à singularidade do ser, aspectos que não fazem parte do pensamento teórico das outras ciências e até mesmo da linguística, de viés estruturalista, que atém-se

⁶ As ciências que versam sobre o espírito têm por objeto não um, mas dois “espíritos” (o *analisante* e o *analisado*, que não devem fundir-se num único espírito). Seu verdadeiro objeto é a interrelação e interação dos “espíritos”. As tentativas de compreender a interação com a palavra do outro, mediante uma abordagem psicanalítica e o “inconsciente coletivo”. O que os psicólogos descobrem (sobretudo os psiquiatras) não é o que se teria conservado no inconsciente (ainda que coletivo), mas o que já sucedeu, que se fixou na memória das línguas, dos gêneros, dos ritos, e, através deles, penetrou na fala e nos sonhos (que são contados, conscientemente rememorados) do homem, ser humano dotado de uma determinada constituição física e que se encontra num determinado estado. Papel da psicologia e da chamada psicologia da cultura. (BAKHTIN, 2000, p. 385)

apenas ao estudo das relações linguísticas do sistema da língua, sem levar em conta as relações entre os enunciados.

A linguística estuda somente a relação existente entre os elementos dentro do sistema da língua, e não a relação existente entre o enunciado e a realidade, entre o enunciado e o locutor(o autor).(BAKHTIN, 2000, p. 346)

De acordo com Souza e Albuquerque (2012), o pesquisador, na dimensão da alteridade proposta pela heterociência de Bakhtin, não apenas pergunta para obter respostas que atendam aos objetivos definidos anteriormente por ele, mas, ao perguntar e responder, posiciona-se, como sujeito social, que tem perspectivas, valores e experiências diversas daquelas dos sujeitos participantes da pesquisa. É preciso, a partir desse encontro, do sujeito-pesquisador e dos sujeitos participantes da pesquisa, dar forma e conteúdo ao acontecimento vivido no campo da pesquisa. É neste momento que o texto escrito consolida a escolha e a adequação de um arcabouço teórico provisoriamente estável acerca de uma dada realidade.

A respeito dessa escrita, em que o pesquisador dá forma e conteúdo à sua experiência de *fato vivida*, Bakhtin (2000) sugere que há uma relação de interdependência complexa que se estabelece entre o texto e o contexto que o elabora e o envolve e, através do qual, se realiza o pensamento do sujeito que pratica o ato de cognição e de juízo. Desse modo, há o encontro entre os dois textos, entre duas consciências, uma vez que o texto não é um objeto do qual se possa eliminar ou neutralizar a consciência de quem toma conhecimento dele.

O estenograma do pensamento humano é sempre o estenograma de um diálogo de tipo especial: a complexa interdependência que se estabelece entre o *texto* (objeto de análise e de reflexão) e o *contexto* que o elabora e o envolve (contexto interrogativo, contestatório, etc.) através do qual se realiza o pensamento do sujeito que pratica ato de cognição e de juízo. Há encontro de dois textos, do que está concluído e do que está sendo elaborado em reação ao primeiro. Há, portanto, encontro de dois sujeitos, de dois autores. O texto não é um objeto, sendo por esta razão impossível eliminar ou neutralizar nele a segunda consciência, a consciência de quem toma conhecimento dele (BAKHTIN, 2000, p. 333).

Percebe-se aí o desafio do pesquisador, em ciências humanas, diante da necessidade de desenvolver uma epistemologia prática acerca de uma mudança de perspectiva do objeto que é, simultaneamente, teórico-metodológica e prática, na

direção do que é conhecer um outro sujeito cognoscente, dotado de sentidos, de história, e que não é acabado, pronto ou estático. Isso significa que o ato de falar sobre um objeto já dado já aponta para uma relação de não indiferença, para um posicionamento valorativo, carregado de tonalidade afetiva que transforma esse objeto, no acontecimento, em um evento da vida vivida.

De acordo com Bakhtin (2000, p. 354), “uma observação sempre conserva de qualquer posição, de qualquer ponto de vista, o seu valor e importância.” Isso quer dizer que o ponto de vista de um observador, o qual não é neutro, é algo que pode ser modificado se for observado sob um ponto de vista diferente. Assim, a relação dialógica é uma relação marcada pela originalidade e, por isso mesmo, não pode estar restrita a uma relação de ordem lógica, linguística, psicológica ou mecânica. Esta relação de sentido dá-se através de enunciados considerados *completos ou potencialmente completos*, por trás dos quais está um sujeito real ou potencial, autor destes mesmos enunciados.

Para Bakhtin (2000), não importa o espaço-temporal entre dois enunciados e nem o desconhecimento que um tem do outro. Uma vez confrontados, revelam-se em relação dialógica, desde que haja entre eles uma convergência de sentido. É por esse motivo,

Bakhtin (2000) prossegue seu pensamento, deixando claro que o pesquisador, nas Ciências Humanas, é aquele que pratica o ato de compreensão e, assim, passa a ser participante do diálogo. A sua observação não se situa fora do mundo observado, ela faz parte do objeto observado.

A compreensão do todo do enunciado e da relação dialógica que se estabelece é necessariamente dialógica (é também o caso do pesquisador nas ciências humanas); aquele que pratica ato de compreensão (também no caso do pesquisador) passa a ser participante do diálogo, ainda que seja num nível específico (que depende da orientação da compreensão ou da pesquisa).[...] observador não se situa em parte alguma fora do mundo observado, e sua observação é parte integrante do objeto observado (Bakhtin, 2000, p. 355).

Nesse sentido, o diálogo aparece como o confronto entre os posicionamentos dos sujeitos, nos quais se estabelecem as construções de sentido em processo dinâmico, sempre único, singular e não repetível, isto é, pertencente ao mundo da vida experimentada, vivida.

Segundo Bakhtin (2000), compreender sem julgar é impossível, uma vez que são duas operações inseparáveis e fazem parte de um ato que ele chama de integral. Além disso, não se deve entender a compreensão em termos de identificação e de colocação de si mesmo no lugar ocupado pelo outro (perda do próprio lugar). Em relação à consciência, Bakhtin (2000) recorre ao conceito de *exotopia* para enfatizar o fato de uma consciência estar fora de outra, de uma consciência ver a outra como um todo, ou seja, o que ela, a consciência, não pode fazer consigo própria. Segundo o autor (BAKHTIN, 2000) há uma limitação no olhar do eu que só pode ser preenchida pelo olhar do outro. É só no olhar fronteiro do mundo que vê, que cada um de nós se encontra. Assim, a minha visão precisa do outro para que eu possa me ver, me completar e significar. É a partir desse *excedente de visão* que o pesquisador em ciências humanas precisa desvelar o fenômeno a ser interpretado.

Esse excedente da minha visão, do meu conhecimento, da minha posse – excedente sempre presente em face de qualquer outro indivíduo – é condicionado pela singularidade e pela insubstituíbilidade do meu lugar no mundo: porque nesse momento e nesse lugar, em que sou o único a estar situado em dado conjunto de circunstâncias, todos os outros estão fora de mim (BAKHTIN, 1997b, p. 21).m

A respeito desse encontro entre duas consciências e dessa incompletude/completude, na relação de alteridade, que Mello e Miotello (2013) observam o seguinte:

[...] Quando me defino, me sinto pleno, fico cheio de mim-mesmo. Permanecer nesse estágio da identidade é uma armadilha. Dela precisamos escapar. Assim, ao mesmo tempo, essa consciência fechada entra em novo diálogo com novas vozes do outro, e novamente se incompleta, é deslocado na vivência, e se enriquece com novas vozes, novas visões, novos pontos de vista, num acontecimento sem fim. Visto dessa forma, essa questão se apresentou como nova pra nós. Eu me completo, enquanto me monologizo. E a completude é o fim, o limite, a morte. Somente a incompletude me mantém na vida. Assim o outro me traz a incompletude, me abre novos caminhos, e me devolve à vivência (MELLO; MIOTELLO, 2013, p. 3).

Na dimensão da alteridade, compreender não significa excluir a possibilidade de modificar ou até mesmo renunciar, do ponto de vista pessoal. E é nesse

encontro que se dá o momento supremo da compreensão. A esse respeito, Amorim (2004) observa que todos os métodos utilizados pela ciência, são, na verdade, estratégias para o encontro entre o pesquisador e o seu outro:

Os métodos, as técnicas e os projetos podem tratar de modo mais ou menos explícito a questão da alteridade, mas eles contêm sempre estratégias de encontro. Como encontrar o outro, como fazê-lo falar, como se fazer ouvir, como compreendê-lo, como traduzi-lo, como influenciá-lo ou como deixar-se influenciar por ele (AMORIM, 2004, p. 31).

Vale salientar ainda que, nesse processo de compreensão, o ponto de partida de todas as disciplinas das ciências humanas é o texto, uma vez que é nele onde se encontram todos os *fragmentos heterogêneos* da vida social, do psiquismo, da história e de todos os valores da cultura nos quais estão reunidas relações, ora de causalidade, ora de sentido.

Cabe destacar que, para Bakhtin (2000), é necessário proceder a uma nítida delimitação das coisas que se prestam a um estudo científico. Por conseguinte, o fenômeno a ser estudado é o homem social e público, o qual fala e expressa-se por meio de textos, por meio de signos, expressando suas motivações, seus sentimentos e percepções acerca do mundo.

As ciências humanas não se referem a um objeto mudo ou a um fenômeno natural, referem-se ao homem em sua especificidade. O homem tem a especificidade de expressar-se sempre(falar), ou seja, de criar um texto (ainda que potencial). Quando o homem é estudado fora do texto e independentemente do texto, já não se trata de ciências humanas (mas de anatomia, de fisiologia humanas, etc.) (BAKHTIN, 2000, p. 334).

Dessa forma, compreender, na dimensão dialógica e alteritária, significa levar em consideração a compreensão do que se quer investigar a partir do confronto de ideias e negociação de sentidos possíveis entre o pesquisador e os sujeitos de pesquisa, no evento da vida vivida. Ao admitir a impossibilidade de compreender, sem produzir um julgamento de valor, questiona-se a neutralidade do pesquisador. Desse modo, se não se pode compreender sem avaliar, pode-se, então, dizer que compreensão e avaliação fazem parte do ato integral único que o pesquisador faz

nas Ciências Humanas, no momento do encontro/confronto com o outro (os sujeitos da pesquisa), o qual acontece no evento da vida vivida.

É nesse evento da vida vivida que se dá o encontro entre a nossa palavra, como pesquisador, e a palavra do outro (o ser que realiza o trabalho doméstico não remunerado) o qual queremos compreender, na dimensão alteritária.

3.3 NOÇÕES TEÓRICAS DA ANÁLISE DIALÓGICA

3.3.1 Enunciação e enunciação

Volochinov (2013) em seu texto “Palavra na vida e a palavra na poesia: introdução ao problema da poética sociológica”, sugere que a palavra não tem sentido em si mesma. Ela surge da situação extraverbal da vida e conserva, com ela, o seu vínculo mais estreito. Sendo assim, não importa quais critérios dirijam os juízos e as valorações (éticas, cognitivas, políticas ou outra qualquer) presentes na palavra. Tais critérios, na verdade, referem-se a uma certa totalidade na qual a palavra entra em contato com o acontecimento da vida e com ele se funde.

No dizer de Volochinov (2013), a situação extraverbal que engendra a enunciação não é somente a sua causa externa, mas atua sobre ela como uma força mecânica externa. Dessa maneira, a enunciação em sua totalidade compõe-se de duas partes: 1) aquela que se realiza verbalmente através da palavra 2) o subtendido (VOLOCHÍNOV, 2013, p. 79). Volochinov compara a enunciação da vida real com um “entimema”⁷ socialmente objetivo. Dito de outro modo, as enunciações da vida cotidiana estão entrelaçadas com o contexto extraverbal da vida e delas não podem se separar, sob pena de perderem o seu sentido. Esse contexto extraverbal é considerado por Volochinov (2013) como horizonte social, no qual os participantes interagem.

No horizonte social está a entonação, a qual se encontra no limite entre o verbal e o extraverbal. A entonação é social uma vez que a palavra se relaciona com a vida ao ser compreendida e compartilhada num determinado grupo social.

⁷ Em grego “entimema” é “o que se encontra na alma”, o “que se se subtemde”.(VOLOCHÍNOV, 2013, p. 79)

Para Volochinov (2013), a enunciação impregna a vida desde o interior da enunciação, com as valorações sociais advindas da realidade objetiva. Sem elas, não há enunciação que seja plena de sentido.

A palavra, de acordo com a poética sociológica de Volochinov (2013) “é o esqueleto que se enche de carne viva no processo da percepção criativa e, por consequência, somente no processo de comunicação viva”.(p.91)

Bakhtin, em *Estética da Criação Verbal* (2000), retoma a questão do enunciado concreto e da enunciação para desenvolver o conceito de gêneros do discurso. Para ele (BAKHTIN, 2000), o discurso se molda sempre à forma de um enunciado o qual é a unidade real da comunicação verbal. As fronteiras do enunciado concreto são determinadas pela alternância dos falantes. Sendo assim, o locutor termina o seu enunciado para passar a palavra a outro ou para dar lugar à compreensão do outro.

Ao pensar em compreensão, no processo de comunicação, Bakhtin (2000) critica a linguística geral de Saussure, a qual considera o processo de compreensão restrito apenas a dois parceiros da comunicação: o locutor (aquele que fala) e o ouvinte (aquele que recebe a fala e a ela responde). De acordo com os postulados bakhtinianos, não há como negar que esses processos são de fato reais, mas eles não representam o todo da comunicação verbal real. O ouvinte, de fato, recebe o discurso, mas tem, para com este, uma *atitude responsiva ativa* (BAKHTIN, 2000, p. 290), ou seja, com ele discorda, concorda, durante todo o processo de enunciação, numa atitude responsiva ativa. Dessa maneira, a compreensão responsiva ativa gera, então, uma resposta àquilo que foi dito pelo outro.

Os enunciados, na perspectiva dialógica, não são indiferentes uns aos outros, refletem-se, refratam-se e estão sempre repletos de ecos e lembranças de outros. O enunciado é, antes de tudo, uma resposta, no sentido lato da palavra, a enunciado anteriores em uma dada esfera. Essa resposta seria uma refutação, uma confirmação, um complemento, um posicionamento e pressupõe, para Bakhtin (2000), uma alteridade: momento em que o enunciado de outrem é introduzido e conscientemente percebido em nosso enunciado.

Mas em todo enunciado, contanto que o examinemos com apuro, levando em consideração as condições concretas da comunicação verbal, descobriremos as palavras dos outro ocultas ou semi-ocultas, e com graus diferentes de alteridade. Dir-se-ia que um enunciado é sulcado pela ressonância longínqua e quase inaudível da alternância

dos sujeitos falantes e pelos matizes dialógicos, pelas fronteiras extremamente tênues entre os enunciados e totalmente permeáveis à expressividade do autor (BAKHTIN, 2000, p. 318).

Bakhtin (2000) prossegue, então, dizendo que o enunciado não está voltado só para o seu objeto, mas também para o discurso do outro acerca desse objeto. Sendo assim, a mais leve alusão ao enunciado do outro, confere à fala/escrita um aspecto dialógico que nenhum tema constituído pelo objeto poderia conferir. Não, há, portanto, enunciado isolado, uma vez que ele sempre pressupõe enunciados que o precederam, e que lhe sucederam. O enunciado, sob essa perspectiva, é o elo de uma cadeia e como tal não pode ser estudado fora dela.

No capítulo *Apontamentos*, do livro *Estética da Criação Verbal*, Bakhtin (2000), refere-se à compreensão responsivo-ativa, dizendo que as palavras, com exceção de nossas próprias palavras, são palavras do *outro*. E, assim fazendo, sugere que vivemos na palavra do outro e toda nossa vida consiste em reagir a essa palavra, a qual impõe a nós, homens, a tarefa de compreendê-la e ressignificá-la.

Em relação à compreensão responsiva-ativa, há ainda outro aspecto importante a ser levado em conta: o *tom*. Este, segundo Bakhtin (2000), deve ser separado dos elementos fônicos e semânticos da palavra, pois no momento da compreensão, a tonalidade de nossa consciência serve de contexto emocional dos valores para o ato de compreender aquilo que estamos lendo e/ou ouvindo e, também, para o ato de criação(geração) de um texto.

3.3.2 Acento apreciativo

Para Bakhtin/Volochinov (2004) o tema é o sentido da enunciação completa pois, sem ele, não seria possível definir o sentido da enunciação. Contudo, o tema da enunciação não pode ser determinado apenas pelas suas formas linguísticas, mas também pelo contexto extraverbal da enunciação.

Além disso, toda a enunciação de um tema é dotada de uma *significação* (BAKHTIN; (VOLOCHINOV), 2004, p. 129). A significação, diferentemente do tema, é o aparato teórico para a sua realização. No entanto, na enunciação, a significação

ganha acento de valor e se concretiza dentro de um tema, o qual varia de acordo com a situação histórica em que é enunciado. O tema é considerado, pelos filósofos (BAKHTIN; (VOLOCHINOV), 2004. p. 129), como *uma reação da consciência em devir ao ser em devir*.[...] *não há tema sem significação e vice-versa*.

A significação não se encontra na palavra, nem na alma do falante e nem na alma do ouvinte. Ela encontra-se na interação entre os dois através da palavra. *Só a corrente da comunicação verbal fornece, à palavra, a luz da sua significação* (BAKHTIN; (VOLOCHINOV), 2004, p. 132)

Vale salientar que as questões em torno da significação e do tema estão relacionadas ao problema da compreensão, entendida como uma forma de diálogo na teoria dialógica. Nesse processo responsivo ativo, faz-se necessário reconhecer o tema na relação com a significação a qual, vale lembrar, não tem a vinculação a um sentido sempre estável e idêntico ao tema. Dessa maneira é preciso considerar o acento de valor como elemento desencadeador do enunciado, da palavra e da produção de diferentes sentidos:

Toda palavra usada na fala real possui não apenas tema e significação no sentido objetivo, de conteúdo, desses termos, mas também um acento de valor ou apreciativo, isto é, quando um conteúdo objetivo é expresso (dito ou escrito) pela fala viva, ele é sempre acompanhado por um acento apreciativo determinado. Sem acento apreciativo, não há palavra (BAKHTIN; (VOLOCHINOV), 2004, p. 132).

Neste sentido, Bakhtin e Volochinov (2004) questionam: em que consiste esse acento? Qual a face objetiva dessa relação entre o acento e a significação? Eles respondem dizendo que o acento é a apreciação social contida na palavra, o qual é transmitido através da *entoação expressiva*. São as entoações expressivas que orientam a natureza social das situações de comunicação. “Toda enunciação compreende, antes de mais nada, uma orientação apreciativa” (BAKHTIN; (VOLOCHINOV), 2004, p. 135).

Assim, a mudança de significação está relacionada ao deslocamento de uma palavra de um contexto apreciativo a outro. As reflexões acerca do tema e da significação nos permitem concluir que um mesmo enunciado, de diferente extensão, desde uma palavra até um texto maior, sempre terá acentos apreciativos

diferentes. Isso significa que sempre haverá uma (re)elaboração, uma renovação de sentido, uma nova significação contextual.

A apreciação social é indispensável para se compreender a nossa evolução histórica do tema e das significações que nela estão contidas. *A evolução semântica na língua é sempre ligada à evolução do horizonte apreciativo de um dado grupo* (BAKHTIN; (VOLOCHINOV), 2004, p. 135). Essa evolução semântica dá-se a partir do alargamento do horizonte apreciativo, o qual efetua-se de maneira dialética: à medida que novos aspectos da existência e interesse social se tornaram *objetos da fala e da emoção humana*, eles não coexistem com os elementos que se integraram a ela anteriormente; pelo contrário, entram em luta com eles, reavaliam, mudam de lugar no sentido do horizonte apreciativo. O resultado disso é uma luta incessante entre os acentos na semântica da existência. A significação, numa sociedade em constante transformação, é, então, absorvida pelo tema para depois ser ressignificada com uma estabilidade e identidade sempre provisórias. (BAKHTIN; (VOLOCHINOV),, 2004).

3.3.3 Alteridade

Bakhtin inaugurou, nos anos 20, o que pode-se chamar de *prima philosophia*, cuja primeira parte estava dedicada à arquitetura do mundo real, ou seja, ao mundo da vida vivida. Esse mundo da vida vivida baseia-se numa ótica tripla: eu-para-mim, o outro-para-mim, eu-para-o outro (BAKHTIN, 2000). Tal arquitetura do mundo real encontra seu fundamento no princípio ético bakhtiniano o qual pressupõe uma relação intersubjetiva entre o *eu* e o *outro*. Não obstante, tal relação não implica dois sujeitos radicalmente distintos, mas é a base para a concepção da pessoa enquanto uma estrutura dialógica completa. O *eu-para-mim* corresponde às imagens e representações que o sujeito tem sobre si; são os aspectos psíquicos que lhe fazem perceber quem ele é. O *eu-para-outro* são representações construídas nas interações sobre quem o sujeito é para aquele com quem interage. E o *outro-para-mim* constitui-se nos modos como o sujeito enfrenta e encara o *outro* nas relações sociais.

Isso significa dizer que, no centro dessa concepção de mundo encontra-se um homem em permanente interação com os seus semelhantes mediante a linguagem entendida como ato ético, como ação. O núcleo de definição do ato ético é, segundo Bakhtin (1997b), a responsabilidade, a qual, não pode ser deduzida teoricamente, uma vez que a filosofia científica não dá conta do acontecimento do ser.⁸ A responsabilidade não se encaixa como uma categoria, uma vez que esse ato ético não se pode expressar em termos teóricos:

No fundamento da unidade da consciência responsável se encontra um princípio, mas o fato do verdadeiro reconhecimento de sua participação na ocorrência unitária do ser, fato que não pode ser adequadamente expresso em termos teóricos, mas apenas descrito e experimentado de forma participativa; esta é a origem do ato e de todas as categorias de um deve ser concreto, único, irrevogável. Eu também estou em toda a plenitude emocional e volitiva, própria de um ato - e de fato eu sou - totalmente, e me forço a dizer essa palavra, eu participo no ser de um modo único e irrepetível, eu ocupo no ser singular um espaço singular, irrepetível, único, insubstituível e impenetrável. (BAKHTIN, 1997b, p. 47).

Essa concepção de responsabilidade, para Bakhtin(1997b), só pode ser compreendida a partir da alteridade, a qual é a condição de possibilidade para o eu. Para o filósofo russo não existe “*álibi do não-ser*”, ou seja, eu não posso me esquivar da minha responsividade/responsabilidade, uma vez que o ato ético se *completa no ser*.(BAKHTIN, 1997b, p. 20). A completude do ato ético dá-se, de acordo com Bakhtin (1997b), no acontecimento do ser (*sobytie bytiia*), “acontecimento ontológico”, o qual pode ser lido como “um ser juntos”. Sendo assim, o ato ético não é realizado só de uma forma física, mas é realizado em minhas próprias ações, pensamentos, numa vivência emocional e volitiva participativa entre mim e o outro.

É, pois, na alteridade, a partir de um ponto de vista *exotópico*, que um indivíduo contempla o outro que se encontra fora de si mesmo, a sua frente, a partir de *um excedente de visão* e do seu *conhecimento* a respeito do outro. (BAKHTIN,

⁸ O acontecimento do ser é, para Bakhtin (1997b), é “a filosofia do evento único e singular do ser, em direção ao aspecto do conteúdo semântico em direção ao produto objetivado, numa abstração com respeito ao ato ético real e singular e seu autor, que pensa teoricamente, que contempla esteticamente, que age eticamente. Somente a partir do real ato ético, único, global e unitário em sua responsabilidade, é possível focalizar o ser único e singular em sua realidade concreta; somente para essa abordagem a primeira filosofia pode ser orientada”.(BAKHTIN, 1997b, p, 36)

2000, p. 43). O conhecimento que se tem desse outro é condicionado pelo lugar que esse indivíduo singular ocupa no mundo no qual todos os outros se situam *fora dele*.

Esse excedente de visão, ao qual Bakhtin (2000) se refere, são, na verdade, um conjunto de atos (internos e externos) que completam o outro naquilo que ele não pode completar-se. Esses atos são, portanto, além de éticos, também atos de *contemplação* (BAKHTIN, 2000, p. 44), os quais são considerados, pelo filósofo russo, ativos e produtivos, uma vez que neles se encontra contida a *forma acabada do outro*. Bakhtin(2000) exemplifica a noção de ato usando, como exemplo, a contemplação de um homem que sofre. O primeiro ato de um contemplador da realidade desse homem que sofre consiste em vivenciar a sua realidade e ter empatia com ela, proporcionando a ela um acabamento. O contemplador desse homem que sofre deve identificar-se com ele de modo a assumir o que Bakhtin (2000) chama de *horizonte concreto*, o qual se realiza no momento em que aquele que contempla, empaticamente, tem uma visão dos aspectos externos e dos tons emocionais e volitivos do contemplado, no momento em que este narra, através da linguagem, as suas sensações de dor.

Esse contemplar do *outro*, quando vivido de forma interna, no caso o sofrimento do homem que é contemplado, segundo Bakhtin (2000), não suscita, naquele que contempla, um grito de dor, e sim uma palavra de conforto, uma assistência. Sendo assim, o ato de relacionar o que se viveu, em relação ao outro, é um ato tanto ético quanto estético. A atividade estética, de acordo com Bakhtin (2000), começa quando aquele que contempla volta a si mesmo e, do seu próprio lugar singular, dá forma e acabamento ao material que foi recolhido do outro. Esse acabamento ético/estético dá-se a partir dos valores que aquele que contempla extrai do *excedente de sua visão*, vontade e sentimentos (BAKHTIN, 2000)

3.4 O TRABALHO DOMÉSTICO NÃO REMUNERADO NA DIMENSÃO ONTOLÓGICA

Na perspectiva da abordagem da hermenêutica da facticidade do filósofo alemão Heidegger (2013), a compreensão, está relacionada aos modos como o *ser-áí fala de si mesmo e a si mesmo*, como se faz presente a si mesmo e se mantém em sua presença. Essa pre-sença só tem sentido na escuta atenta desse *ser* que

fala. Por esta razão, para uma melhor compreensão dos sentidos propiciados pela abertura do *ser-aí* na vida da trabalhadora doméstica não remunerada, buscamos, na hermenêutica heideggeriana, as noções de *linguagem*, *discurso*, *escuta*, *curiosidade* e *cuidado* propostos pelo filósofo, na obras *Ser e Tempo I* (2002), *Ontologia (Hermenêutica da facticidade)* (2013), *A caminho da linguagem* (2004), *Cartas ao humanismo* (1995), para que, através do trabalho da *escuta* atenta da linguagem em pre-sença do *ser-aí* a fim de que possamos compreender melhor o fenômeno que nos ocupa no presente estudo: o trabalho doméstico não-remunerado. Ser-aí, no tocante ao seu ser significa: não é nunca primordialmente enquanto *objetualidade* da intuição e da determinação intuitiva, da mera aquisição e posse de conhecimentos disso, mas *ser-aí* está *aí* para si mesmo, no como de seu ser mais próprio. O como do ser abre e delimita o *aí* possível em cada ocasião. Ser-aí, enquanto ser próprio em cada caso, não significa que seja uma relativização isolada no que é visto externamente como um *indivíduo*.

Hermenêutica é uma palavra de origem grega e significa a *arte ou técnica de interpretar e explicar um texto ou discurso*. O seu sentido original estava relacionado com a Bíblia, ou seja, consistia na compreensão das Escrituras, para compreender o sentido das palavras de Deus. A Hermenêutica também está presente na filosofia e na área jurídica, cada uma com seus significados. Na filosofia, a hermenêutica compreende as vertentes: *epistemológica*, com a interpretação de textos, e a *ontológica*, que remete à interpretação de uma realidade. Etimologicamente a palavra está relacionada com o deus grego Hermes, que era um dos deuses da oratória. Na filosofia, hermenêutica é a ciência que estuda a arte e a teoria da interpretação e surgiu na Grécia Antiga.⁹

Na abordagem ontológica de Heidegger (2013, p. 21), a hermenêutica tem como principal tarefa tornar acessível o *ser-aí* próprio em cada ocasião, em seu caráter ontológico do *ser aí-mesmo*, ou seja, na hermenêutica o *ser-aí (Dasein)* configura-se como possibilidade de vir a compreender-se e de ser essa compreensão. Nessa perspectiva, a hermenêutica heideggeriana não é um modo artificialmente concebido de análise que é imposta ao *ser-aí*. Ela não o manipula

⁹ (<https://www.significados.com.br/hermenêutica>) acesso em 06 jul 2017.

nem tenta substituí-lo de forma artificial. Desse modo, a questionabilidade desse *ser-aí* (*Dasein*) só é possível quando ele está a caminho de si mesmo:

A questionabilidade fundamental, na hermenêutica, e em suas perspectivas: a objetualidade: o *ser-aí* é somente nele mesmo. É, mas somente quando enquanto está a caminho de seu si mesmo em vista de si! Este modo de ser, da hermenêutica, não se trata de evitá-lo, nem de manipulá-lo, substituindo-o artificialmente; deve-se tomá-lo decisivamente em conta. O qual se traduz no modo como se deve tomar a antecipação do passo, na única maneira como se pode tomar (HEIDEGGER, 2013, p. 23).

O *Dasein*, ou a existência, significam que nós não apenas somos, mas percebemos que somos, por isso mesmo nunca estamos acabados como algo presente. A questão fundamental, da filosofia, não é o homem, mas o ser, não só do homem, mas de todas as coisas. Para Heidegger (1979), a filosofia que tem o homem como centro seria uma antropologia. No entanto, a questão da qual ele se ocupa não é a existência do homem e sim a questão do ser em seu conjunto enquanto tal. Vale salientar aqui que Heidegger (1979) faz uma crítica à metafísica (desde Aristóteles até Hegel), a qual buscava o sentido do ser nos entes, ou seja, identificava o ser com a objetividade. Diferentemente do pensamento metafísico, para Heidegger (1979), o homem é o único ente que tem consciência do ser. Enquanto os filósofos clássicos perguntavam *o que é o ser*, Heidegger (1979), ao achar a pergunta indevida, por ser clara e evidente, passou a perguntar-se pelo sentido do ser. A esse respeito, podemos ver o seu posicionamento em seu ensaio filosófico *Cartas sobre o humanismo*:

A Metafísica não levanta a questão da verdade do ser mesmo. Por isso ela também jamais questiona o modo como a essência do homem pertence à verdade do ser. Esta questão a Metafísica, até agora, ainda não levantou. Esta questão é inacessível para a Metafísica enquanto metafísica. O ser ainda está à espera de que ele mesmo se torne digno de ser pensado pelo homem. Seja de que maneira se determine a *ratio* do animal e a razão do ser vivo tendo em mira a determinação essencial do homem, quer como “faculdade dos princípios”, quer como “faculdade das categorias” ou de outra maneira, em toda parte, e cada vez, a essência da razão se funda no fato de que, para toda percepção do ente em seu ser, ser mesmo já se iluminou e acontece historialmente em sua verdade (HEIDEGGER, 1979, p.154).

Como se pode perceber, essa pergunta pelo sentido do ser é o ponto principal para a sua interpretação, de acordo com o pensamento heideggeriano, uma vez que procura revelar e levar à luz da compreensão o próprio objeto que decide sobre a estrutura dessa interrogação, e que orienta as cadências de seu movimento (SANTOS, 2016). O filósofo vai buscar a compreensão do homem enquanto ser-aí revelado por meio da relação com o Ser. E é isso que pretendemos fazer em nossa pesquisa, buscar a compreensão do ser-aí do ente trabalhadora doméstica não remunerada, em sua própria ex-sistência.

É nessa busca pela compreensão do homem, enquanto *ser-aí*, que Heidegger (2002) elabora uma filosofia da existência. Ele vislumbrou, no método fenomenológico, a possibilidade de uma descrição de vários aspectos da existência, livres dos entraves das tradições filosóficas e religiosas ou dos constructos científicos. E, desse modo, baseou-se na fenomenologia de Husserl (1996), a qual pretendia ser a ciência das essências e não dos fatos. Na fenomenologia husserliana, a consciência intui os fenômenos que lhe são apresentados no mundo *dado* no qual se apresentam os fenômenos, os quais são experienciados no mundo da vida:

O mundo da vida é um domínio de evidências originárias. O dado evidente é, conforme o caso, experienciado na percepção como “ele mesmo” em presença imediata, ou na recordação como ele mesmo recordado; qualquer outro modo da intuição é uma presentificação dele mesmo; todo o conhecimento mediado pertencente a esta esfera, ou dito de modo lato: qualquer modo da indução tem o sentido de uma indução do intuível, de um possivelmente percepçionável como ele mesmo, ou de um recordável como tendo-sido-percebido, etc (HUSSERL, 1996, p. 104).

Heidegger (2013) toma por base a fenomenologia de Husserl (1996), mas faz a dissociação do idealismo das ideias caracterizadas pela intencionalidade transcendental. Dessa forma, não caracteriza o *quê* dos objetos da pesquisa e sim o *como* da pesquisa. A fenomenologia, enquanto *um como da pesquisa*, para Heidegger (2013), não pode ser vista como algo que é manifesto ou evidente. Assim, a investigação está presa à atualização do assunto. Com isso, Heidegger (2013) propõe o caminho da interpretação através da *hermenêutica da facticidade*, a qual não se define a si mesma como uma interpretação que se dá em conformidade ou em vista de algo. Isso também implica em ver o ser-aí em sua peculiaridade, em sua ocasionalidade, a qual vem codeterminada pelo *hoje ocasional do ser-aí*. A

ocasionalidade está relacionada ao ser-aí próprio cujo estar ou demorar-se sobre ele, no presente, já é apropriar-se dele. (*ser em mundo, ser vivido pelo mundo; a cotidianidade presente.*) (HEIDEGGER, 2013, p. 38)

Esse *ser-aí*, em sua ocasionalidade, não é determinado por propriedades, como substancialidade, materialidade, etc, mas por existenciais, como os sentimentos (ou disposições), a compreensão e a linguagem (ou discursos). São estes existenciais que caracterizam ontologicamente este ente.

Resumindo, Facticidade é a designação para o caráter ontológico de *nosso ser-aí próprio*. Especificamente: *ser-aí em cada ocasião*, na medida em que é *aí*, em seu caráter ontológico, não como uma demarcação regional no sentido de uma oposição isolada. E chama-se *fático* o que é, articulando-se por si mesmo sobre um caráter ontológico, o qual é *desse modo*. Caso se tome a *vida* como modo de *ser*, *vida fática* quer dizer: *nosso próprio ser-aí enquanto aí* em qualquer expressão aberta no tocante a seu ser em seu caráter ontológico. (HEIDEGGER, 2013)

Para Heidegger (1979), a ontologia não é possível sem o sentido e este se dá através da linguagem, pois é por meio da linguagem que se dá a *epifania do ser*. O homem, para Heidegger “*não é apenas um ser vivo; ao lado de outras faculdades, também possui a linguagem*” (HEIDEGGER, 1979, p. 159). Para o filósofo, a linguagem é a *casa do ser* e nela ele *ec-xiste* enquanto pertence à verdade do ser e a protege. Sendo assim, o que importa, para ele, na humanidade do homem “*enquanto ec-sistência, é que não o homem é o essencial, mas o ser enquanto a dimensão do elemento ec-stático da ec-sistência*” (HEIDEGGER, 1979, p.159). A dimensão, no entanto, não é o elemento espacial. É, ao contrário, tudo o que é espacial e todo espaço de tempo que se desdobra no ser em seu elemento dimensional, o qual é a própria maneira de ser o *ser*.

A linguagem é, para Heidegger (2002), “*a morada do ser*”, o qual existe antes de tudo. A linguagem é um atributo que está no homem e o qualifica enquanto tal. Enquanto o discurso é a base da linguagem e é visto como uma interação de sujeitos, de duas pessoas que vão evidenciando, no discurso, sua temporalidade, e a experiência do seu ser-no-mundo. Do ponto de vista existencial, o discurso é a articulação entre disposição da presença do *ser-aí* e a compreensão. Desse modo, a

disposição e a compreensão são existenciais¹⁰ fundamentais para a abertura do *ser-no-mundo*. Assim, toda compreensão guarda, em si, uma apropriação do que se compreende. O discurso, seria, então, o lugar em que *essa compreensibilidade do ser no mundo* se manifesta, se pronuncia. Assim, a linguagem é o pronunciamento do discurso (HEIDEGGER, 2002, p. 219).

Nesse sentido, o discurso, para Heidegger (2002), é constitutivo da pre-sença pois traz, em seu bojo, a constituição existencial da abertura do ser. À linguagem também pertencem a escuta e o silêncio, como possibilidades intrínsecas. Nessa perspectiva, a linguagem é um fenômeno constitutivo do discurso para a *existencialidade da existência* (HEIDEGGER, 2002, p. 220) e, dessa maneira, só deve ser compreendida num sentido ontologicamente amplo. Isso significa que, no discurso, há a articulação dos momentos constitutivos do ser os quais estão arraigados na constituição ontológica da pre-sença e que tornam possível a estrutura ontológica.

O discurso é a articulação em significados da compreensibilidade inserida na disposição do ser-no-mundo. Seus momentos constitutivos são os seguintes: o referencial do discurso (*Beredete*), aquilo sobre que se discorre como tal (*Geredete*), a comunicação e o anúncio. Estes não são propriedades que só se pudesse reunir empiricamente na linguagem. São caracteres existenciais arraigados na constituição ontológica da pre-sença que tornam possível a estrutura ontológica da linguagem (HEIDEGGER, 2002, p. 220).

3.4.1 Compreensão e disposição da presença

Heidegger (2002) sugere que a compreensão e a disposição da pre-sença só são possíveis através da escuta, uma vez que escutar é estar aberto existencialmente da pre-sença enquanto *ser com os outros*. *A presença escuta porque compreende* (HEIDEGGER, 2002, p. 222). Essa escuta compreende o escutar recíproco de um e de outro, bem como um lugar onde se elabora o *ser-com*.

¹⁰ *Existenz* provê um adjetivo, *existenzial*, “existencial”. Heidegger forja um adjetivo, com um sufixo derivado do francês: “*existenziell*”, “existenciário”. *Existenzial* aplica-se à estrutura ontológica da existência”, i.e., existenciários e suas inter-relações e a compreensão que o filósofo tem da mesma. Que, por, exemplo, *Existenz* envolva o ser no mundo é um problema existencial, assim como a sua compreensão filosófica. (INWOOD, 2002, p. 59, Dicionário de Heidegger)

Esse outro ser é aquele que vem ao encontro, é o circundante da espacialidade fática que se abre enquanto é interpretado. “O circundante abre a compreensão da espacialidade fática, da qual, através de certa modificação da visão, surgem o espaço da natureza e o espaço geométrico” (HEIDEGGER, 2002, p. 91). Para Heidegger (2002), significância é um *como* do ser, o como isto ou aquilo aparece e vem ao encontro. Partindo da ideia de significância seria possível determinar o significado ontológico do ser *no* circundante do mundo, o ser é no mundo.

3.4.2 A escuta (*curiosidade*)

Para compreender é preciso primeiro saber escutar, diria Heidegger (2002), para quem a forma através da qual nos aproximamos de um fenômeno é a *escuta atenta*, ou, em outras palavras, a *curiosidade*. Para ele (HEIDEGGER, 2002, p. 231), curiosidade é aquilo que não se limita a ver, *exprimindo a tendência para um tipo especial de encontro perceptivo com o mundo*. Diante desses postulados, o filósofo pergunta: “O que se passa com essa tendência de somente perceber? Que constituição existencial da pre-sença pode ser compreendida através do fenômeno da curiosidade?” (HEIDEGGER, 2002, p. 232). Para ele (HEIDEGGER, 2002), a curiosidade tem o caráter de impermanência junto ao que está mais próximo. *Ela se ocupa em providenciar um conhecimento apenas para tomar conhecimento e está em toda parte e em parte alguma* (HEIDEGGER, 2002, p. 233).

É essa curiosidade que se ocupa em providenciar um conhecimento em relação ao trabalho doméstico não-remunerado, que nos perguntamos: As mulheres consideram o trabalho doméstico não-remunerado que realizam como improdutivo? As mulheres que realizam o trabalho doméstico têm a ideia do impacto que seu trabalho causa na vida dos seus familiares? Elas consideram o trabalho doméstico não-remunerado como algo inerente somente à mulher? Será que elas veem o trabalho sob uma ótica reprodutiva? Qual é a dimensão do cuidado que elas percebem na tarefa que realizam?

Uma análise parece sempre concentrar-se na apropriação do ponto de vista e em sua manutenção, isto é, “quando se distancia da atitude costumeira e petrificada

e se transita com cuidado a fim de não recair nela” (HEIDEGGER, 2002, p. 92). O mundo vem ao encontro no próximo e imediato da ocasionalidade de uma cotidianidade mediana. A ocasionalidade constitui uma situação na qual a cotidianidade se encontra, cujo ser ou estar aí se dá num demorar-se nele.

Sendo assim, entendemos que é no demorar no ser-aí que se realiza o trabalho doméstico, fazendo-se necessário o trabalho de *escuta* para, na ocasionalidade, e através dos discursos, interpretar e penetrar nessa espacialidade, através da *curiosidade*.

3.4.3 O cuidado como modo fundamental do ser

Outro conceito que é caro a Heidegger (2002) e revelar-se-á produtivo, para a nossa abordagem analítica do fenômeno que nos ocupa, é o *cuidado*, referido pelo filósofo como um modo fundamental do ser indicado porque ele é esse mundo que lhe vem ao encontro, um modo do ser-aí da vida fática.

De acordo com o Dicionário de Heidegger, de autoria de Inwood (2002, p. 26), para definir *cuidado*, Heidegger usa três palavras cognatas: 1. *Sorge*, "cura (cuidado)", essa definição está relacionada à ansiedade, à preocupação que nascem das apreensões em relação ao futuro. O verbo *sorgen* significa *cuidar* em dois sentidos: 1- *sorgenfür* significa "tomar conta de, cuidar de, fornecer (algo para)"; 2- *Besorgen* possui três sentidos principais: a) "obter, adquirir, prover" algo para si mesmo ou para outra pessoa; (b) "tratar de, cuidar de, tomar conta de" algo; (c) especialmente com o particípio passado, *Besorgell*, "estar ansioso, perturbado, preocupado" com algo (o infinitivo substantivado é *das Besorgell*), "ocupação", no sentido de ele "ocupar-se de ou com" algo; 3. *Fiirsorge*, "preocupação", é "cuidar ativamente de alguém que precisa de ajuda" (INWOOD, 2002, p. 26).

Para Heidegger (2002), *Sorge* pertence ao próprio *Dasein*, *Besorgell* às suas atividades no mundo e *Fürsorge* ao seu ser-com-outros. A noção que tomaremos de Heidegger (apud INWOOD, 2002), para esse estudo, é a de cuidado como *Fürsorge*, preocupação, uma vez que o trabalho doméstico não remunerado é um trabalho que envolve a dimensão do cuidado: cuidado de si e dos outros. *Fürsorge* é usado para

outras pessoas, não para instrumento. Há dois tipos de *Fürsorge*: o *Fürsorge* inautêntico, *dominante*, que imediatamente livra o outro do cuidado e, em sua preocupação, coloca-se no lugar do outro, transpõe o obstáculo para ele, e o *Fürsorge* autêntico, *libertador*, "salta atentamente à frente do outro, para, de lá, devolvê-lo ao cuidado, i.e., ele mesmo, seu próprio e único *Dasein*, não para levá-lo embora" (HEIDEGGER apud INWOOD, 2002, p. 26) Assim sendo, nesta perspectiva, "a autenticidade possibilita ajudar os outros a firmarem-se sobre seus próprios pés ao invés de reduzi-los à dependência" (INWOOD, 2002, p. 27-28).

Na definição da cientista política americana Tronto (2007), em seu artigo *Assistência democrática e democracias assistenciais*, o cuidado é algo que é feito para melhorar o mundo, isso inclui nossos corpos, nós mesmos e o meio-ambiente e tudo aquilo em que viemos a intervir de *forma complexa e autossustentável*.

Assim, na perspectiva do que a autora (TRONTO, 2007) vai chamar de uma ética do cuidado, cuidar é algo inerente ao ser humano desde os tempos mais primitivos. O cuidado faz parte do processo de formação humana e assegura a existência. O ser humano necessita de outrem para sobreviver, pois precisa alimentar-se, agasalhar-se, aprender a andar, falar, etc. Em todas as situações humanas, o cuidado está presente e pode ser visto em duas dimensões: aquele que cuida e aquele que é cuidado.

Segundo Carrasco (2003), economista e professora da Universidade em Barcelona, em seu artigo intitulado *A sustentabilidade da vida humana: um assunto de mulheres*, à medida que a mulher foi entrando no mercado de trabalho, o modelo familiar foi sendo alterado, ou seja, o homem não é o único provedor da renda nos lares. No momento em que as mulheres vão se inserindo no mercado de trabalho, um novo modelo vai sendo criado e tende a se consolidar. O homem, porém, mantém o seu papel quase intacto, ou seja, não tem uma responsabilidade maior no compartilhamento das atividades, exerce apenas uma ajuda. Enquanto a dona-de-casa que, nas décadas anteriores, tinha o papel de cuidar das crianças, do idoso e do marido, continua a fazê-lo, uma vez que ela não abandona as suas *tarefas de cuidadora e gestora do lar*. A mulher, na verdade, assume um duplo papel: o *familiar e o do trabalho fora do lar* (CARRASCO, 2003, p. 26). Sendo assim, pode-se observar que, o processo de conciliação entre as necessidades humanas (biológicas

e relacionais) e as necessidades produtivas e organizacionais de uma empresa, tem exigido, das mulheres, diversas formas de adaptação e de escolhas diversas para reduzir as atividades básicas para a vida e, assim, se integrarem em um mercado de trabalho feito e definido pelos homens.

Apesar do modelo de família tradicional, de homens provedores e de mulheres donas-de-casa estar mudando, a mulher tem, o que Carrasco (2003) denomina de ausência/presença, ou seja, o estar e o não estar em nenhum dos dois lugares. Diante da urgência das tarefas do cuidado da vida humana e das exigências impostas pelo trabalho remunerado, só resta, às mulheres, a jornada dupla e a rotina desgastante de passar de um trabalho a outro e negociar os espaços e as formas de fazer ambos os trabalhos.

3.5 A INTERFACE DO TEMA TRABALHO DOMÉSTICO NÃO REMUNERADO COM A DISCIPLINA LINGUAGEM E TRABALHO

A disciplina sob a designação Linguagem e trabalho, inicialmente com o nome de Ergolinguística, foi incorporada à grade curricular do Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal de Pernambuco, no ano de 2008. A disciplina abordava a relação entre linguagem e trabalho cujo aporte teórico e metodológico é construído na confluência de várias disciplinas, entre elas, a Ergologia, a Ergonomia e a Linguística (PORTO, 2011).

O presente estudo, acerca do valor social do trabalho doméstico não remunerado insere-se, portanto, na linha de estudos do Programa de Pós-Graduação em Letras, denominado Análise dos discursos, e também na linha de pesquisa *Linguagem, sociedade e trabalho*, do Grupo de Pesquisas UFPE/CNPq, liderado pela Professora Maria Cristina Hennes Sampaio. Desse grupo de estudos resultaram os seguintes trabalhos: MANUAIS DO CUIDADOR DE IDOSOS: UMA ABORDAGEM ERGOLINGUÍSTICA DO ENVELHECIMENTO HUMANO (PORTO, 2015); A CONTRIBUIÇÃO DA ERGOLINGUÍSTICA À ANÁLISE DO TRABALHO (PORTO, 2017).

Tomaremos em consideração, no presente estudo, a interface daquelas disciplinas que se ocupam de fenômenos do trabalho, enquanto atividade, como é o

caso da Ergologia, da Ergonomia e da linguística. A Ergologia, segundo Schwartz (2004), abre novas perspectivas de abordagem do sentido do trabalho humano. Nesse sentido, sugere (SCHWARTZ, 2004) que o mesmo seja pensado como um objeto denso e não como uma obviedade ou algo transparente sobre o qual não há necessidade de uma abordagem em profundidade. Na concepção ergológica, o trabalho é visto como um fenômeno que passa por reformulações de conceitos de trabalho prescrito e normalizado.

Segundo Schwartz (1998), o trabalho não pode ser visto como algo simples que se reduz a uma troca de tempo por salário, mas sim como uma realidade mais complexa a ser entendida, uma vez que toda forma de atividade, em qualquer circunstância, requer sempre variáveis a serem geridas, em situações históricas. Nessa perspectiva, o trabalho doméstico seria o trabalho para si e isso envolve escolhas a serem feitas, ainda que inconscientes (SCHWARTZ, 1998).

Para Schwartz (1998), todo o pensamento sobre o valor do trabalho deve tentar articular princípios que não separem o trabalho, como mercadoria, do trabalho como momento da vida social. Isso porque não há uma situação de trabalho em que não estejam envolvidos “os aspectos biológicos, psíquicos e históricos, *mesmo nas atividades consideradas imateriais*” (SCHWARTZ, 1998, p. 151)¹¹

Para ele (SCHWARTZ, 1998), nós não temos dois corpos, um para o trabalho e o outro para fora do trabalho. Temos apenas um corpo que enfrenta tudo, que experimenta e se gasta no contexto social das situações de trabalho.

O elemento universal, no trabalho, é o debate de normas (normas antecedentes e renormalizações), reformulação dos conceitos ergonômicos de trabalho prescrito e realizado. Para Schwartz (2002), as normas antecedentes são construções históricas que vão de elementos mais específicos, como as prescrições particulares, para a realização do trabalho de um operador, aos mais amplos, como os políticos, econômicos e sociais. Durante a atividade, o trabalhador, com suas experiências e valores, institui a sua maneira de realizar o que foi prescrito, ou seja, renormaliza as normas antecedentes.

Em outras palavras, a ergologia enfatiza o aspecto histórico de qualquer pesquisa no campo do trabalho, afastando, desta forma, uma concepção metafísica da ideia de neutralidade científica. A disciplina ergológica também trabalha no

¹¹ Grifo do autor

campo do imanente e entende que tanto o pesquisador como o pesquisado são historicamente constituídos no momento da pesquisa.

Estudar o trabalho sob a perspectiva da linguagem requer um aporte teórico de natureza transdisciplinar que se dá na convergência entre as disciplinas da Ergologia, da Ergologia e da Linguística. Vejamos, portanto, qual é a definição de cada uma dessas disciplinas. A palavra Ergonomia deriva do grego *Ergon* [trabalho] e *nomos* [normas, regras, leis]. Trata-se de uma disciplina orientada para uma abordagem sistêmica de todos os aspectos da atividade humana. Para darem conta da amplitude dessa dimensão e poderem intervir nas atividades do trabalho é preciso que os Ergonomistas tenham uma abordagem holística de todo o campo de ação da disciplina, tanto em seus aspectos físicos e cognitivos, como sociais, organizacionais, ambientais, etc. Frequentemente, esses profissionais intervêm em setores particulares da economia ou em domínios de aplicação específicos. Esses últimos caracterizam-se por sua constante mutação, com a criação de novos domínios de aplicação ou do aperfeiçoamento de outros mais antigos.¹²

Para Schwartz (2014), a Ergologia vem de uma palavra grega (*ergasesthai*) que significa o fazer em geral. Essa disciplina estuda a atividade humana, levando em conta tudo o que tem de ser pensado e visto como consequência de certa abordagem da atividade humana. Ocupa-se em estudar, de forma científica, o trabalho humano, essa atividade industriosa do ser humano que tem dimensões econômicas, ergonômicas, linguísticas, sociológicas, psicológicas, jurídicas, etc. É, portanto, uma disciplina pluridisciplinar, uma vez que tem uma dimensão filosófica, antropológica e também epistemológica da atividade de trabalho.

Como a nossa abordagem de pesquisa está voltada para a questão do trabalho na perspectiva da relação entre trabalho e linguagem, não podemos deixar de ressaltar que a preocupação dos linguistas, com o estudo da linguagem em situação de trabalho, é recente. Segundo Souza-e-Silva (2002), os estudos acerca do assunto começaram nos anos 1980, na França, e por volta dos anos 1990, no Brasil.

Brait (2002) afirma que a análise da linguagem, em situação de trabalho, coincide com um momento específico da reflexão dialógica dentro das Ciências Humanas, com uma concepção enunciativo-discursiva da linguagem que, ao

¹² In: <http://www.ergonomianotrabalho.com.br/ergonomia.html> acesso em 26 maio 2016

recortar uma determinada situação, considera a dimensão histórica e a memória discursiva que constituem a materialidade desse recorte.

Ainda nessa perspectiva, Nourondine (2002) sugere a abordagem da linguagem, como atividade de interação, no trabalho. Para ele (NOURONDINE, 2002), a linguagem envolve os constituintes fisiológicos, cognitivos, subjetivos e sociais os quais se cruzam em um complexo que traz a marca distintiva de uma experiência específica em relação a outras. Tão importante como as dimensões de análise do trabalho é a relação existente entre este e a linguagem, vista pelos ergolinguistas sob três ângulos: a linguagem como trabalho, a linguagem no trabalho e a linguagem sobre o trabalho (NOUROUDINE, 2002). A linguagem no trabalho, segundo Nourondine (2002), é aquela que não só legitima a atividade como também se reveste de uma série de dimensões. Além disso, é usada para gerir o tempo, evidenciar a dialogia do discurso e revelar saberes e valores que modelam as relações sociais.

No presente estudo iremos analisar a linguagem sobre o trabalho, uma vez que ela vincula-se ao trabalho interpretado e, por isso, procura decifrar a atividade em desenvolvimento. Nourondine (2002) adverte que, para se compreender a validade e a pertinência desse discurso, é necessário questionar-se sobre os elementos dele constitutivos: “quem fala?”; “de onde se fala?”; “em que contexto fala?”.

De acordo com França (2004), adotar essa postura epistemológica do ser industrial, postulada pelos estudiosos da ergologia, significa associá-la à concepção dialógica da linguagem, cujos princípios estão relacionados aos postulados teóricos de Bakhtin (2000, 2004, 2007). A concepção de linguagem bakhtiniana está fundada na ideia de que a linguagem é antes de mais nada uma atividade. Se o trabalho é uma atividade humana, consequentemente, é um lugar onde os sujeitos realizam trocas verbais na rede de discursos e assim constroem sentidos para se comunicarem e se construírem nas formas de ser igual ou diferente do(s) outro(s) nas relações de trabalho (FRANÇA, 2004).

3.5.1 O trabalho doméstico não remunerado e as dramáticas do uso de si

Yves Schwartz começou a estudar o trabalho numa perspectiva ergológica, na década de 80, momento perpassado por mudanças do trabalho e declínio do taylorismo, num contexto de mudança do trabalho e da sociedade. O termo “ergologia” começou a ser utilizado em meados de 1995. Na *Université de Provence*, na França, ele e mais um grupo pequeno de pesquisadores (o lingüista Daniel Falta e o sociólogo Bernard Vuillon. De fora, destaca-se o ergonomista Jaques Duraffourg) se perguntavam acerca do “que é o trabalho?”. Para responder a isso, foi necessário a eles construir um acesso mais profundo ao que era trabalhar para avaliar e concluir *coisas graves sobre as competências, a cultura do mundo do trabalho, a obsolescência e o adoecimento* (SCHWARTZ, 2006, p. 458)

O trabalho, numa perspectiva ergológica, vai além da ideia de trabalho assalariado, objeto de estudo das diversas ciências. O trabalho, sob essa perspectiva, veio do conceito de atividade, trazido pelos ergonomistas (Alain Wisner, do *Conservatoire national des arts et métiers* (CNAM), em Paris; Ivan Odonne (médico e psicólogo do trabalho, uma das principais referências do chamado ‘movimento operário italiano de luta pela saúde’.), juntamente com as referências filosóficas de George Canguilhem¹³.

O trabalho, segundo os ergologistas, é uma atividade que envolve o uso de si (por outros ou por si), ou a dramática do uso de si (SCHWARTZ, 2014). Sendo assim, o trabalho, sob essa ótica, não era analisado como um tempo vendido em troca de um salário, mas um trabalho que fosse visto como uma atividade em que nela estariam envolvidas todas as subjetividades e o uso industrioso de si.

De acordo com o ergologista, Schwartz (2004), “atividade” seria o contrário da inércia. Esse termo, segundo o autor (SCHWARTZ, 2004) é abundante na linguagem e em textos dos profissionais da análise do trabalho, principalmente na ergonomia francófona cuja base são os estudos de Wisner (1991). Visto sob esse prisma, o trabalho não estaria relacionado apenas àquilo que pode ser vendido ou economicamente valorado.

¹³ Filósofo e médico francês. Especialista em epistemologia e história da ciência, sobre medicina, psicologia, ideologias científicas e ética. No que tange a questão do trabalho, cf. Meio e normas do homem no trabalho. Pro-posições v. 12, ano 2001.

O trabalho é, na verdade, uma atividade humana, ou seja, é algo que é inerente aos seres humanos. Defini-lo como atividade em oposição à inércia, segundo o autor (SCHWARTZ, 2004), tem consequências ergonômicas, sociais e axiológicas. Isso porque o trabalho não pode ser pensado como atividade distinta da atividade humana. Dito dessa maneira, ao analisarmos as atividades realizadas por uma trabalhadora doméstica não remunerada, por exemplo, precisamos pensar no uso que ela faz de “si” por “si” e pelos “outros”, porque não temos um corpo para o trabalho e outro para nós mesmos. Pensar na comensurabilidade de um trabalho, segundo Schwartz (2004), significa pensar no uso de si pelos outros e a atividade de trabalho doméstico não remunerado, envolve essa questão:

Se voltarmos à definição do produto dos serviços pelas ‘atividades’, evocada por Gadrey (1991), o problema vem em parte do fato de que as finalidades impostas, a exigência, a sanção social parecem, sob esse vocábulo ‘atividade’, se desfazer. O vocábulo ‘atividade’ não faz mais, nitidamente, a distinção com os serviços ou as prestações múltiplas de que a vida cotidiana, fora do tempo remunerado, é o caldeirão e o espaço. Mas, justamente, isso não é um indício de que é preciso pensar, ao mesmo tempo, tanto as especificidades não redutíveis entre os espaços e os tipos de exigências, quanto as circulações em todos os sentidos (para retomar um termo utilizado anteriormente) entre os diferentes ‘usos de si’ nas diferentes esferas, tornados possíveis por sua inclusão no conceito geral de atividade¹⁵? Desse ponto de vista, datar o ‘nascimento’ do trabalho quando da emergência do regime salarial é cortar suas comensurabilidades — mais ou menos frouxas, mais ou menos estreitas — com as outras formas da atividade humana, por exemplo, com as atividades tradicionalmente assumidas pelas mulheres na família ou no grupo social, e cujas raízes remete a outras épocas¹⁶ (SCHWARTZ, 2004, p. 39).

O trabalho doméstico, portanto, seria uma atividade que envolve todos os “usos de si”, os quais transcendem os limites sociais, temporais e institucionais. Isso significa que há muitas subjetividades envolvidas nesse tipo de trabalho cujas dimensões ultrapassam o ambiente privado em que ele é feito, uma vez que o indivíduo ao fazer determinado trabalho tem nele o seu *agir industrial*.

O uso do termo “si” se deu como um encontro, que Schwartz (2014) chama de encontro privilegiado entre o mundo operário e o mundo industrial, que é, na verdade, uma tentativa de *recentramento* daquilo que acontece em torno das próprias normas de trabalho e a forma, um tanto enigmática, com que os seres humanos realizam o trabalho normatizado. Para exemplificar essa questão, Schwartz (2014) usa como exemplo as ações de um funcionário de um guichê de trem que decide ou não elevar a voz, falar ou não mais devagar, quando está com

um cliente que tem claras dificuldades com a língua local. Essas escolhas, para os estudiosos do trabalho como atividade, apesar de serem imperceptíveis, não têm nada de neutras, uma vez que o ser que trabalha faz essas escolhas para atingir o objetivo do trabalho a que se propõe fazer. Para o ergologista (SCHWARTZ, 2014), toda a sequência de atividades industriais envolve arbitragens, debates, como se fossem uma espécie de renormalização daquilo que foi proposto. Essas arbitragens nos obrigam a escolher, na qualidade de seres o mundo de valores e é daí que vem a ideia do *uso de si*, uma vez que essas escolhas que nos impõem seriam permanentes. É daí que vem o termo “dramáticas do uso de si” (SCHWARTZ, 2014).

Dramática, segundo Schwartz (2014), remete à ideia de sequências de vida em que aparece aquilo que não se pode antecipar, algo que acontece no momento de tensão, em que uma determinada atividade acontece. A dramática seria o encontro que se dá a ação industrial de cada pessoa em uma situação de atividade. Há aqui a presença do corpo que realiza ações, que seleciona, que reage a situações nas quais está envolvido. Esse seria, para os ergologistas, o “si”. Essa entidade, que os ergologistas chamam de “corpo si”, transgride todas as fronteiras entre o biológico e o histórico. O “si” seria, portanto, um ser que traz em si mesmo uma ancoragem tríplice, a saber: biológica, histórica e singular, as quais são indissociáveis. Biológica porque o corpo tem suas potencialidades e limites e por isso mesmo traz uma busca de saúde; histórica porque as normas do uso de si e do uso por outros constituem a essência das dramáticas que se dão mediante os atos em situações particulares da história; e, singular, porque tem a ver com a experiência de cada pessoa, ao modo como reage em seu corpo físico pessoal, um corpo “desejante”, que se apropria da vida para dar as respostas aos encontros de sua própria dramática num mundo de valores e normas das atividades a ele propostas (SCHWARTZ, 2014).

Em nossa pesquisa é possível perceber essas dramáticas do uso de si de nossas trabalhadoras domésticas não remuneradas quando, ao narrarem um dia de sua rotina de trabalho, elas descrevem em detalhes como procederão na realização desse serviço. Além de detalhar a ordem em que realizam as atividades, elas falam

também da necessidade de realizá-las para o bem da sua família, bem como relatam as suas impressões acerca do trabalho.

O trabalho doméstico não remunerado, na perspectiva ergológica, é também um trabalho real, termo cunhado por Schwartz (2002). Para o ergologista (SCHWARTZ, 2002), o trabalho pode ser classificado como *prescrito* e *real*. O trabalho prescrito estaria relacionado às normas que fazem esse trabalho, ou seja, as *normas antecedentes*. Enquanto que o trabalho real seria um debate de normas que ultrapassa o meio do trabalho, mesmo situando-se nele. O trabalho real estaria relacionado ao *agir industrial de si* do trabalhador. As normas para um determinado trabalho existem, mas a forma de fazer esse trabalho envolve as singularidades, as subjetividades e a experiência de homens e mulheres engajados numa determinada atividade. Em nosso trabalho de pesquisa, procuramos compreender como as trabalhadoras se viam fazendo a atividade a partir da auto confrontação simples e cruzada¹⁴, a fim de perceber, a partir de suas próprias subjetividades, como elas agiam ao realizar o trabalho doméstico não remunerado. Para isso, montamos uma metodologia que nos ajudasse a analisar o fenômeno trabalho doméstico não remunerado mais de perto. E, assim, utilizamos entrevistas, a gravação de um auto vídeo feita pela própria trabalhadora sem a presença da pesquisadora. E depois disso, o método de auto confrontação simples e cruzada. Todos esses instrumentos de coleta de dados geraram o corpus discursivo que nos permitiu analisar os temas que surgiram a partir dele. Toda a metodologia que utilizamos para esse trabalho de pesquisa será descrita a seguir.

¹⁴ Ver item 4.5 Método clínico de auto confrontação, p. 101

4 METODOLOGIA

4.1 SELEÇÃO GRADUAL DE UMA AMOSTRA DE CASOS

As estratégias de amostragem graduais, relatadas na literatura sobre o tema, foram inspiradas, em grande parte, na amostragem teórica desenvolvida pelos pesquisadores Glaser e Strauss (apud FLICK, 2004, p. 79) na qual a escolha e a reunião de material empírico [...] “são tomados no processo de coleta e interpretação de dados”. Ao contrário do que ocorre nas técnicas usuais de seleção estatística, com base na representatividade, aleatoriedade e estratificação, na amostragem gradual as decisões de escolha podem tanto se concentrar no nível de grupos como de pessoas específicas, sendo que a seleção da amostra visa a obtenção daquele material que possa proporcionar os melhores *insights* para o desenvolvimento da teoria sobre determinado fenômeno (GLASER; STRAUSS apud FLICK, 2004).

No presente estudo, adotamos a seleção gradual de amostra proposta por Patton (apud FLICK, 2004, p. 83), autor da obra *Qualitative Research and Evaluation Methods*¹⁵, para pesquisas de avaliação, adotando-se três critérios sugeridos pelo autor:

- 1) da conveniência, que pressupõe a seleção “daqueles casos mais fáceis de serem acessados em determinadas condições”;
- 2) da intensidade, que pressupõe a seleção daqueles casos cujos “ aspectos, processos, experiências, etc, interessantes são determinados ou supostos”, ou ainda que “tenham maior intensidade, ou integram-se e comparam-se sistematicamente [...] com diferentes intensidades”;
- 3) da variação máxima na amostra: “integrar apenas alguns casos, mas aqueles que forem os mais diferentes possível, para revelar o alcance da variação e da diferenciação no campo”.

¹⁵ Patton, M. Q. *Qualitative Research and Evaluation Methods*. Thousand Oaks, California: Sage Publications, 2002.

Na adoção de desses critérios, é importante garantir que os casos sejam ricos em informações relevantes, permitindo análises com a máxima profundidade (FLICK, 2004) e que possam ser comparados quantitativamente entre si, o que será garantido pela aplicação do Programa estatístico informatizado STABLEX e de seu respectivo Método de análise lexical, textual e discursiva (CAMLONG, 1996) o qual será descrito no item 3.6

O caso, segundo Hildebrand (apud FLICK, 2004, p. 85) representa a si mesmo: “o caso único (...) pode ser compreendido dialeticamente como um universal individualizado”, ou seja, considerado “como o resultado da socialização individual específica contra um pano de fundo geral” o qual pode levar “a opiniões, atitudes e pontos de vista diferentes e subjetivos” [...]; além disso, “o caso representa um contexto de atividade interativamente realizado e realizável”, como no presente caso, o trabalho doméstico.

4.2 CRITÉRIO DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO DE PARTICIPANTES

Por conseguinte, a coleta e a interpretação dos dados deram-se com uma sequência de três casos de trabalhadores domésticos não remunerados que aceitaram participar voluntariamente do estudo, cujos critérios de inclusão são: sujeitos do sexo feminino, na faixa etária entre 25-70 anos, profissionais liberais ativos, com núcleo familiar¹⁶ de pelo menos um membro, residentes no mesmo domicílio, na cidade do Recife, Pernambuco, e que não contem com o auxílio de empregado doméstico em suas residências. As trabalhadoras domésticas foram abordadas dentro do universo de conhecimento da pesquisadora. Dentre os critérios acima descritos, é importante ressaltar o fato de as mulheres trabalharem fora e também realizarem o trabalho doméstico não remunerado para as suas necessidades e as de seus familiares. Dessa forma, poderão expressar suas percepções acerca de como vivenciam o trabalho não-remunerado. Escolhemos a

¹⁶. Em nossa pesquisa, tomamos como referência o núcleo familiar composto por pai, mãe, companheiro (a), filhos e netos. Apesar de existirem configurações familiares compostas por duas mulheres ou por dois homens, não foi essa a configuração escolhida para essa pesquisa. Interessou-nos optar por um modelo de família mais tradicional uma vez que as pesquisas, às quais tivemos acesso, enfocavam esse tipo de configuração familiar.

trabalhadora liberal devido à flexibilidade de horário de trabalho que essa profissional dispõe e, assim, pode realizar o trabalho doméstico não remunerado.

Os critérios de exclusão foram:

- mulheres que disponham de uma trabalhadora doméstica em casa;
- mulheres que não atuem como profissionais liberais.

4.3 CONSTITUIÇÃO DOS *CORPORA*

Os *corpora* discursivos foram constituídos pelos discursos dos participantes acerca da sua visão do que seja fazer um trabalho doméstico não remunerado. Por tratar-se de uma análise dialógica do discurso, buscamos, nos diversos discursos produzidos pelos sujeitos participantes, perceber como estes se expressam em seus modos de ser, os sentidos que constroem a respeito de sua atividade. Nessa perspectiva, nossos *corpora* de estudo foram assim constituídos:

a) os discursos gravados em áudio, coletados nas entrevistas semipadronizadas (FLICK, 2004). Essas entrevistas foram transcritas e as perguntas que serviram de roteiro para a pesquisadora, encontram-se no anexo desse trabalho. Por tratar-se de uma análise dialógica, buscamos, nos diversos discursos produzidos pelos sujeitos-participantes, perceber como estes se expressam em seus modos de ser, os sentidos que constroem a respeito de sua atividade do trabalho.

b) os auto vídeos, cuja materialidade discursiva e imagética foi constituída pelos depoimentos e imagens, dos participantes, enquanto realizavam a sua atividade de trabalho não remunerado no interior de suas casas. As participantes foram orientadas, apenas, a gravar um dia de sua rotina, mostrando e dizendo todas as atividades que realizavam em seu trabalho doméstico não remunerado. O auto vídeo possibilitou a aplicação do Método Clínico de Auto confrontação (CLOT, 2010) dos participantes.

4.3.1 Definição das variáveis

Participaram, como informantes dessa pesquisa, três trabalhadoras domésticas não remuneradas, renomeadas na análise como T1, T2 e T3. Cada trabalhadora representa, nessa pesquisa, uma variável, por tratar-se de uma análise dialógica do discurso desses sujeitos em sua individualidade.

- T1 – Tem 39 anos, atua profissionalmente como professora do ensino infantil, é casada e tem duas filhas, uma com 05 e outra com 08 anos. O marido de T1 é profissional liberal e, no momento em que fizemos a primeira coleta de dado, ele se encontrava num trabalho em que ficava meses fora de casa. No final de nossa coleta, ele já estava em outro trabalho, o qual não o deixava mais ausente de casa. T1 é professora de uma escola particular do município de Recife, a qual está situada no mesmo bairro em que mora. Segundo dados coletados informalmente, T1 tem uma certa economia ao ter o direito das filhas de estudarem gratuitamente na escola em que ela trabalha. T1 dedica 04 horas e meia diárias de trabalho nessa escola, de segunda a sexta-feira.
- T2 – Tem 71 anos, atua profissionalmente como psicóloga e professora do Ensino superior. É casada, os filhos já são adultos, casados e não residem na mesma casa que ela. T2 é professora de uma Universidade pública federal situada em um bairro do Recife e, segundo dados coletados informalmente, tem um horário mais flexível, ou seja, não trabalha oito horas diárias, e está em final de carreira.
- T3 – Tem 25 anos, atua profissionalmente como auxiliar administrativo numa empresa de gás. É casada, mas não tem filhos. A jornada de trabalho de T3 é de 08 horas diárias, de segunda a sexta-feira. Além disso, T3 está cursando a universidade, na modalidade à distância.

4.4 PROCEDIMENTOS E INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

Para ter acesso aos discursos que nos permitiriam conhecer melhor a visão dos sujeitos que realizam o trabalho doméstico não remunerado, aplicamos os seguintes instrumentos de pesquisa:

1) Entrevistas semipadronizadas (FLICK, 2004) com os participantes, a fim de possibilitar o levantamento de quantas horas gastam para realizar o seu trabalho, bem como a análise e a interpretação dos discursos produzidos acerca da visão que têm desse trabalho *para si e para o outro*.

A entrevista semipadronizada compreendeu perguntas abertas e os temas abordados estão baseados nas pressuposições teóricas da pesquisadora. (As questões utilizadas na entrevista encontram-se no anexo). As questões utilizadas nesse tipo de entrevista serviram ao propósito de tornar mais explícitos a experiência e o conhecimento do entrevistado acerca de sua atividade (FLICK, 2004, p. 100).

2) Auto vídeo das participantes, no espaço privado das suas residências, para descrever todo o processo de trabalho doméstico não-remunerado que realizam. Para essa finalidade, elas filmaram a rotina do trabalho doméstico que realizaram durante um dia sem a presença da pesquisadora.

O auto vídeo foi um instrumento de coleta de dados necessário para a auto confrontação simples e cruzada (descritas no item a seguir). Esse instrumento de coleta permitiu, à pesquisadora, visualizar a rotina de um trabalho que acontece num ambiente privado das residências.

4.5 MÉTODO CLÍNICO DE AUTOCONFRONTAÇÃO

O Método Clínico de Auto confrontação tem, como princípio, provocar o sujeito a pensar sobre sua atividade e ressignificá-la (CLOT, 2010). Esse procedimento, segundo Clot (2010, p. 184), pode ser concretizado de duas formas: a auto confrontação simples e a auto confrontação cruzada. Na primeira, o pesquisador confronta o pesquisado com o vídeo em que registrou a sua atuação durante uma determinada atividade de trabalho e pede que ele descreva o que ele vê no vídeo, propiciando uma relação dialógica com o fenômeno filmado, com o sujeito que ele vê envolvido na atividade e com o pesquisador. Na modalidade de auto confrontação cruzada, há o encontro de dois trabalhadores com o pesquisador.

Ambos assistem aos vídeos dos registros de suas atividades anteriormente filmadas e comentam sobre as ações um do outro. As sessões de auto confrontação foram igualmente filmadas ou gravadas em áudio, pelo pesquisador, que faz intervenções quando achar necessário, conduzindo, assim, as reflexões e tomadas de consciência dos participantes sobre aquilo que fazem.

A auto confrontação é um procedimento metodológico que permite, aos sujeitos, a reinterpretação das dimensões do trabalho que realizam. No caso de nossa pesquisa, após os participantes realizarem o auto vídeo, no interior de suas residências, eles foram submetidos a uma auto confrontação simples.

O método consiste em utilizar a imagem como suporte principal das observações. Faz-se um objeto fílmico para provocar, em um novo contexto, no sujeito, a confrontação a ele mesmo e ao outro; o pesquisador, então, solicita ao participante da pesquisa a avaliação de seus próprios atos. As auto confrontações simples e cruzadas conduzem a:

tomar o enunciado concreto como base material de análise das situações, dos atos e dos pensamentos humanos, o que conseqüentemente fornece às ciências humanas um fenômeno – a relação dialógica – situado na fronteira entre discurso e atividade. (FAÏTA; VIEIRA, 2003, p. 35)

Gravamos um áudio com a descrição do que eles se veem fazendo, a fim de compará-las com o aquilo que eles dizem que fazem, na entrevista semipadronizada, realizada antes do auto vídeo. Os discursos resultantes dessas auto confrontações foram submetidos também a uma análise estatística dos dados discursivos, conforme descrito abaixo.

4.6 ANÁLISE ESTATÍSTICA DOS DADOS

Nessa pesquisa, utilizamos o Método de Análise Lexical, Textual e Discursiva, proposto por Camlong (1996), o qual baseia-se na estatística paramétrica para a descrição quantiquantitativa da população lexical de nossos *corpora* discursivos. Esse método refere-se à utilização de instrumentos estatístico-computacionais, baseado

em pressupostos metodológicos de análise lexical, textual e discursiva. O autor (CAMLONG, 1996), ao descrever o método, define-o da seguinte forma:

Método de análise estatística destinado ao tratamento informático de dados lexicais textuais e discursivas, para o uso de todos aqueles que desejam se dedicar à prática de análise “científica” de qualquer corpus textual (escrito ou transcrito), exposto de um ponto de vista teórico e prático (CAMLONG, 1996, p. 5).

O método Camlong foi desenvolvido especialmente para análises linguísticas, em função de um modelo de análise lexical, textual e discursiva - *método matemático-estatístico-computacional de análise de textos*. Ele permite que se faça indexação de textos, tratamentos estatísticos de léxicos, extração de sequências e concordâncias, bem como a criação automática de dicionários.

O programa STABLEX, segundo Camlong (1996), tem sua importância pelo fato deste nos propiciar um tratamento de *corpora* através de um critério científico (a estatística paramétrica), de forma a permitir, através de uma leitura da descrição do peso da população recenseada, visualizar todo o conjunto de constituição lexical, textual e discursiva, tanto do ponto de vista de cada variável individualmente, como compará-las e interpretá-las entre si.

Esse método considera o conteúdo real dos léxicos criados e de seus repertórios lexicais recenseados. Esses formam o texto que veicula um discurso. O método fornece os procedimentos de cálculos, as regras de validação e as leis de determinação, o da distribuição permite visualizar a arquitetura textual do discurso. Nesse sentido, o método possibilita, ao analista, num primeiro momento, uma leitura dos dados descritos (pesos dos itens lexicais), evitando, assim, a escolha intencional de determinados itens lexicais que pudessem oferecer as respostas esperadas pelo pesquisador em relação às suas hipóteses e perguntas de pesquisa.

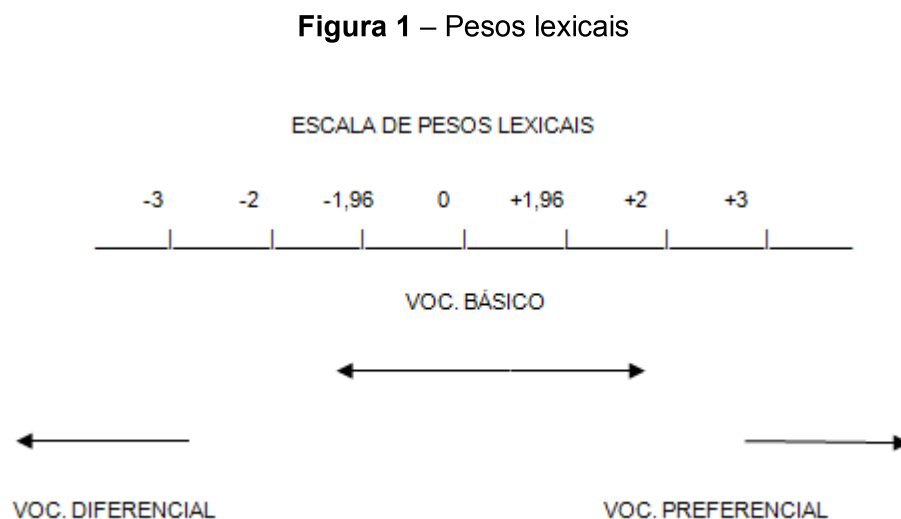
Vale salientar que os dados numéricos (desvios reduzidos) representam o léxico, o qual está relacionado aos textos e estes aos discursos. Desse modo, o método estatístico permite descrever e analisar as relações entre os elementos lexicais e sintático-semânticos que permeiam os discursos das pessoas que

realizam trabalho doméstico sem remuneração (CAMLONG, 1996). Esse é, pois, um método quantiquantitativo de análise de dados, o que significa dizer que se trata da descrição de dados qualitativos sobre um fundo quantitativo. Segundo Camlong (1996), através da matriz lexical é possível visualizar toda a “arquitetura textual do discurso”, o que nos possibilita, como pesquisadores, obter recortes enunciativos validados a partir do peso atribuído a cada léxico do conjunto discursivo. Ainda, de acordo com Camlong (1996), foi realizado um recorte dos itens lexicais, a partir de uma tipologia de vocábulos que expressam exatamente o valor do conjunto dos pesos lexicais distribuídos nas variáveis estudadas.

Tais vocábulos podem ser descritos da seguinte forma:

1. Vocabulário preferencial – indica o conjunto de vocábulos de escolha privilegiada do sujeito discursivo, com peso lexical positivo, ($z > +1,96$ ou $+2$);
2. Vocabulário diferencial – indica o conjunto de vocábulos de emprego deficitário, objeto de rejeição ou abandono, com peso lexical negativo, ($z < -1,96$ ou -2);
3. Vocabulário básico – indica o conjunto de vocábulos que servem de suporte à construção do texto, em que seu peso lexical se encontra próximo à média escalar ($-2 < z < +2$), e ainda podem ser distinguidos em mais duas categorias: vocabulário básico de tendência positiva, que tem o peso lexical tendendo a dar suporte ao vocabulário preferencial (entre $+1 > z > +2$); vocabulário básico de tendência negativa, que tem peso lexical tendendo a dar suporte ao vocabulário diferencial (entre $-2 < z < -1$);
4. Vocabulário particular ou de predileção – indica o conjunto de vocábulos que aparecem em apenas uma variável, sendo essencialmente temático. São os chamados “hapax”, constituindo uma única ocorrência em todo o *corpus*.

Demonstrando na Figura 1 abaixo:



Fonte: ZAPAROLLI; CAMLONG (2002)

A constituição do léxico foi, pois, realizada a partir do recenseamento de itens lexicais obtidos a partir dos discursos de 03 variáveis em diferentes situações às quais as trabalhadoras domésticas foram submetidas, a saber: (entrevistas, auto vídeo e auto confrontação simples e cruzada).

A lematização é um procedimento de redução ou síntese parcial do léxico, que consiste na redução dos elementos lexicais a um único vetor centrado em torno de uma raiz temática – campo temático -, ou em torno de um vocábulo-chave (ZAPAROLLI; CAMLONG, 2002). A lematização foi efetuada através do programa de informática Excel, aplicando-se para este processo a seguinte fórmula matemática apropriada para este programa: $\{=((LC(-1)-LC(-2)*L1C/RAIZ(LC(-2)*L1C*L2C)))\}$; observa-se que LC(-1) e LC(-2) indicam os valores relativos das frequências da variável e das frequências globais, respectivamente; enquanto que L1C e L2C indicam os valores absolutos de p e q (CAMLONG, 1996). Os subtemas, lematizados a partir de recortes dos itens lexicais exaustivamente recenseados e descritos nas TDRs e TDFs, foram constituídos em função dos campos semânticos (sentidos) aos quais tais itens lexicais remetem e dos objetivos de nossa pesquisa.

Para exemplificar o que dissemos anteriormente, daremos como exemplo uma das tabelas de lematização, cujo tema é *Impressões*, o qual utilizamos em nossa análise quantiquantitativa (TABELA 2).

Os temas, lematizados a partir de recortes dos itens lexicais exaustivamente recenseados e descritos nas TDRs e TDFs, foram constituídos em função dos campos semânticos aos quais tais itens lexicais remetem e dos objetivos de nossa pesquisa. Dessa forma, distribuímos os vocábulos das três variáveis nos seguintes eixos temáticos: *Produtividade, cuidado, tempo, afazeres domésticos, sobrevivência, estados de ânimo e impressões*. O eixo temático será objeto de nossa análise no capítulo de análise de dados.

As tabelas de frequência (TDFs) informam o número de ocorrências e a frequência da população lexical recenseada no corpus e sua distribuição nas variáveis. Essas tabelas são consideradas brutas porque só possibilitam ao pesquisador identificar os tipos de vocábulos que predominam em determinado corpus; não permitem uma análise direta dos dados a partir de uma mesma medida. (ZAPAROLLI; CAMLONG, 2002).

As tabelas de desvio reduzido (TDR) são matrizes de medidas algébricas, as quais são tomadas com a mesma medida e reduzidas à mesma escala. É o cálculo algébrico das TDR que possibilita ao pesquisador fazer a descrição do corpus. (ZAPAROLLI & CAMLONG, 2002)

Tabela 2 - Planilha de lematização (Tema: Impressões)

IMPRESSÕES	TOTAL	T1	T2	T3
Roupa	6	6		
Sinto	5	5		
Idade	4	4		
Cato	3	3		
Notei	3	3		
Cansa	2	2		
Consolo	2	2		
Prazeroso	2	2		
Reparei	1	1		
Serviço	7	5		
Dinâmica	2	2		
Mentira	1	1		
Percepção	1	1		
Tarefas	2	1	1	
Termina	2	1		
Rotina	13	3		10
Prazerosa	2		1	
Família	7		7	
Responsável	4		4	
Responsabilidade	2		2	
Marido	15	4	11	
Machismo	3		3	
Postura	1		1	
Revoltante	1		1	
Submete	1		1	
Cultural	2		2	
Trabalho	10	2		8
Mulher	9		8	1

Fonte: A Autora, 2019.

4.7 ASPECTOS ÉTICOS

O presente estudo seguiu os preceitos da Resolução 466/12 acerca das pesquisas envolvendo seres humanos. Desta forma, após a qualificação do projeto no Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPE, o mesmo foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos do Centro de Ciências da Saúde da mesma Universidade que está sob o número C.A.E.E. n. 59114116.0.00005208

A autorização dos sujeitos para que seja feita a coleta de dados ocorreu mediante a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido específico. Os dados oriundos da coleta de dados (filmagem, gravações, transcrições, entrevistas) ficarão armazenados em computador particular, por um período de 05(cinco) anos, sob a guarda da pesquisadora. Foi garantido o sigilo da identidade dos participantes os quais poderiam desistir de sua participação em qualquer etapa pesquisa, sem que lhes fosse imputado nenhum ônus.

Riscos. A pesquisa ofereceu baixo risco de constrangimento e/ou desconforto para os participantes durante a entrevista e as tomadas de registro audiovisual. Para minimizá-los, fizemos as entrevistas individualmente e em local adequado, ficando o participante livre para responder apenas aquelas perguntas que desejasse; quanto aos registros, solicitamos aos próprios participantes que registrassem, com o auxílio de uma câmera, um dia de sua rotina de trabalho, de forma a evitar que o pesquisador invadisse o espaço privado de suas residências.

Benefícios. Quanto aos benefícios decorrentes dos resultados dessa pesquisa, a metodologia de auto confrontação, utilizada junto aos participantes, favoreceu uma reflexão e um autoconhecimento acerca do valor social do trabalho doméstico; além disso, contribuiu para tornar visível, na esfera pública, esse trabalho invisibilizado e desvalorizado pelo mercado e pela sociedade, através de ampla divulgação nos meios de comunicação científicos e sociais.

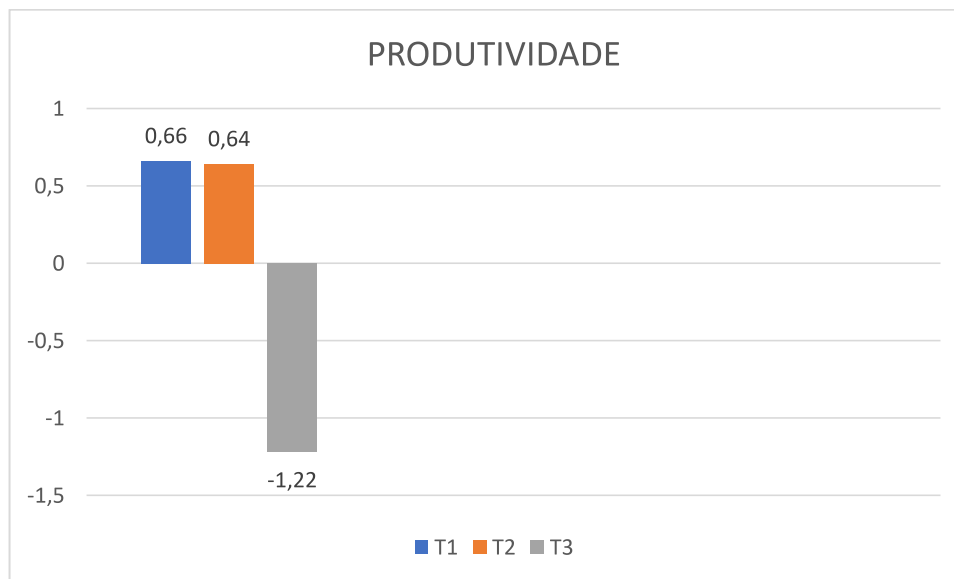
5 ANÁLISE QUANTIQUALITATIVA DOS DADOS

Neste capítulo faremos a análise dos discursos produzidos pelas três trabalhadoras domésticas, doravante denominadas variáveis T1, T2 e T3, para preservar o anonimato de suas identidades, cujos discursos constituíram nossos *corpora*. Do ponto de vista metodológico, tomamos em consideração as seguintes abordagens: a) a Teoria dialógica da linguagem e de seus fundamentos ético-filosóficos, cujas noções fundamentais são dialogismo (BAKHTIN; (VOLOSHINOV), 2004; BAKHTIN, 2000); acento apreciativo (BAKHTIN; (VOLOSHINOV), 2004); alteridade (BAKHTIN, 2000); ato ético (BAKHTIN, 1997b, 2010); b) a abordagem *ontológica de linguagem* de Heidegger (1995, 2002, 2004, 2013), cujas noções destacamos *discurso, escuta, curiosidade e cuidado*; c) da abordagem entre a ergologia e a linguagem.

(SCHWARTZ, 1998, 2002, 2011), com as noções de *corpo-si e trabalho real*.

5.1 TRABALHO DOMÉSTICO NÃO REMUNERADO: VALORAÇÃO E PRODUTIVIDADE

O trabalho doméstico não remunerado é um trabalho invisível, porque é feito no ambiente privado das residências, e, conseqüentemente, desvalorizado pela sociedade, porque não gera riquezas e nem está incluído nos índices da economia. Diante de tais constatações, iremos descrever e analisar quantiqualeitativamente os acentos apreciativos encontrados no discurso das três trabalhadoras domésticas não remuneradas, nomeadas aqui de T1, T2 e T3. O Gráfico 2, intitulado *Produtividade* ilustra a lematização de palavras como: *produtivo, cansativo, importantíssimo, necessário, satisfação, sacrifício e etc.* Para termos acesso aos discursos que circundam essa temática, fizemos as seguintes perguntas às três participantes de nossa pesquisa: Você considera esse trabalho importante para a sua família? De que forma? Você acha que o trabalho doméstico que você realiza é produtivo?

Gráfico 2 - Produtividade

Fonte: A Autora, 2019.

Analizando quantitativamente o gráfico 1, podemos observar, numa primeira leitura, a arquitetura discursiva em torno da temática *Produtividade*, a qual pode ser visualizada a partir dos pesos lexicais atribuídos a cada uma das variáveis. No gráfico supracitado (GRÁFICO 2), encontram-se as três variáveis dispostas em colunas sequenciais. T1 (0,6--6) e T2 (0,64) encontram-se inseridas no vocabulário fundamentalmente básico de tendência positiva, cujos pesos lexicais situam-se no intervalo (-1 e +1). Trata-se, pois, de um vocabulário comum que dá suporte à estrutura do discurso preferencial da trabalhadora doméstica, quanto à variável T3 cujo peso lexical é (-1,22), insere-se no vocabulário básico de tendência negativa, situando-se um pouco acima do intervalo de (-1 e + 1). Neste caso, trata-se também de um vocabulário comum, mas que, inversamente ao anterior, dá suporte à estrutura do discurso diferencial, ou seja, aquele que é objeto de rejeição por parte da trabalhadora doméstica. Pode-se observar que embora os valores das três variáveis, estejam situados na escala positiva/negativa, remetem a um mesmo vocabulário de uso comum, da linguagem doméstica cotidiana, em relação à temática sugerida: a produtividade do trabalho doméstico.

A seguir descrevemos alguns dos principais itens lexicais que foram lematizados em relação a cada uma das variáveis. Em relação às duas primeiras variáveis de tendência positiva, temos vocábulos tais como: T1 (cansativo, satisfação, importantíssimo); em T2, vocábulos como: (sacrifício e necessário). Já na variável T3, temos vocábulos como: (limpo, organizado, produtivo) (TABELA 3).

Tabela 3 - Planilha de lematização (Tema: Produtividade)

Produtivo	6	2	3	1
Satisfação	1	1		
Serviço	5	3		1
Cansativo	2	2		
Necessário	1		1	
Sacrifício	1		1	
Cuido	1			1
Importantíssimo	1	1		

Fonte: A Autora, 2019.

Procuraremos entender, ao longo de nossa análise, o que esses contrastes de pesos e tipos diferenciados de vocábulos indicam através de suas contextualizações no discurso. Assim sendo, após a descrição quantitativa, os dados (vocábulos) serão analisados qualitativamente em seus respectivos contextos enunciativo-discursivos, para que possamos compreender, através dos acentos apreciativos de cada uma das trabalhadoras domésticas não remuneradas, as suas visões acerca do trabalho que realizam.

Abaixo, analisamos os excertos dos Quadros 1, 2 e 3:

QUADRO II – GRÁFICO 1

7 É **produtivo** porque eu gosto de me sentir num ambiente
8organizado, assim.(T3)

QUADRO III – GRÁFICO 1

1Então, eu limpo hoje, amanhã eu preciso de passar pano novamente 2na
casa. E é um serviço que **ninguém** enxerga. (T1)

Ao analisar o recorte discursivo de T1, em relação à palavra *produtivo*, podemos observar que o acento apreciativo que recai sobre essa palavra é diferente

daquele presente no discurso de T3. Para T1, o trabalho doméstico não remunerado não é um trabalho produtivo porque além de não trazer nenhuma satisfação, ele está sempre por fazer, pois é um trabalho que não tem fim. “*Mas eu sei que daqui a três dias, eu vou trocar o lençol. Então é um serviço que não tem fim*” (T1, linhas 5-6, QUADRO I). Apesar de T1 apontar a felicidade (T1, QUADRO I, linhas 4-5) relacionada ao fato de que esse trabalho traz *um ambiente limpinho*, ela não considera esse trabalho *produtivo*. Já para T3, em seu recorte discursivo (T3, linhas 7-8, QUADRO II), acerca da mesma palavra “produtivo”, o acento apreciativo está relacionado ao benefício que o resultado do trabalho traz, no caso, um ambiente organizado.

Comparando os dois acentos apreciativos das trabalhadoras versando sobre o mesmo trabalho, percebemos que T1 parece atribuir um valor negativo ao trabalho doméstico não remunerado por considerá-lo um trabalho cansativo e infundável (T1, linhas 5-6, QUADRO I). A improdutividade, para a trabalhadora T1, também está relacionada à questão da invisibilidade quando afirma, em outro excerto, tratar-se de “[...] *um serviço que **ninguém** enxerga*”. (T1, linha 2, quadro III). Assim, a invisibilidade do trabalho doméstico parece estar relacionada ao fato de que o único trabalho socialmente valorado é aquele que está relacionado ao valor mercantil, como se tanto o remunerado como o não remunerado não envolvessem o uso de faculdades industriosas dessas trabalhadoras e, por conseguinte, também suas subjetividades. Para desvelar essa invisibilidade, seria necessário, segundo Schwartz (2011), considerar os atos e espaços onde os corpos e almas atuam nessa atividade., ou seja, o uso da *dramática de si*¹⁷ Esse uso envolve, pois, a subjetividade de todo o ser humano que trabalha, sendo esse trabalho remunerado ou não.

A palavra *ninguém*, usada pela trabalhadora T1 (linha 2, quadro III) pode ter como referente a sua própria família e/ou a sociedade que não valoriza esse trabalho por tratar-se de um trabalho reprodutivo, destinado apenas às mulheres.

¹⁷ Sucessivas reformulações levaram ao estabelecimento do seguinte princípio: toda atividade industriosa é sempre uma “dramática do uso de um corpo-si”(remetendo “dramática” à necessidade contínua de travar debates com normas). Sendo a atividade humana identificada assim como um contínuo debate de normas cujo lócus é o corpo-si, convém perguntar como, em termos de diferentes medidas temporais, esses debates se encaixam (à maneira das bonecas russas), ou seja, de que maneira as relações valorativas nos meios de vida e de trabalho se incorporam ao âmbito do corpo-si, inclusive em termos de temporalidades mais curtas, “escondidas no corpo”(SCHWARTZ, 2014, p. 259).

Aqui lembramos Arendt (1995), quando relaciona a produtividade à força humana que se empreende para a produção de qualquer coisa, no caso do trabalho doméstico não remunerado, a própria vida. Para Arendt (1995), o trabalho diferencia-se do labor quando leva-se em conta a questão da durabilidade daquilo que é produzido, ou seja, no trabalho manufatureiro, produzido pelo *homo faber*, aquilo que é produzido tem uma durabilidade maior, como um sapato, por exemplo. Já no labor, aquilo que é produzido não tem a mesma permanência, é consumido rapidamente, como um almoço, no caso do presente estudo. Além disso, tudo aquilo que é produzido pelo trabalho doméstico dá-se na esfera privada, do lar, e por isso não tem a mesma valorização de um produto produzido na esfera pública. Assim, se fizermos uma aproximação das ideias de Arendt (1995) com os resultados obtidos em nossa pesquisa, é possível pressupor que o trabalho doméstico não seja valorado porque tanto as pessoas que o fazem como as que o consomem não percebem a sua produtividade, ainda que perene, visto tratar-se de um trabalho que não gera nenhuma renda, servindo apenas para a sobrevivência dos seres humanos.

Apesar de considerar esse trabalho doméstico *cansativo, infundável e improdutivo*, (T1, QUADRO I, linhas 1-6), pudemos observar que T1 consegue ver o benefício que esse trabalho traz para sua família, pois considera-o *importantíssimo* (T1, linha 11) conforme excerto dos Quadros 3 e 4 abaixo:

QUADRO IV – GRÁFICO 2

10 eu preciso de uma casa limpa, de uma casa sem poeira, minhas meninas são
11 muito alérgicas então eu considero importantíssimo a limpeza de uma casa, a
12 organização de uma casa, até pela questão do estresse, quando o ambiente
13 está muito bagunçado, as crianças tendem a ficar mais nervosas, a gente
14 tende a ficar mais nervoso, né?... o marido fica nervoso também com as
15 coisas desorganizadas dentro de uma casa, sujas...(T1)

QUADRO V – GRÁFICO 2

16 sentir o cheirinho da casa cheiroso, deitar no meu lençolzinho limpo, e saber
17 que eu contribuí pra que aquilo acontecesse assim...E... eu sei que meu
18 esposo também se sente melhor assim num ambiente mais organizado. (T3)

Os recortes discursivos das trabalhadoras T1 e T3 (QUADROS IV e V, acima) revelam, nos acentos apreciativos expressos pelo uso de adjetivação, que elas se

sentem bem, emocionalmente, quando a casa está *organizada, cheirosa e limpa* (T3, linhas 16-18, QUADRO V); e T1, linha 10, quadro IV). Elas também percebem que esse trabalho propicia um bem-estar emocional a elas e às pessoas com quem convivem.

O acento apreciativo para a palavra *produtivo* de T2 (T2, linha 19, QUADRO VI) está relacionado à necessidade. Esse acento revela que se esse trabalho não fosse feito por ninguém, dentro de sua casa, o caos se instalaria (T2, linha 24, QUADRO VI, abaixo)

QUADRO VI – GRÁFICO 2

19 Quando eu digo **produtivo** é que ele não é cumulativo. Todo dia é 20uma rotina, mas é uma rotina necessária. Então o que eu fiz ontem, 21não vai servir pra amanhã. Eu vejo dessa forma. Produtivo pra família. 22A família precisa de alguém organizando essa situação necessária. 23Por exemplo se eu não gostasse de trabalho doméstico e meu marido 24também não. A gente vivia num caos dentro de casa...(T2)

Assim, pode-se perceber que os acentos apreciativos, em relação à palavra *produtivo*, são diferentes para as trabalhadoras T1 e T2. T2 sugere que o trabalho doméstico não remunerado é produtivo porque não é *cumulativo*, porque todo dia tem uma *rotina* (T2, linhas 19 e 20, QUADRO VI). Já T1 atribui um acento apreciativo negativo para essa palavra, ao considerar esse mesmo trabalho *não produtivo*, uma vez que ele compreende uma rotina que se repete, tornando-se infundável (T1,linhas 1-3, QUADRO I). Os excertos discursivos das trabalhadoras T1 e T2 parecem revelar também que há um entrecruzamento de ambos discursos, os quais, embora não se confirmem e nem se complementem, encontram-se em relação dialógica à medida que tratam da mesma temática, embora sob valores que expressam posicionamentos avaliativos distintos. Enquanto o trabalho doméstico não remunerado para T1 é improdutivo, uma vez que é infundável, T2 considera-o um trabalho produtivo porque a cada dia ele é feito de uma forma diferente. Podemos, então, dizer que a noção de produtividade, para ambas, está relacionada a rotina que esse trabalho, como qualquer outro, tem.

É possível perceber, ainda, nos acentos apreciativos encontrados nos discursos dessas trabalhadoras, que o trabalho doméstico não remunerado é algo que representa muito, pois sem ele é impossível ter um ambiente estruturado/organizado até para receber visitas, como é o caso de T3 (QUADRO 7, linhas 27-29), abaixo:

QUADRO VII – GRÁFICO 2

27Então eu sempre gostei de me sentir num lugar limpo, num lugar
28organizado. De receber pessoas, eu fico agoniada, às vezes, 29quando
eu chamo alguém, alguma amiga e a casa tá desorganizada. T3

Em relação à trabalhadora T1, a necessidade de ter um ambiente *limpo* evidencia-se pelo acento apreciativo marcado pelo verbo afirmativo e no tempo presente *preciso* (T1, linha 10, QUADRO IV). Além disso, T1 demonstra, através dos acentos apreciativos das palavras *considero*, *importantíssimo* e *estresse*, a necessidade de cuidar da saúde física e emocional da família, no caso, das filhas pequenas, através da limpeza da casa, como se pode ver no trecho “*eu preciso de uma casa limpa, de uma casa sem poeira, minhas meninas são muito alérgicas então eu considero importantíssimo a limpeza de uma casa, a organização de uma casa, até pela questão do estresse, quando o ambiente está muito bagunçado, as crianças tendem a ficar mais nervosas*” (T1, linhas 10-13, QUADRO IV).

QUADRO IV – GRÁFICO 2

10 eu preciso de uma casa limpa, de uma casa sem poeira, minhas meninas são
11muito alérgicas então eu considero importantíssimo a limpeza de uma casa, a
12organização de uma casa, até pela questão do estresse, quando o ambiente 13
está muito bagunçado, as crianças tendem a ficar mais nervosas, a gente 14tende a
ficar mais nervoso, né?... o marido fica nervoso também com as 15coisas
desorganizadas dentro de uma casa, sujas...(T1)

Os acentos apreciativos acima referidos, expressos no recorte discursivo de T1, revelam a dimensão existencial que coexiste no *ser-aí* dessa trabalhadora doméstica: a do cuidado autêntico (*Fürsorge*), referido por Heidegger (2002), ou seja, aquele cuidado que se antecipa ao ente que necessita dele. No caso da

trabalhadora T1, trata-se não apenas de ser (abrir-se) para o mundo, mas, sobretudo, de um *ser-aí-com* os outros entes (as filhas), ou seja, de um ser que se ocupa no cuidado com o outro e, assim procedendo, antecipa-se à possibilidade de que a casa fique suja e as filhas fiquem doentes.

A casa é o ente do qual a trabalhadora T1 ocupa-se no cuidado com a limpeza, o que remete a um outro sentido, atribuído por Heidegger (2002) a esta palavra, denominada, na língua alemã como *Besorgen*, ou seja, o cuidado com os instrumentos. Ao cuidar da casa, a trabalhadora T1 assume um compromisso ético, com as suas filhas, de mantê-las *saudáveis*, uma vez que são *alérgicas*, o que possibilita, ao ente cuidado (as filhas), uma qualidade de vida melhor. Além disso, assim procedendo, a trabalhadora T1 constitui-se, ela própria, em um ser-cuidadoso, que provê, aos seus entes queridos (filhas e marido), através do valor da *solicitude*, uma saúde emocional, conforme podemos perceber no seguinte enunciado: “(...) *está muito bagunçado, as crianças tendem a ficar mais nervosas, a gente tende a ficar mais nervoso, né?... o marido fica nervoso também com as coisas desorganizadas dentro de uma casa, sujas...*” (T1, linhas 13-15, QUADRO IV). Nessa perspectiva retornamos à Heidegger (2002), para quem cuidar significa existir, uma vez que existir é existir com os outros. Assim, parece-nos que cuidar, também envolve, necessariamente, a dimensão ética, pressupondo-se que o agir ético deve o seu fundamento ao cuidar, entendido como preocupação, assistência, auxílio e atenção com o outro.

QUADRO VIII – GRÁFICO 2

30 Agora quando eu saio de lá, eu sei que eu tenho as atividades da 31 casa como mãe, como esposa, como avó, então, eu me **dedico**. 32 Pra mim não é nenhum **sacrifício**. (T2)

QUADRO IX – GRÁFICO 2

33 A gente sempre vai ter a questão de não ser tão **valorizado** o 34 trabalho que a gente faz e tal. Mas eu entendo como parte já da 35 minha **vida**, assim e isso não me **desfavorece**. (T3)

Um outro aspecto observado nos discursos das trabalhadoras T2 e T3 é a visão que elas têm do seu papel de reprodutoras desse trabalho. Isso pode ser

percebido no Quadro VIII, acima, através do verbo *dedico* e do substantivo *sacrifício*, em T2 (linhas 31 e 32, QUADRO VII); e em T3, dos vocábulos *valorizado*, *vida* e *desfavorece* (T3, linhas 34 e 35, QUADRO VIII). Os acentos apreciativos dessas palavras revelam a aceitação dessa atividade como algo inerente às mulheres. Quando a trabalhadora T3 diz que o trabalho doméstico faz parte de sua vida (linha 34, QUADRO VII, acima) e, dessa forma, não a *desfavorece*, ela reproduz, em seu discurso, a ideia de que a mulher nasceu para realizar essa atividade, ou seja, é algo culturalmente herdado e aceito.

QUADRO X – GRÁFICO 2

36Isso foi colocado como os nossos pais até antes a mulher não trabalhava e
37ficava cuidando da casa, esse é o **papel** dela, o homem saía pra trabalhar e 38a
mulher ficava em casa. Mas eu acho que existem funções que funcionam 39melhor
com a mulher fazendo e **funções** que funcionam melhor com o homem 40fazendo.
Não que as coisas não possam se inverter também. Mas não vejo 41como algo
engessado, claro. Mas entendo, eu vejo como acho que a mulher 42consegue fazer
acontecer melhor do que o homem nessa parte. É assim que 43eu vejo. (T3)

Ao ser perguntada, em nossa entrevista, se ela concordava com o axioma de que o trabalho feminino é uma atividade destinada às mulheres, T3 (linhas 36-43, QUADRO IX), corrobora com a visão de que a responsabilidade, em fazer o trabalho doméstico, é das mulheres, o que pode ser observado nos acentos apreciativos, desta trabalhadora, expresso nas palavras *antes* e *papel* (linha 36 e 37, quadro IX), no excerto: “Isso foi colocado como os nossos pais até **antes** a mulher não trabalhava e ficava cuidando da casa, esse é o **papel** dela, o homem saía pra trabalhar e a mulher ficava em casa.” O tom emocional-volitivo dessa trabalhadora quando assevera que “é assim que eu vejo” (linha 43, QUADRO IX), permite-nos perceber que seus atos verbais, em relação ao trabalho doméstico não remunerado, que deram origem a esse conteúdo semântico, respondem, em certa medida, à palavra dos outros (os pais, a sociedade, a ideologia do patriarcado e os papéis pré-determinados pela sociedade patriarcal na qual elas estão inseridas), seja estabelecendo uma relação de concordância ou discordância.

No caso da concordância, esta também é ressaltada através do tom emocional e volitivo que a trabalhadora T3 expressa em seu discurso, ao acentuar o

substantivo *funções*, ao afirmar que há “funções que funcionam melhor com a mulher fazendo, e funções que funcionam melhor com o homem fazendo” (T3, linhas 38-39). Esse recorte discursivo da trabalhadora T3 (linhas 38-39) sugere, pois, que ela reage à palavra do outro (a sociedade), concordando com os papéis atribuídos a homens e mulheres no mundo do trabalho. Um outro excerto, dessa trabalhadora, (T3, linhas 41,42), “*mas entendo, eu vejo como acho que a mulher consegue fazer acontecer melhor do que o homem nessa parte*”, revela-nos a dimensão histórica a respeito dessa atividade, pois, de acordo com o pensamento grego, na idade média, a manutenção individual do lar era tarefa do homem, e a sobrevivência da espécie, tarefa da mulher (ARENDT, 1995). Daí advém o fato da trabalhadora T3, possivelmente, considerar o fato de que o trabalho doméstico será mais produtivo se for realizado pelas mulheres, porque é assim que funciona no ambiente social no qual ela está inserida.

Esses dados reforçam os achados de Avila e Ferreira (2014) os quais sugerem, em estudos realizados, que é a divisão sexual do trabalho que influi na linguagem que nomeia o mundo do trabalho e associa os homens à esfera pública da produção e as mulheres ao espaço privado e às tarefas de reprodução, definindo, assim, o que pertence ao masculino e ao feminino

Ainda a esse respeito, Hirata (2002, apud ÁVILA; FERREIRA, 2014, p. 19), sugere que, apesar das mudanças observadas na divisão do trabalho doméstico, nos grandes centros urbanos, em razão da crescente participação das mulheres no mercado de trabalho, a sociedade continua a responsabilizar as mulheres pelas atividades domésticas. No recorte discursivo da trabalhadora T2 (linhas 30 a 32, quadro VIII), as palavras “mãe”, “esposa” e “avó”, representam o papel que essa trabalhadora desempenha no seio da sua família, ao reconhecer que, por exercer tais papéis, tem que dedicar-se às atividades domésticas, sem *sacrifício* algum.

QUADRO X – GRÁFICO 2

30 Agora quando eu saio de lá, eu sei que eu tenho as atividades da 31 casa como mãe, como esposa, como avó, então, eu me **dedico**. 32 Pra mim não é nenhum **sacrifício**. (T2)

QUADRO XI – GRÁFICO 2

33A gente sempre vai ter a questão de não ser tão **valorizado** o 34trabalho que a gente faz e tal. Mas eu entendo como parte já da 35minha **vida**, assim e isso não me **desfavorece**.(T3)

A respeito dos excertos analisados acima, nos discursos das trabalhadoras T1, T2 e T3, Ávila e Ferreira (2014) sugerem que a aceitação do trabalho doméstico não remunerado, como papel da mulher, está ideologicamente no imaginário social das mulheres. Ressaltam, ainda, que a preocupação com a casa organizada faz parte da construção social das mulheres que, mesmo participando do sustento da casa, ainda delegam, ideologicamente, esse papel ao homem.

5.2 TRABALHO DOMÉSTICO NÃO REMUNERADO E A DIMENSÃO DO CUIDADO

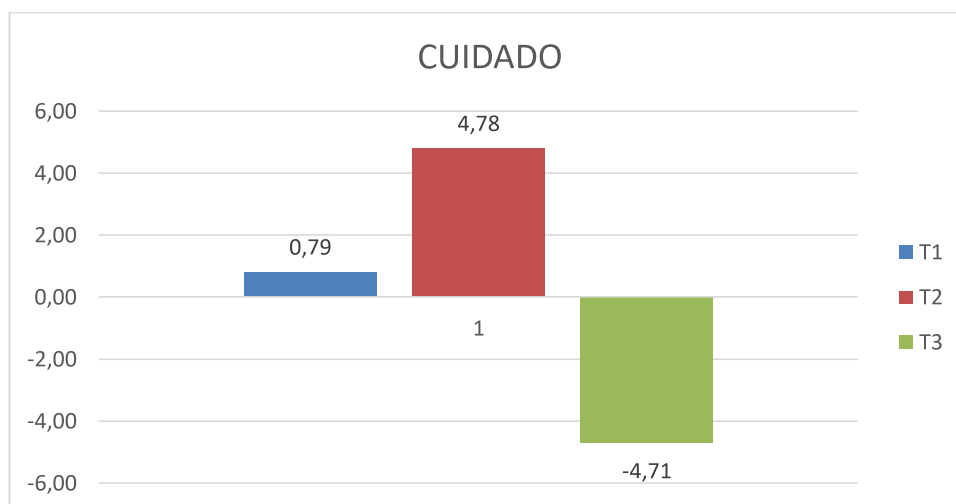
O trabalho doméstico é um trabalho que pressupõe cuidado. Cuidado no dicionário online de português¹⁸ significa: atenção, preocupação; esmero e responsabilidade. Para cuidar é necessário estar disponível, dar atenção ao outro. O trabalho doméstico inclui tanto o limpar a casa, fazer compras, lavar, cozinhar, passar, etc, quanto o cuidar das crianças, dos idosos, daqueles que estão enfermos ou que têm alguma deficiência. Geralmente as mulheres e as meninas são as maiores responsáveis por esse trabalho que fazem por amor ou não, mas que de alguma forma, acreditam ser sua obrigação. De acordo com o PNAD contínua... (2016), a taxa de realização de afazeres domésticos por condição no domicílio mostra que entre mulheres a maior taxa ocorre para os cônjuges: 95,6% dos cônjuges, 93,0% das responsáveis pelo domicílio e 80,7% das filhas ou enteadas realizaram afazeres domésticos. Por outro lado, 80,6% dos homens responsáveis, 76,4% dos cônjuges e 57,6% dos filhos ou enteados realizaram tais atividades em 2016.

Nesse sentido o Gráfico 3, intitulado *Cuidado*, possibilitará descrever, quantiquantitativamente, os acentos apreciativos que se relacionam a essa temática

¹⁸ (disponível em <https://www.dicio.com.br>)

nos discursos das trabalhadoras domésticas não remuneradas, nomeadas aqui de T1, T2 e T3. O referido gráfico 2 ilustra a lematização das seguintes palavras: *cuidado, cuidando, acompanhar, ajuda, suporte, dedicar, tomando, saudável*. Essa temática é oriunda da auto confrontação simples que cada trabalhadora doméstica fez a partir da gravação de um auto vídeo no ambiente privado de suas residências. Ao serem confrontadas com o seu próprio trabalho, elas comentaram sobre o que viram a respeito da atividade que realizaram.

Gráfico 3 – Cuidado



Fonte: A Autora, 2019.

Analisando quantiqualeativamente o Gráfico 3 (acima), podemos observar, numa primeira leitura, a arquitetura discursiva em torno da temática *Cuidado*, a qual pode ser visualizada a partir dos pesos lexicais atribuídos a cada uma das variáveis. No Gráfico supracitado (GRÁFICO 3), encontram-se as três variáveis dispostas em colunas sequenciais. T1 (0,79) encontra-se inserida no vocabulário fundamentalmente básico de tendência positiva, cujos pesos lexicais situam-se no intervalo (-1 e +1) e T2(+4,78), cujos pesos lexicais situam-se num vocabulário preferencial, com peso lexical significativo, o que denota o seu uso privilegiado por parte da trabalhadora. Em relação à trabalhadora T1, trata-se, pois, de um vocabulário comum que dá suporte à estrutura do discurso preferencial da trabalhadora doméstica, ou seja, aquele composto por vocábulos de predileção, ou

seja, de uso privilegiado; quanto à variável T3, cujo peso lexical é (-4,71), insere-se no vocabulário diferencial, cujo peso é significativamente alto, o que denota ser objeto de rejeição ou descarte em seu uso, por parte da trabalhadora. Se compararmos os pesos observados em T2 (4,78) e T3 (-4,71), podemos observar que se encontram em uma relação inversa de valores na escala, sinalizando, portanto, uma diferença marcante no uso que cada uma destas trabalhadoras faz do seu vocabulário, oscilando entre a predileção e a rejeição (TABELA 4).

Tabela 4 - Planilha de lematização (Tema: Cuidado)

CUIDADO	TOTAL	T1	T2	T3
Acompanhar	3	3		
Ajudar	7	6		
Cuidando	11	4	1	
Cuidar	8	1	6	1
Cuidava	5	4		
Dedicar	1		1	
Tomando	2		1	
Saudável	5		5	

Fonte: A Autora, 2019.

A seguir descreveremos alguns dos principais itens lexicais que foram lematizados em relação a cada uma das variáveis. Em relação às duas primeiras variáveis de tendência positiva, temos os seguintes acentos apreciativos que recaem sobre as palavras: T1 (*cuidado, acompanhar, suporte, ajuda*); em T2, vocábulos como: (*cuidando, dedicar, tomando, saudável*). Ao compararmos os discursos de T2 ($Z = 4,78$) e T3 ($Z = -4,71$), observamos que os recortes discursivos de T3, em relação a essa temática, fazem apenas referência ao tema *cuidado* através do verbo *cuidar*. No discurso de T3 (QUADRO XI, linhas 36-37), abaixo, a trabalhadora refere, em seu acento apreciativo, a dificuldade financeira encontrada para a contratação de pessoas para fazer o trabalho doméstico remunerado, não restando outra coisa a fazer a não ser ela própria cuidar de sua casa. O discurso de T3, nesse pequeno excerto, remete novamente à dimensão do cuidado (*Besorgen*) referido por Heidegger (2002), que envolve o cuidado com os entes (casa).

QUADRO XI – GRÁFICO 3

36E aí não tem como manter alguém pra ajudar em casa, então tem que
37**cuidar** da sua casa e tal. (T3)

Ao analisarmos os recortes discursivos de T1(linhas 38-43), no Quadro XII, abaixo, observamos que os acentos apreciativos em torno da temática *cuidado* estão situados em torno de valores como “carinho”, “respeito” (linha 38).

Nessa perspectiva, tanto os filhos como o marido, dessa trabalhadora, são objeto de seu *cuidado*, porque eles representam um *presente* que ela recebeu de Deus. O acento apreciativo expresso por T1, à palavra *presente*, revela o seu agir ético traduzido pela forma como expressa essa *ocupação* com seus entes queridos, este estar-junto, ocupado, de forma afetiva. Assim, para a trabalhadora T1, o cuidado, visto sob esta dimensão valorativa, é também *gratificante* (linha 39, QUADRO XII, GRÁFICO 3). Dessa forma, T1 constitui-se, ela mesma, como um ser cuidadoso, que além de prover o cuidado com seus entes queridos, sente-se gratificada pela oportunidade de *poder-ser-com*.

É importante observar que se essa trabalhadora doméstica não remunerada pudesse contratar uma trabalhadora doméstica remunerada, o *cuidado* continuaria a existir, mas não seria a mesma coisa, quando afirma: “Não alguém estar *cuidando* pelo fato de estar tudo ali organizado.” (linhas 42-43, QUADRO XII).

QUADRO XII – GRÁFICO 3

38Do **cuidado** né, da mãe com o filho. Do carinho, do respeito. Aquelas coisas. 39Aí eu acho por esse lado é gratificante. Saber cuidar das coisas que Deus te 40deu como presente que são seus filhos, seu marido. Não alguém estar 41**cuidando** pelo simples fato de estar tudo ali organizado. Porque se eu 42pagasse alguém faria por mim. Não faria igual a mim, nem melhor do que eu, 43 mas estaria **cuidando**, né, verdade? (T1)

QUADRO XIII – GRÁFICO 3

44Mas depois de alguns acontecimentos, inclusive do vídeo, eu vejo que eu 45tenho que fazer opção e como já está na época da aposentadoria, é, eu vou 46partir pra aposentadoria, pra poder **cuidar da casa e cuidar** de mim. Que eu 47acho que era uma das coisas que eu não tava fazendo, era **cuidar** de mim(T2)

Ao compararmos o discurso das trabalhadoras T1 e T2, em relação à tonalidade afetiva através da qual acentuam a palavra *cuidado*, podemos perceber que enquanto T1(Z= 0,79) preocupa-se com o cuidado dos filhos e do marido (linhas 38-39, QUADRO XII), a trabalhadora T2 (Z=4,78), ao confrontar-se com sua própria imagem, em situação de trabalho (na auto confrontação simples), revela uma preocupação consigo mesma, ou seja, um autocuidado, o que é acentuado no enunciado: “*inclusive do vídeo, eu vejo que tenho que fazer opção*” (linhas 44- 45, QUADRO XIII). Percebe-se, assim, que o esforço em conciliar o trabalho doméstico não remunerado e o trabalho remunerado tem impedido que ela cuide mais de si mesma, daí a necessidade de se aposentar (linhas 45, 46, QUADRO XIII). A forma de cuidado presente no excerto discursivo de T1(quadro XII), é aquela denominada por Heidegger (2002) como cuidado *impróprio*, aquele que se define a partir do binômio ocupação-solicitude. Nesse caso, o ser-aí é um ser com outros entes (filhos, maridos, casa), ou seja, não está voltado para o seu próprio ser, mas está inserido no mundo do que se tem a fazer, expresso através da palavra alemã (*Zeuge*) que significa amparar, proteger, amar. O cuidado acentuado no discurso da trabalhadora T2 (Z= -3,66) assume, pois, a dimensão do *cuidado autêntico*, cujo sentido denota uma forte carga semântica, modalizada pela disposição fundamental da *angústia*. Nessa perspectiva, lembramos Heidegger (2002) quando sugere que o ser-aí suspende o contato com o mundo externo (outro ser-aí, entes) e retorna a si mesmo, mobilizado pelo sentimento de angústia, sobre o que é certo e o que é errado.

QUADRO XIV – GRÁFICO 3

1E olha que eu sou uma pessoa que me considero vaidosa. Eu
2não estou vaidosa. Tô numa fase meio diferente de mim. E isso
3não tem me agradado. Por isso tenho que colocar os pingos nos
4 is. Pra que eu possa viver o que eu gosto de viver comigo. Me
5 cuidando, por dentro e por fora. T2

Assim sendo, a trabalhadora T2, ao ser confrontada com a sua rotina de trabalho, através do vídeo em que ela mesma narra um dia de sua rotina, percebe a si mesma como alguém que tem cuidado pouco de si. Essa falta de cuidado consigo mesma é evidenciada também, através dos acentos presentes nos enunciados. “*Tô numa fase meio diferente de mim*” e “*isso não tem me agradado*” (T2, linhas 1,3, QUADRO XIV, GRÁFICO 3), os quais revelam a percepção que essa trabalhadora tem da sua situação atual e de como os dois trabalhos que ela exerce (não remunerado e pago) têm roubado o tempo que ela deveria dedicar a si. Ainda em relação à temática do cuidado, percebe-se uma certa tomada de consciência desta trabalhadora(T2) que evidencia um movimento de transição e mudança pelo qual passa o ser-aí (vir-a-ser) em relação ao seu autocuidado, ao enunciar: “*Por isso tenho que colocar os pingos nos is. Pra que eu possa viver o que eu gosto de viver comigo. Me cuidando por dentro e por fora*”(linhas 3-5, QUADRO XIV, GRÁFICO 3). É nessa dimensão alteritária propiciada pela auto confrontação que T2 começa a entrever as possibilidades de mudança no cuidado de si, uma vez que ela pretende aposentar-se, *colocar os pingos nos “is”* para viver essa nova realidade, a saber: *cuidar-se por dentro e por fora* (T2, linhas 3-5, quadro XIV).

QUADRO XV – GRÁFICO 3

48Então assim, às vezes, eu queria ir no salão, não vou. Porque tô tão cansada, 49ou tô com preguiça ou porque também vou lavar louça aí vai tirar o esmalte. 50Então eu tô me deixando pra depois. E olha que eu sou uma pessoa que me 51considero vaidosa. Eu não estou vaidosa. Tô numa fase meio diferente de 52mim. E isso não tem me agradado. Por isso tenho que colocar os pingos nos 53is. Pra que eu possa viver o que eu gosto de viver comigo. Me cuidando, por 54dentro e por fora. T2

O *cuidado*, no sentido de dar suporte a alguém, que Heidegger (2002) define como solicitude (*Fürsorge*), ser-aí com o outro, está expresso, também em outro recorte discursivo da trabalhadora T1, através do acento apreciativo expresso no substantivo *suporte* (linhas 55 e 58, quadro XV.). Esse tom emocional volitivo que a trabalhadora T1 imprime, à palavra *suporte*, permite-nos perceber as várias funções que ela tem nesse cuidado, que é a de limpar, alimentar, levar aos lugares (escola, *ballet*, inglês) e, além disso, dar suporte pedagógico às filhas para que não tenham dificuldade mais à frente. (linha 59, quadro XV). Mais uma vez, a trabalhadora T1 tem um cuidado que se antecipa ao outro através da solicitude, para evitar que elas

tenham um aprendizado insuficiente na escola. Ela, diferentemente de outros pais, está apta a fazer também esse trabalho porque é pedagoga. (linha 58, QUADRO XVI, GRÁFICO 3)

QUADRO XVI – GRÁFICO 3

55Eu ainda dou todo *suporte* pedagógico pra minhas filhas. Que eu ensino tudo 56e eu **acompanho** tudo. Então aí, eu preciso de tempo durante a semana. Ah, 57com certeza. Porque assim, praticamente ninguém que eu conheço, dá esse 58*suporte* que eu dou. Eu dou primeiro porque eu sou pedagoga. Eu sei o que 59elas têm que estudar e aprender pra não ter dificuldade pra frente.(T1)

Os excertos discursivos das trabalhadoras domésticas não remuneradas em relação à temática cuidado nos deixam entrever que elas realizam o cuidado impróprio(solicitude) cujo fundamento está ancorado na dimensão ética da atenção para com o outro. Há, também, o cuidado *autêntico* mobilizado pela angústia, a qual se constitui, segundo HEIDEGGER (1979), como um modo fundamental de *ser-no-mundo*.

5.3 TRABALHO DOMÉSTICO NÃO REMUNERADO: UMA QUESTÃO DE SOBREVIVÊNCIA

Para Elias (1998), sociólogo alemão, a percepção do tempo é o resultado da experiência prévia e da aprendizagem acumulada dos seres humanos por sucessão de gerações. Para ele, o tempo não é algo que possa ser mensurável apenas num relógio, ele é algo que está relacionado a diferentes processos que implicam a ligação de pelo menos três conjuntos contínuos: os sujeitos humanos - aqueles que estabelecem a relação - e dois ou mais processos, dentre os quais um, para determinado grupo tem um papel de quadro de referência. Esse referencial se dá na relação *tripolar* que o indivíduo estabelece consigo mesmo, com a sua própria vida, do nascimento até a sua morte, e outros processos cuja duração ele mede em referência à duração de sua própria vida, como uma continuidade evolutiva.

Essa forma de medir o tempo só é possível, segundo o sociólogo, (ELIAS, 1998), em sociedades industriais nas quais é possível cada pessoa se distinguir das demais não apenas naquilo que têm de único, mas por ser capaz de precisar a sucessão temporal dos fatos em referência a sucessão de anos num calendário, por exemplo. Durante muito tempo, a dimensão do tempo era marcada também pelo ritmo das pulsões biológicas, por exemplo, o corpo diz qual é a hora de comer e/ou dormir. No entanto, em nossas sociedades, tais ritmos são regulados em função de uma determinada organização social, a qual obriga os homens a se disciplinarem em função de um determinado relógio social. Em sociedades mais primitivas, os homens podem parar de caçar quando se sentirem saciados. Já em sociedades em que os homens precisam produzir o seu alimento, as exigências impostas pela agricultura, exercem sobre eles um certo domínio que regulam e controlam o seu tempo. A experiência concreta do tempo de semear e de colher, por exemplo, regulam de alguma maneira o tempo do homem que planta.

Em sociedades industrializadas como a nossa, a noção de tempo e o seu uso estão relacionados à questão do trabalho. Segundo Dedecca (2004), o tempo e sua gestão é visto em duas dimensões: o tempo para reprodução econômica e o tempo para reprodução social. O tempo para regulação econômica envolve o trabalho remunerado e o tempo gasto para a sua realização. Já o tempo para reprodução social é aquele que incorpora atividades de organização domiciliar, de lazer e de sono. Ambos os tempos são modificados pelas mudanças econômicas, sociais e culturais.

Dedecca (2004), em seu ensaio intitulado *Tempo, trabalho e gênero*, recupera três características do trabalho no capitalismo: a primeira delas está relacionada à submissão do trabalho pela monetização do consumo e a venda da força de trabalho. A segunda relaciona-se ao processo de alocação do trabalho dentro do processo de produção e suas implicações sobre o tempo de trabalho. E a terceira, resultante das duas características anteriores, sugere que o capitalismo não foi capaz de eliminar a necessidade que homens e mulheres têm de um período de descanso, tempo esse considerado para a reprodução social.

Visto sob esse prisma, o tempo é um fator preponderante para as discussões acerca do trabalho doméstico não remunerado, uma vez que ele se insere num mundo tecnológico, onde tudo o que é produzido visa facilitar a vida das pessoas. Desse modo, vivemos em uma sociedade em que a valorização do tempo e a

possibilidade de poupá-lo tornou-se quase que uma obsessão para as pessoas. No trabalho remunerado, isso não é diferente. Conciliar a dupla jornada de trabalho remunerado e trabalho não remunerado é um desafio para a maioria das trabalhadoras domésticas não remuneradas que estão inseridas no mercado de trabalho. Dados encontrados em estudos feitos por Machado (2014), em seu artigo *Trabalho remunerado e trabalho doméstico: conciliação?*, evidenciam que são constantes as queixas das mulheres a respeito da escassez do tempo, sobretudo nas grandes cidades, como São Paulo, por exemplo, cujas distâncias demandam um gasto maior de tempo no transporte entre a casa e o trabalho. A sensação que as entrevistadas tiveram é de que há uma rotina exaustiva de tarefas e que 24 horas não são suficientes para dar conta delas. Os dados revelam, ainda, que elas sentem falta do tempo para dedicar-se aos filhos, para cuidar de si, divertir-se e até para limpar a casa.

No Brasil, de acordo com a pesquisa do PNAD/IBGE (dez./2017), nove entre cada dez mulheres realizam algum tipo de tarefa doméstica durante, no mínimo, uma hora semanal. Entre os homens, sete em cada dez se dedicam a afazeres domésticos, mas dedicam metade do tempo gasto pelas mulheres nestas atividades. Constatou-se, também, que as mulheres dedicam, em média, 20,9 horas semanais aos cuidados com o lar, enquanto eles dedicavam 11,1 horas semanais.

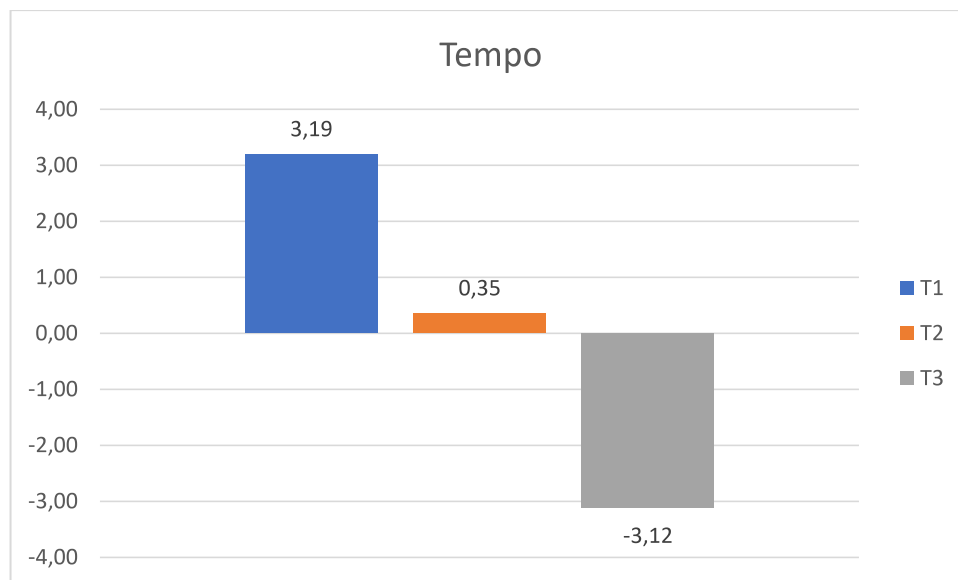
Os dados discursivos das trabalhadoras T1, T2 e T3 também evocam essa temática, uma vez que, em nossa entrevista, elas foram questionadas a respeito do uso do tempo, através da pergunta: quantas horas por semana você gasta para realizar o trabalho doméstico? O Gráfico 4, intitulado *Tempo* ilustra a lematização de palavras como: *cedo, começa, terminar, horas, dia, sempre*.

Analisando quantiqualitativamente o Gráfico 4, podemos observar a arquitetura discursiva em torno da temática Tempo, a qual pode ser visualizada a partir dos pesos lexicais atribuídos a cada uma das variáveis. No Gráfico 4 abaixo, encontram-se as três variáveis dispostas em colunas sequenciais.

Enquanto o vocabulário de T1(3,19) preferencial, portanto, objeto de uma escolha privilegiada do participante, T3 (-3,12) expressa um vocabulário diferencial, objeto de rejeição da participante. Observe-se, portanto, que há uma diferença inversa e equivalente nos pesos positivos e negativos observados nos léxicos expressos por T1 e T3. Quanto à participante T2(+0,35), seu vocabulário básico, de tendência positiva, encontra-se localizado na posição mediana da escala, próximo a

zero, o que é sugestivo de que se trata de um vocabulário de uso comum e que dá suporte ao vocabulário preferencial.

Gráfico 4 – Tempo



Fonte: A Autora, 2019.

As palavras que tomamos como base para a produção do Gráfico 4, *Tempo*, foram lematizadas conforme Tabela 5 abaixo:

Tabela 5 - Planilha de lematização (Tema: Tempo)

TEMPO	TOTAL	T1	T2	T3
Agora	8	1	5	2
Cedo	5	1	-	4
Começa	1	1		
Comece	2	1		1
Começo	2	2		
Dia	21	4	10	6
Horário	4	1	1	
Manhã	10	3	4	3
Sempre	20	3	6	8
Tarde	8	3	4	1
Terminar	2	1		
Termino	3	1		
Curto	1		1	3
Horas	14	5	7	2

Fonte: A Autora, 2019.

No quadro a seguir, apresentamos os excertos dos discursos das participantes, que ilustram os resultados obtidos no Gráfico 4.

QUADRO I	QUADRO II	QUADRO III
1Eu acordo às -5:30 2horas da manhã, 3eu faço o café das 4minhas filhas, 5arrumo as mochilas 6delas, separo as 7fardas, tomo banho 8e depois que termino 9de tomar banho, é 10hora de chamar 11 as minhas filhas. T1	1Só trabalho doméstico é 2meio difícil porque de 3certa forma há um 4entrelaçamento entre o 5trabalho fora de casa, 6remunerado e o trabalho 7doméstico. Então, por 8exemplo, tem 3dias que 9eu levanto às 6 horas da 10manhã, às 7 horas eu já 11estou saindo pra dar 12aulas e quando eu 13volto, saio de...T2	1Eu trabalho, saio de 2casa 6 horas da 3manhã, chego no 4meu trabalho 7, 7 e 5 10 da manhã, trabalho até 6 as -717:15 h, saio de lá às 7 17:20 h. e chego em 8casa às -18:20, 9 18:30 h, mais ou 10 menos nesse horário. T3

Em relação ao uso do tempo e a conciliação que fazem entre o tempo para reprodução social e o tempo para o trabalho remunerado, é possível notar, através dos excertos das trabalhadoras T1, T2 e T3, nos quadros I, II e III, acima, que o dia começa muito cedo, uma vez que há atividades de reprodução social que precisam ser feitas antes do trabalho pago. Principalmente para T1 que tem filhos menores de 15 anos, o tempo livre é bem menor. É possível, também, observar, nos excertos de T2 e T3, que apesar de não terem filhos menores, como é o caso de T2 e T3, que ainda não tem filhos, o dia começa sempre muito cedo para todas. A jornada de T3, em comparação às demais, em relação ao trabalho pago, ainda é maior, sendo relatada uma média de mais ou menos 8 a 9 horas por dia, de segunda a sexta-feira. Já para T1 e T2, as jornadas de trabalho remunerado são menores, observando-se uma média de 4 a 6 horas por dia. Quanto à trabalhadora T3, esta possui uma jornada de trabalho doméstico remunerado reduzida, durante a semana, e aumentada aos finais de semana. Vale salientar, também, que pelo fato de T3 não

ter filhos, e morar em sua casa apenas com o marido, algumas atividades domésticas possam ser adiadas. Diferentemente de T1 que, em virtude de ter filhos menores, precisa realizar tarefas que são indispensáveis para o cuidado das crianças, como, por exemplo, levá-las às atividades de natação, ballet, inglês. Além disso, cabe a ela cuidar da alimentação das crianças além de todos os cuidados necessários para a preservação da saúde delas.

Considerando os estudos de Fisher e Layte citados por Dedecca (2004), acerca de países como Canadá, Dinamarca, Finlândia, Holanda, Noruega, Reino Unido e Estados Unidos, os quais têm políticas sociais de creches e escolas para crianças, em tempo integral, as mulheres, nesses países, diferentemente da realidade brasileira, apesar de contarem com políticas públicas (creches e escolas para crianças em tempo integral), ainda têm uma jornada de trabalho não remunerado muito extensa, o que, por conseguinte, acaba por reduzir seu tempo livre para lazer.

No Brasil, o tempo para reprodução social ainda é menor, uma vez que não há políticas públicas expressivas em relação à creche e escolas de tempo integral para as crianças menores de 15 anos. Neste sentido, é possível observar, no discurso de T1, a qual tem filhos com idade inferior a 10 anos, que a sua jornada de trabalho não remunerado é maior do que a do seu trabalho remunerado. Por conseguinte, esta trabalhadora expressa, em seus acentos apreciativos, uma avaliação bastante negativa deste trabalho que, para ela, é algo que “não tem fim” (linha 3, QUADRO IV), pois trabalha das 5:30 da manhã, desde a hora que acorda, “até a hora de dormir” (linha 1, QUADRO IV, abaixo). Percebe-se, pois, em seus acentos apreciativos, a percepção da continuidade do tempo gasto e da repetição na realização das atividades domésticas, o que é revelado através do uso de advérbios e de locuções adverbiais como: “de novo” (linha 5), “sempre” (linhas 6). É possível destacar, ainda, que além de T1 ter uma rotina de trabalho remunerado muito extenuante, seus horários de trabalho não remunerado são pouco flexíveis. Segundo ela (T1), a jornada de trabalho doméstico não remunerado é muito maior do que a do remunerado, pois quando chega da escola, trabalha até a hora de dormir. Podemos observar que os verbos “começar, fazer, servir, guardar e passar (enunciados nas linhas 3,4,5 e 6, QUADRO IV, GRÁFICO 4,), denotam essa continuidade e uma rotina estritamente extensa desta trabalhadora (T1). Por conseguinte, os sentidos dos acentos apreciativos, desvelados nessas palavras,

sugerem que as atividades além de não terem fim, são permanentemente repetitivas, conforme pode-se observar nos Quadros IV e V, abaixo:

QUADRO IV – GRÁFICO 4

1Eu gasto... tirando as quatro horas e meia que eu trabalho no colégio 2até a hora de eu dormir, não tem fim umas dez de trabalho... maior do 3que o trabalho na escola. não. Porque não tem fim. Hoje eu começo 4meu trabalho. Uma coisa que tem fim é o almoço que você pega faz o 5almoço, serve o almoço, guarda o almoço. Acabou lava a louça. E a 6janta, porém passar roupa, por mais que eu comece a passar a roupa 7hoje, amanhã eu começo a lavar roupa de novo. Então, sempre tem 8roupa para passar, a casa sempre tem que limpar. **T1**

QUADRO V – GRÁFICO 4

1Eu não gasto tanto tempo porque não é uma faxina pesada, aí no 2sábado, aí eu sou bem demorada. Eu paro, aí eu pego o celular e volto 3a fazer, a minha mãe sempre reclamava comigo por causa disso, 4dizendo “tem que terminar”. (risos). Mas eu não consigo. Aí, eu paro 5faço alguma coisa, eu demoro. Digamos que eu comece sei lá, dez da 6manhã. Termino de três da tarde. Eu demoro um pouquinho porque a 7casa é pequena. Sempre fica. Principalmente durante a semana, 8sempre fica porque já chego um pouco exausta, né? Trabalho e tal. 9Então, já não 7dá pra chegar e tal, você tem que dar atenção pro marido 10e tal. Não dá pra tirar mais tempo, 8mas falta tempo, durante a 11semana. **T3**

Além disso, observa-se, nos excertos de T3, que ela faz o trabalho não remunerado no final de semana, no caso o sábado, já que durante a semana o tempo não é suficiente para que ela faça uma “faxina pesada” (linha 1, QUADRO V). Ela também avalia que, durante a semana, não consegue fazer uma limpeza mais minuciosa na casa porque chega do trabalho exausta. “*Sempre fica. Principalmente durante a semana, sempre fica porque já chego um pouco exausta, né? Trabalho e tal*” (linhas 6-7, quadro V). Um outro dado que também chama a atenção, nesse excerto, é o tempo que T3 precisa dispor para dar atenção ao marido, denunciando, através do acento apreciativo do substantivo “falta” e do verbo “tirar”, que o tempo não é suficiente para tantas atividades. “*Você tem que dar atenção pro marido e tal. Não dá pra tirar mais tempo, mas falta tempo durante a semana*” (linhas 7-8, quadro V).

QUADRO VI – GRÁFICO 4

1Hoje em dia, como eu trabalho fora, eu percebo que tudo que eu 2faço eu não consigo terminar porque o dia começa muito cedo pra 3mim, então quando eu penso que eu tô saindo do meu serviço, que 4é o meu trabalho remunerado, eu penso assim... Meu Deus, chegar lá 5em casa eu tenho que fazer o almoço, eu tenho que fazer...é muito 6mais cansativo do que trabalhar fora. **T1**

No excerto acima (QUADRO VI), a trabalhadora T1 acentua, em seu relato, a sua situação de vida atual, comparada com a anterior, quando não exercia trabalho remunerado. Segundo esta trabalhadora (T1), anteriormente, ela conseguia dar conta de todas as atividades sem muito estresse. No entanto, no momento atual ela avalia que nem sempre consegue terminar tudo o que tem a fazer (linhas 1 e 2, QUADRO VI, GRÁFICO 4). Pode-se observar, em seu discurso, a descrição do tempo gasto em sua jornada de trabalho diária e a divisão deste tempo nas duas modalidades de trabalho que exerce: remunerado e não remunerado. Em relação ao uso do vocabulário, em T1, pode-se observar a ocorrência do verbo “tenho que”, repetido duas vezes (linha 5, quadro VI), o qual nos permite perceber que T1 tem muitas obrigações a realizar durante o dia, razão pela qual considera que o trabalho doméstico não remunerado é muito mais cansativo do que o remunerado (linha 6, quadro VI, GRÁFICO 4). Além disso, observa-se ainda, no excerto citado, outras escolhas lexicais, tais como as palavras “eu penso assim” e “meu Deus”, as quais evidenciam a angústia em saber que a jornada do trabalho remunerado terminou, mas que uma nova jornada será iniciada ao chegar em casa, de forma ainda mais intensa e cansativa do que a anterior, o que novamente evidencia o uso extenuado do *corpo de si* (linhas 4-6, QUADRO VI, GRÁFICO 4).

Fazendo um contraponto entre o discurso das trabalhadoras T1 e T3, podemos observar que T3, apesar de dedicar mais horas em seu trabalho remunerado, em relação às outras duas participantes (T1 e T2), possui uma jornada mais flexível, uma vez que não tem filhos e, dessa maneira, pode flexibilizar atividades como jantar e almoço, uma vez que ela e o marido também fazem refeições fora de casa, conforme pode-se observar na linha 6, do Quadro VII:

Veja, aqui em casa a gente não tem tanto a rotina de fazer janta todos os dias. A gente toma café quando eu chego. Meu marido chega praticamente no mesmo horário que eu, quando não tá no seminário ou fazendo alguma coisa na igreja, a gente toma café. Eu faço café mesmo de, eu já tô nordestina mesmo, faço cuscuz, faço uma tapioca. Aí faz um café mesmo, a gente não janta (QUADRO VII, GRÁFICO 4, linhas 5 a 7).

É possível observar nos discursos citados acima que a trabalhadora T3 flexibiliza essas atividades a fim de ganhar tempo durante a semana e se cansar

menos, por isso substitui a janta por um café simples, a fim de poder descansar quando chega em casa. Essa é uma forma que ela (T3) encontra para lidar com as suas *dramáticas de si* e assim conciliar melhor a sua jornada entre trabalho remunerado e trabalho não remunerado.

QUADRO VII – GRÁFICO 4

1Quando não tem eu e meu esposo algum compromisso na igreja que 2às vezes eu saio direto do trabalho e vou pra igreja, eu chego em casa, 3faço assim aquilo que ficou do dia anterior né? Dou uma organizada 4básicazinha na casa, tomo 4banho e se eu estiver estudando alguma 5coisa na faculdade, vou estudar, tiro uma horinha pra estudar e depois, 6vou dormir. Se resume assim. Veja, aqui em casa a gente não tem tanto 7a rotina de fazer janta todos os dias. A gente toma café quando eu 8chego. Meu marido chega praticamente no mesmo horário que 8eu, 9quando não tá no seminário ou fazendo alguma coisa na igreja, a gente 10toma café. Eu faço café mesmo de, eu já tô nordestina mesmo, faço 11cuscuz, faço uma tapioca. Aí faz um café mesmo, a gente não janta. 12Depois só fica tomando chimarrão que a gente é lá do Sul.(risos) Aí, 13final de semana sim, final de semana é durante a semana assim eu 14não tiro pra fazer aquela limpeza mais pesada, né? porque realmente 15não dá, não tem como. Final de semana eu tiro pra fazer aquela 16limpeza mais pesada, a gente fica em casa, aí eu tiro pra dar aquela 17faxina boa, e aí já tem que fazer o almoço, mas aí não tem a rotina de 18trabalho fora durante o dia. **T3**

Um outro aspecto que pode ser observado no tempo gasto pela trabalhadora T3 é o fato de ela poder dividir a tarefa da faxina no final de semana com o marido, enquanto que a trabalhadora T1 pode contar apenas com o apoio da filha mais velha para fazer tarefas mais simples, como *catar* (juntar) coisas que ficam espalhadas pela casa, durante a semana. Isso pode ser evidenciado nos excertos abaixo (vide QUADRO VIII e IX, GRÁFICO 4, respectivamente).

QUADRO VIII – GRÁFICO 4

1Ele ajuda. Ele lava louça. Principalmente quando vai fazer faxina. Eu 2boto ele pra lavar os banheiros porque ele é melhor do que eu pra fazer 3essa tarefa. Não é que ele seja melhor fazendo essa tarefa, mas eu não 4gosto de lavar banheiro. (risos). Aí eu já me aproveito que ele sabe 5melhor assim, aí eu boto ele pra lavar. Essa é a tarefa dele. Lavar os 6banheiros e lavar louças. **T3**

QUADRO IX – GRÁFICO 4

1As minhas filhas me ajudam. A de nove e a de quatro. Agora, a de nove 2me ajuda mais. Ela cata todos os brinquedos, todas as coisas que tem 3no chão. Então se eu pedir, cate lá no seu quarto, sapato. Tudo que 4tiver fora do lugar no chão, cate pra mim. Ela cata, guarda dentro do 5armário. Então me facilita porque eu já passo a vassoura e passo o 6pano com mais facilidade do que ter que catar tudo, guardar tudo. **T1**

No contexto desta análise, cabe lembrar que pesquisas sobre o uso do tempo, realizadas pela CEPAL¹⁹, em 12 países da América Latina, desde 1998, indicam que a mulher dedica mais tempo do que o homem ao trabalho doméstico não remunerado, e sua carga total, de trabalho, é muito maior do que a do homem.

Segundo o documento da CEPAL, não há uma rede de serviços públicos que se ocupe de algumas dessas tarefas domésticas e somente a mulher, com renda mais alta, pode contratar serviços e pessoas, geralmente outras mulheres.

Não obstante, com as mulheres mais pobres e de setores médios, ocorre o contrário, pois a ausência ou a precariedade dos serviços públicos torna praticamente impossível conciliar sua vida profissional ou familiar, excluindo-as, assim, das oportunidades de trabalho e contribuindo, ainda mais, para o seu empobrecimento.

Pesquisa realizada pelo SOS Corpo e Instituto Patrícia Gusmão, intitulada *Trabalho remunerado e trabalho doméstico: uma tensão permanente* (2014), com mulheres de todas as classes sociais e idades, apontam que 68% do universo consultado não dispõe de tempo para cuidar de si. Segundo a pesquisa, 75% delas também concordam que a sua rotina é extremamente cansativa. Com as nossas participantes (T1, T2 e T3) não poderia ser diferente, pois além de uma rotina de trabalho remunerado cansativa e, muitas vezes, quase inflexível, é possível observar a luta diária das trabalhadoras entrevistadas para conciliar as atividades e, assim, utilizar melhor o tempo. A trabalhadora T1 quase não tem tempo para descansar, pois o restante do seu dia é todo tomado pelo trabalho não remunerado. Além disso, essa rotina se torna ainda mais pesada aos finais de semana, momento em que ela tem que fazer a faxina geral, a fim de ter uma semana mais tranquila. Já a trabalhadora T2, por sua vez, também não tem muito tempo e, apesar da idade, 71 anos, divide boa parte do seu tempo entre o trabalho remunerado e não remunerado, apesar de contar com a ajuda do marido para lavar louça e passar a vassoura na casa, a liderança e a responsabilidade pelo trabalho são dela. Quanto

¹⁹ CEPAL – Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe. Folha informativa da XI Conferência Regional sobre a mulher da América Latina e do Caribe. Brasília, 13 a 16 de julho de 2010.

à trabalhadora T3, esta é a que tem um número maior de horas no trabalho remunerado: em média oito horas diárias, isso sem contar o tempo que leva no trajeto entre a casa e o trabalho. Como as demais, ela também tem uma jornada de trabalho não remunerado bem longa, principalmente aos finais de semana. Nesse período, esta trabalhadora (T3) consegue organizar melhor a casa e cozinhar, além de se dividir em outras atividades e assim conciliar o seu tempo.

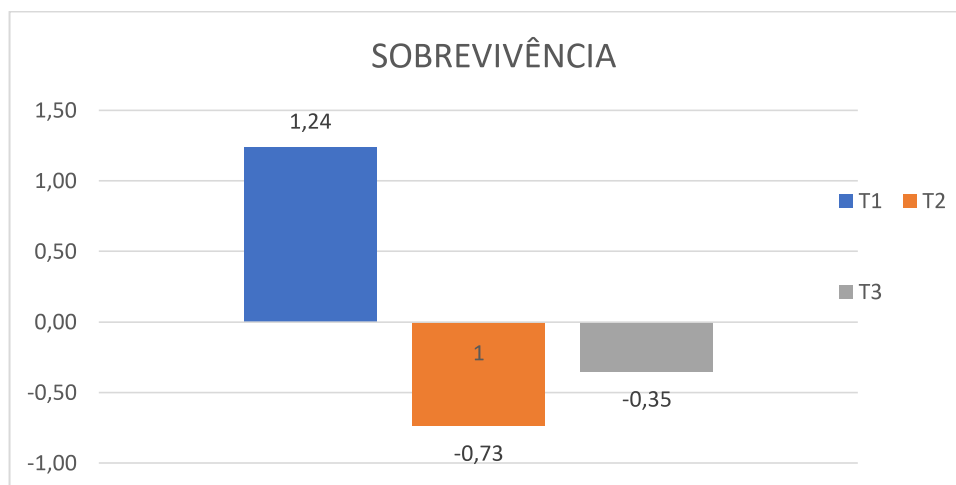
5.4 TRABALHO DOMÉSTICO NÃO REMUNERADO E A DIMENSÃO DO TEMPO

O produto resultante do trabalho doméstico é consumido muito rápido, além disso, não é valorado sob a ótica de mercado, uma vez que é feito e consumido na esfera privada dos lares pelas pessoas que ali residem. Um bom exemplo disso são os estudos econômicos os quais não costumam incluir o valor do trabalho doméstico não remunerado em suas estatísticas, uma vez que ele não tem valor em termos mercadológicos, sendo, portanto, considerado improdutivo. Segundo Carrasco (2003), somente o mundo público desfruta do reconhecimento e da valoração social, enquanto que a atividade do trabalho doméstico não remunerado, destinada às mulheres, é relegada ao plano do invisível, negando-se a possibilidade de sua valoração social. Para essa economista (CARRASCO, 2003), essas atividades domésticas incorporam uma dimensão subjetiva, uma vez que elas não podem ser meramente terceirizadas a outrem, porque cuidar tem a dimensão subjetiva do afeto.

No entanto, apesar dessas atividades serem invisibilizadas e desvalorizadas social e economicamente, elas são fundamentais para a sobrevivência de homens e mulheres e absolutamente indispensáveis para a estabilidade física e emocional dos membros do lar (CARRASCO, 2003).

O tema sobrevivência também se fez presente nos discursos das participantes de nossa pesquisa, já que o trabalho doméstico não remunerado está, de fato, relacionado à sobrevivência e à estabilidade da vida humana.

O Gráfico 4, abaixo, e a planilha de lematização ilustram a temática *sobrevivência*.

Gráfico 5 – Sobrevivência

Fonte: A Autora, 2019

Tabela 6 - Planilha de lematização (Tema: Sobrevivência)

SOBREVIVÊNCIA	TOTAL	T1	T2	T3
Sobrevivência	3	2	1	
Saudável	3	1	2	
Saúde	3	1	2	
Vida	7	2	4	1
Limpinho	3	3		
Organizado	7	2	2	3
Poeira	1	1		
Limpa	2	1	1	
Alérgicas	1	1		
Organizada	4	2	1	1
Mental	1		1	
Ambiente	13		3	5
Limpo	9			2
Melhor	7			7

Fonte: A Autora, 2019

Analisando quantitativamente o Gráfico 4, intitulado *Sobrevivência*, podemos observar que a arquitetura discursiva em torno dessa temática pode ser visualizada a partir dos pesos lexicais atribuídos em cada uma das variáveis. No gráfico acima (GRÁFICO 5), encontramos as três variáveis dispostas em colunas sequenciais. A trabalhadora T1 (+1,24) encontra-se inserida no vocabulário fundamentalmente básico positivo, uma vez que o peso lexical está situado no intervalo entre -1 e + 1. É, portanto, um vocabulário comum que dá suporte ao discurso preferencial da

trabalhadora doméstica, ou seja, aquele que tem seu uso privilegiado pela participante. Já as trabalhadoras representadas pelas variáveis T2 e T3, cujos pesos lexicais são, respectivamente, -0,73 e -0,35, inserem-se no vocabulário básico de tendência negativa e situam-se um pouco acima do intervalo de (-1 e +1). A seguir, descreveremos alguns dos principais itens lexicais que foram lematizados em cada uma das variáveis: T1, cujo vocabulário está localizado na escala positiva, apresentou os seguintes vocábulos: *organizado, ambiente, vida e sobrevivência*; T2 apresentou os vocábulos: *saudável, saúde e mental*; quanto às escolhas lexicais de T3, encontramos vocábulos como: *organizado, limpo e melhor* (TABELA 6).

QUADRO I – GRÁFICO 5

1Porque independente de ser a mulher ou de ser um homem, se a 2pessoa é organizada ela gosta de morar num ambiente organizado. E... 3lavar uma vasilha, fazer um almoço isso não é questão da mulher, é 4uma questão da sobrevivência do ser humano. T1

Ao analisar o excerto, acima, da trabalhadora T1, em relação ao tema *sobrevivência*, é possível observar que os acentos apreciativos estão relacionados diretamente a um ambiente organizado e à realização de atividades como cozinhar. No excerto em referência, a trabalhadora evoca os discursos na sociedade patriarcal que, de modo geral, relaciona essas atividades às mulheres e, dialoga com essa palavra, e, numa atitude responsiva, opõe-se a ela, quando diz que fazer trabalho doméstico “não é uma questão da mulher, é uma *questão de sobrevivência do ser humano*.”(QUADRO I, GRÁFICO 5, linhas, 3-4).

QUADRO II – GRÁFICO 5

1Porque é pela questão da saúde, questão de uma vida saudável 2realmente, ter um ambiente limpinho, um ambiente organizado, as 3coisas arrumadas num determinado lugar, e facilitando a vida e a 4sobrevivência das pessoas. T1

A trabalhadora T1 relaciona a questão da *sobrevivência* a um ambiente limpo e organizado. Esse ambiente limpo produz, para T1, vida saudável além de facilitar a vida e a sobrevivência de quem reside nesse ambiente. De acordo com Carrasco (2003), em sociedades industrializadas, a qualidade de vida e subsistência alimentam-se de três fontes: 1) as produções e as atividades de cuidados diretos

realizados a partir do lar; 2) o mercado; e 3) a oferta de serviços públicos. No entanto, apesar do mercado capitalista ter um papel importante na oferta de bens e serviços, as pessoas continuam se organizando a partir dos seus lares, de acordo com o nível de renda e com a oferta de serviços públicos.

QUADRO III – GRÁFICO 5

1Essencial pra sobrevivência não. Porque outras pessoas 2poderiam fazer esse trabalho. Que aí seria contratar um 3profissional. Mas, além de às vezes esse profissional não fazer 4com amor à profissão, ainda há outros desgastes de 5relacionamento. Nem sempre a gente pega uma pessoa 6agradável, às vezes a gente põe uma pessoa dentro de casa 7que tem um mau humor, traz às vezes enfermidades. Eu já tive 8uma empregada, uma doméstica que teve sérios problemas de 9saúde relacionados à sexualidade dela. E, às vezes, a gente 10pega gente desonesta também. E isso me desgasta muito: 11ficar sempre preocupada se alguém é honesto ou não, porque 12a gente ouve muito depoimento de pessoas que dentro da sua 13casa que não age de forma honesta. T2

No que diz respeito à temática *sobrevivência*, a trabalhadora T2 não considera o trabalho doméstico essencial para a sobrevivência, uma vez que outras pessoas poderiam realizar esse trabalho, no caso, um trabalhador doméstico remunerado. Os acentos apreciativos da trabalhadora T2, em relação ao trabalho desse profissional, são negativos, pois revelam valores negativos que ela tem em relação a essa profissional. Para ela (T2), a falta de profissionalismo, desgastes de relacionamento, questões de saúde, e a questão da desonestidade são fatores que possivelmente inviabilizariam a contratação de uma trabalhadora doméstica remunerada para realizar o trabalho doméstico não remunerado.(cf. linhas 4-13, QUADRO III, GRÁFICO 5, acima)

Para isso, a trabalhadora em epígrafe (T2) mostra as possíveis soluções para o caso de nem fazer e nem contratar ninguém para fazer esse trabalho

QUADRO IV – GRÁFICO 5

1O não cozinhar não afetaria porque eu compraria pão que já 2está pronto, resolveria de forma muito simples. Agora a 3organização da casa eu tenho as minhas neurosezinhas de 4manter uma casa sempre organizada e limpa pra minha saúde 5mental. Posso. Eu me sinto deprimida em um ambiente sujo e 6desorganizado. Eu não me sinto bem. Então, é ter uma casa, 7não precisa ser uma casa rica... Pode ser uma casa 8paupérrima, mas se tudo está limpo, organizado, que se 9encontram as coisas. T2

Nos acentos apreciativos da trabalhadora T2 pode-se observar a forma encontrada para resolver a questão da alimentação. Ela cita, por exemplo, que compraria o pão, uma vez que esse alimento já estaria *pronto* (linhas 1-2, QUADRO IV, GRÁFICO 5). Quanto à organização e à limpeza da casa, ela não abriria mão de fazer o trabalho, uma vez que ele é imprescindível para a sua saúde mental (linhas 4-6, QUADRO IV, GRÁFICO 5). Vale salientar, aqui, que apesar desta trabalhadora não considerar o trabalho doméstico não remunerado essencial para a sobrevivência, o tom emocional e volitivo utilizado para acentuar as palavras “organizado” e “limpo” (linhas 4 e 8), permite-nos observar que esse trabalho é necessário mesmo quando não é feito por alguém da família.

QUADRO V – GRÁFICO 5

1Então eu sempre gostei de me sentir num lugar limpo, num 2lugar organizado. De receber pessoas, eu fico agoniada, às 3vezes, quando eu chamo alguém, alguma amiga e a casa tá 4desorganizada. Eu tenho que organizar, corro pra organizar 5porque eu gosto de receber pessoas num ambiente assim, eu 6sinto prazer quando eu termino, ah, chega sinto uma coisa boa 7assim... sentir o cheirinho da casa cheiroso, deitar no meu 8lençolzinho limpo, e saber que eu contribuí pra que aquilo 9acontecesse assim... T3

Quanto às trabalhadoras T3 e T1, ambas não relacionam um ambiente organizado e limpo à uma questão de sobrevivência. Assim, da mesma forma como a trabalhadora T2, T3 prefere ter uma casa limpa e organizada para não se sentir “agoniada” (linha 2, QUADRO V, GRÁFICO 5). Os acentos apreciativos das palavras “boa”, “prazer”, “cheiroso” e “limpo” (linhas 6,7 e 8, QUADRO V, GRÁFICO 5) dos excertos discursivos de T3, revelam que essa trabalhadora sente prazer em contribuir para a limpeza e organização de sua casa. Tais acentos também revelam a questão afetiva e subjetiva do cuidado.

QUADRO VI – GRÁFICO 5

1Eu acho que é essencial, acho que já complementa outra resposta 2assim, que eu realmente não me vejo é... eu fico assim agoniada se a 3casa tiver suja, se a casa está desorganizada, tem coisa pra fazer. 4Então, é essencial porque é... eu me sinto bem assim fazendo e tendo 5esse ambiente. Pra mim é essencial. Eu não ficaria sem fazer. T3

Neste outro excerto (linhas 2-4, QUADRO VI), a trabalhadora T3 ressalta, através dos seus acentos apreciativos, que viver num ambiente organizado e limpo é

essencial e que, por isso, não deixaria de fazer o trabalho doméstico não remunerado.

A esse respeito, Carrasco (2003) parece corroborar com os nossos dados ao afirmar que as necessidades humanas têm uma dimensão mais objetiva, relacionada às necessidades biológicas e outra mais subjetiva, que inclui os afetos e as relações humanas. Ambas, portanto, seriam essenciais para a vida.

Em relação ao tema *sobrevivência*, os acentos apreciativos das trabalhadoras T1, T2 e T3 revelam que o trabalho doméstico não remunerado é necessário ao atendimento de suas necessidades biológicas, físicas e emocionais bem como de suas famílias.

5.5 TRABALHO DOMÉSTICO NÃO REMUNERADO: O USO DO CORPO-DE-SI

Os afazeres domésticos são um conjunto de atividades diversificadas relacionadas ao cuidado dos outros e podem assumir a forma de trabalho não pago dedicado aos membros da família. Essas atividades consistem em cuidar de crianças, idosos, deficientes, bem como realizar tarefas domésticas como limpar, arrumar, lavar, passar, cozinhar, etc.

De acordo com Sorj (2004), atribuir as responsabilidades domésticas e familiares aos indivíduos do sexo feminino constitui uma das principais convergências da experiência feminina.

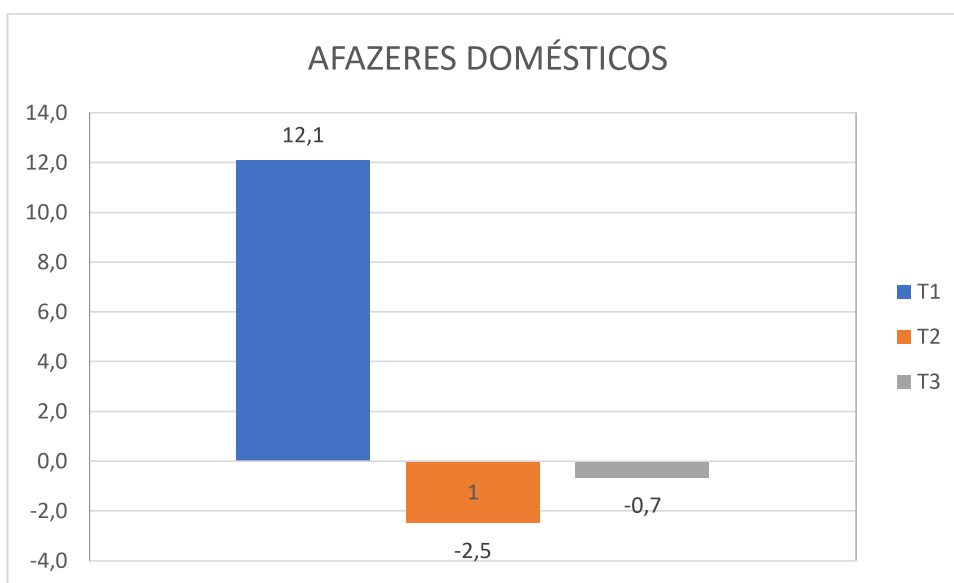
De acordo com pesquisas realizadas pelo IPEA, em 2015, cujo título é *Retrato das desigualdades de gênero e raça*, a responsabilização das mulheres, pelo trabalho doméstico não remunerado, apresenta um padrão predominante na sociedade brasileira. Aqui cabe ressaltar que mais de 90% das mulheres entrevistadas declararam realizar as atividades domésticas, proporção que se manteve praticamente inalterada entre os anos de 1995 e 2015, o que em termos percentuais equivale a 94% e 91%, respectivamente. Vale destacar, também, de acordo com a pesquisa (IPEA, 2015), que apesar do número de horas dedicados ao trabalho não remunerado, isso não significa que tenha havido uma nova divisão de tarefas entre mulheres e homens na realização desse trabalho.

Mesmo que as mulheres exerçam atividade remunerada, elas continuam se responsabilizando pelas atividades domésticas não remuneradas. Isso as leva à chamada *dupla jornada*. A *dupla jornada* é mensurada pela jornada total de trabalho

que, segundo pesquisa do IPEA (2015), considera a soma do tempo dedicado ao trabalho remunerado com o tempo dedicado ao trabalho doméstico não remunerado (afazeres domésticos), partindo-se do pressuposto de que ambos os trabalhos produzem bens e serviços necessários para toda a sociedade.

O Gráfico 6, abaixo, ilustra os dados encontrados a partir da gravação do auto vídeo, no qual as trabalhadoras gravam um dia de sua rotina de trabalho.

Gráfico 6 – Afazeres domésticos



Fonte: A Autora, 2019.

Tabela 7 - Planilha de lematização (Tema: Afazeres domésticos)

AFAZERES DOMÉSTICOS	TOTAL	T1	T2	T3
Faxina	15	13		2
Colocar	7	7		
Arrumar	5	5		
Cozinha	15	10	4	
Estender	2	1		
Fazer	26	13	8	5
Ficar	2	1		
Lavar	17	10	7	
Limpar	10	8	2	2
Limpeza	4	2		2
Organizado	4	4		
Organizar	15	10	5	
Preparação	2	2		

Fonte: A Autora, 2019.

Analisando quantiquantitativamente o Gráfico 6 (acima), podemos observar, numa primeira leitura, a arquitetura discursiva em torno da temática *Afazer domésticos*, a qual pode ser visualizada a partir das três variáveis que encontram-se dispostas em colunas sequenciais. A trabalhadora T1(+12,51) encontra-se inserida num vocabulário preferencial, de tendência altamente positiva, o que denota um uso privilegiado desse tipo de vocabulário. Em relação à trabalhadora T2, observa-se que o peso lexical verificado insere-se no vocabulário diferencial (-2,50), objeto, portanto, de rejeição por parte desta trabalhadora; e em T3(-0,7), insere-se no vocabulário básico de tendência negativa, situando-se acima do intervalo de (-1 e +1). Neste caso, trata-se de um vocabulário de uso comum, que dá suporte ao vocabulário diferencial, ou seja, aquele que é objeto de rejeição por parte dessas trabalhadoras domésticas não remuneradas. O que nos chama a atenção, neste Gráfico, é o contraste positivo/negativo dos pesos observados entre T1 e T3 os quais expressam uma realidade a ser desvelada. Para esse fim, iremos analisar os contextos enunciativo-discursivos nos quais se inscrevem esta temática, a fim de tentarmos compreender as diferenças dos significados/sentidos, atribuídas por elas, ao trabalho não remunerado (TABELA 7).

A seguir descrevemos alguns dos itens lexicais que foram lematizados em cada uma das trabalhadoras. Em relação à trabalhadora, T1, cujo peso lexical (Z= 12,51) observado é altamente positivo, pode-se observar o uso dos seguintes vocábulos: *faxina, organizar, cozinha e fazer*.

QUADRO I – GRÁFICO 6

1Hoje vou começar a faxina geral...o que eu faço aqui em casa...
2Vou começar hoje pela sala... Como vocês veem aqui, ó. Tirar 3a
mesa de café da manhã. Vou varrer a sala toda... E colocar 4as
coisas em ordem pra semana. Essa é a minha rotina que eu
5costumo fazer no final de semana.

A trabalhadora T1 tem uma jornada de trabalho remunerado de seis horas, sendo que o restante de seu tempo é dedicado ao trabalho doméstico não remunerado. Aos finais de semana, ela afirma dedicar seu tempo para o que chama de *faxina geral*, aquela que possibilita a ele ter um controle maior de suas atividades

durante a semana. No sábado, ela afirma fazer a faxina geral, lavar roupa e também cozinhar para a semana inteira.

O léxico utilizado no Quadro I, permite-nos observar que a trabalhadora T1 tem uma forma peculiar de trabalhar. No seu auto vídeo, ela relata toda a sua metodologia de trabalho antes de começar. Os verbos de ação “começar, tirar, varrer e colocar” (linhas 1 e 2) reforçam as ações que ela (T1) precisa realizar para concluir a atividade. Depois de descrever tudo o que pretende fazer, esta trabalhadora (T1) finaliza suas atividades dizendo: *Essa é a minha rotina que costumo fazer no final de semana* (linhas 3-4, QUADRO I, GRÁFICO 6).

QUADRO II – GRÁFICO 6	
1	Lembrando que todos os dias eu faço as coisas, porém essa é a faxina que 2
	dura a semana inteira pra mim. Após lavar os banheiros, eu vou partir pra 3
	cozinha e pra área de serviço. Eu vou mostrando, cada etapa eu vou 4
	mostrando o processo começando agora pela sala. Quando estiver pronto, eu 5
	volto a filmar.

O verbo *lembrando*, utilizado pela trabalhadora T1 (linha 1, QUADRO I) expressa um tom emocional e volitivo que nos permite compreender que essa trabalhadora, de certa forma, procura justificar-se, em relação ao *outro*, (sociedade, marido, filhos e a pesquisadora), por um trabalho que não é feito somente uma vez na semana. Em seu discurso pode-se observar sua atitude responsiva em relação à sociedade que, em geral, atribui o trabalho doméstico à mulher, como uma obrigação, como algo inerente a ela. Ao enunciar que faz esse trabalho todos os dias, ressaltado pelo acento apreciativo do verbo *lembrar*, a trabalhadora T1 reafirma ser uma mulher *cuidadosa, zelosa, ciente* da atividade que tem o dever de cumprir.

Assim, a trabalhadora T1 reforça, através do verbo *lembrar*, que além dessa rotina de faxina, aos finais de semana, e de todo um trabalho doméstico feito também durante a semana, como limpar a casa, ela faz ainda outras atividades especiais, tais como levar as filhas ao *ballet*, inglês, natação, ginástica, etc. A lista de afazeres domésticos, para esta trabalhadora, parece algo interminável, pois são muitas as tarefas, e a forma como elas são descritas, em seu discurso, demonstram o quanto há para fazer. O uso do advérbio *ainda*, na linha 5, parece acentuar que, além de todos os afazeres da rotina diária, restam ainda o almoço e o jantar. Essa justificativa da trabalhadora T1, em relação ao seu trabalho e a forma como ela se vê, em relação à sociedade, também é observável no seguinte enunciado, quando

refere que “todos os dias eu passo pano na casa” (linha 3, QUADRO III, GRÁFICO 6)

QUADRO III – GRÁFICO 6

1 Só **lembrando** que esse é o vídeo da minha rotina no final de semana, 2 ou sábado ou no domingo, que é a faxina geral. E que todos os dias 3 eu passo pano na casa, trabalho no turno da manhã, e levo minhas 4 meninas para as atividades especiais como natação, ginástica rítmica, 5 inglês e ainda faço o almoço e a janta. T1

QUADRO IV – GRÁFICO 6

1 E hoje eu aproveito e preparo um pouco da comida que nós vamos 2 comer durante a semana. Então aqui eu tenho aqui um fiado que eu 3 vou assar pro jantar de hoje e pro almoço de amanhã. E assim eu 4 congelo um pedaço pra ir tirando durante a semana e variando a carne. 5 Com uma carne moída, uma carne cozida que eu já deixo preparado 6 somente pra retirar as porções durante a semana.[...]

7 Com o almoço praticamente pronto, agora eu vou começar aqui a 8 assar a carne, tô cozinhando já os feijão(sic) que vai comer durante a 9 semana. Vou servir o almoço, aí vou filmar lá o almoço... Agora tô 10 colocando umas roupas pra lavar aqui, na lavadora de roupa. Já tô 11 com o meu almoço pronto, e... só assar o frango e... minha família já 12 tá almoçando. Vou colocar roupa pra lavar e terminar a faxina aqui, 13 ó! Vou organizar as coisas... T1

A rotina de afazeres domésticos da trabalhadora T1 revela-se bastante exaustiva pois, durante a semana, além de ter todas as outras atividades de trabalho remunerado, ela tem de dar conta também do trabalho não remunerado. No final de semana, quando deveria ser o seu descanso, ela possui muitos afazeres, como limpar, lavar e cozinhar, para adiantar tudo o que tem para fazer durante a semana, de forma que possa manter a rotina organizada, como ela mesma afirma no seguinte excerto: *“Aproveito o final de semana pra deixar as coisas todas em ordem, porque senão durante a semana eu não dou conta de fazer” (T1)*. Como pode-se observar, o verbo *organizar*, está muito presente na descrição de sua rotina, numa tentativa de deixar *tudo em ordem* no final de semana de modo que, durante a semana, possa dividir melhor o seu tempo entre o trabalho remunerado e não remunerado, e obter êxito em ambas as atividades. Embora fazer trabalho doméstico não remunerado, aos finais de semana, não garanta, a essa trabalhadora, uma folga semanal, pode aliviar a sobrecarga em sua rotina durante a semana.

QUADRO IV – GRÁFICO 6

1Mas como eu disse antes, a vida da gente é corrida, então, às vezes, a
 2**faxina**, ou a limpeza, vai ter que ser à prestação. A gente vai ter que 3sair
 agora, atender um casal que solicitou que a gente cantasse no 4casamento
 deles. E, como a gente tá sem tempo, ou seja, vou ter que 5fazer o resto
 depois. Ficou uma parte da sala e uma parte da cozinha 6pra limpar, veja. T3

Já a trabalhadora T3 possui uma jornada de trabalho de oito horas diárias e, em sua rotina diz que o principal, em termos de faxina pesada, acontece durante o final de semana, mas nem sempre é possível realizar essa atividade de forma completa. Isso fica claro, na linha 2 (QUADRO IV, GRÁFICO 6), quando esta trabalhadora (T3) enuncia: “a limpeza vai ter que ser à prestação. A gente vai ter que sair agora...”(linha 2, QUADRO IV, GRÁFICO 6); “vou ter que fazer o resto depois” (linha 5, QUADRO VI, GRÁFICO 6). É possível perceber, nas escolhas linguísticas desta trabalhadora (T3), o modo como ela lida com a atividade de uma forma produtiva e construtiva. É o que Schwartz (2014) chama de *normas de encaixamento*, ao referir-se aos saberes e à dimensão axiológica que cada atividade exige do trabalhador. Quanto à trabalhadora T2, podemos ressaltar que, em seu discurso, acentua a forma pela qual consegue se adequar às dificuldades que vão aparecendo no seu trabalho doméstico cotidiano: espera secar uma determinada quantidade de roupas para começar a lavar outra em virtude do varal, que é pequeno.

QUADRO VI – GRÁFICO 6

1Ontem já deixei uma roupa de molho, agora vou botar pra lavar porque já
 2tem uma roupa estendida. Mas como o varal é pequeno, eu tenho que
 3esperar uma secar primeiro para depois terminar de lavar a outra. T2

A esse respeito, Schwartz (2014) nos diz que a atividade industriosa, a qual pode ser observada na atividade rotineira da trabalhadora T2, consiste na tomada decisões a respeito de como proceder ao realizar determinado trabalho, a partir de sua subjetividade e micro escolhas frente às pressões que ocorrem no encontro entre o ser que faz a atividade e a atividade em si.

Ao descrever sua rotina, a trabalhadora T1 acentua, em seu discurso, o tempo gasto nesta atividade pois, embora a casa seja fácil de limpar, porque tem porcelanato, ela precisa retirar tudo o que encontra espalhado pela casa, o que torna o trabalho muito mais demorado. Além disso, T1 acentua, mais uma vez, as

dificuldades encontradas para fazer o trabalho doméstico, o que é expresso através das palavras “tempo”, “catar” (juntar) e “organizar”, conforme pode-se observar nos excertos abaixo:

QUADRO VII – GRÁFICO 6

1 Lembrando que a minha casa é toda no porcelanato. É fácil
2 limpar porém, o pó, a poeira, como aqui é 13°. Andar, é muito 3
grande, então vem da rua a poeira toda, e como eu tenho 4 duas
crianças, o que mais toma tempo na faxina é catar e 5 organizar. (T1)

Quanto a trabalhadora T3, os tons emocionais e volitivos expressos em seu discurso, através das palavras “agoniada” (linha 5), “racional” (linha 7), “exausta” (linha 8) e “cansaço” (linha 9), evidenciam a luta travada por ela e seu corpo para conciliar o trabalho doméstico não remunerado com o trabalho remunerado durante a semana e aos finais de semana, tempo que deveria ser dedicado ao seu descanso, conforme pode-se observar nos excertos abaixo:

QUADRO VIII – GRÁFICO 6

1 Então tem coisas que às vezes, eu deixo passar. É, levantar o
2 forno, pra limpar embaixo, essas coisas, que às vezes quando 3 eu
chego no final assim, ah não, deixa pra outro dia. É mais ou 4 menos
assim. Ai, durante a semana eu vou ter de fazer senão 5 acumula, né?
Ah, eu fico agoniada assim quando eu tô num 6 ambiente assim que
tô com uma bagunça. Tô com uma louça 7 na pia ou enfim. Mas às
vezes tu tem que ser racional, né? Tá 8 hoje eu tô exausta, não vou
conseguir fazer, vou ter que fazer 9 amanhã. O cansaço às vezes fala
mais alto. **T3**

Quanto aos acentos apreciativos da trabalhadora T2, estes revelam o pouco tempo reservado, em sua rotina diária, para o descanso, visto haver sempre novas atividades domésticas a fazer, tais como, por exemplo, agendar a ida ao dentista antes da sesta. Nas linhas 6 e 7, QUADRO IX, GRÁFICO 6), A trabalhadora (T2) demonstra a dificuldade para encontrar esse tempo de descanso, no período do almoço, em sua rotina cotidiana, o que é expresso através de enunciados como “tá difícil de dormir né? Tem muita coisa antes.” (linhas 6 e 7, QUADRO IX, GRÁFICO 6). De acordo com sua descrição, no momento em que se deita, a trabalhadora T2 lembra que ainda falta agendar o dentista (linhas 5 e 6, QUADRO IX, GRÁFICO 6); quando não faz agendamentos ao médico, aproveita para checar *e-mails* e *whatsapps* (linhas 3 e 4, cf. excerto abaixo).

QUADRO IX – GRÁFICO 6

1Bom eu já tô deitada, só que eu me lembrei que eu tenho que 2marcar dentista. Então eu, às vezes, nesse período antes 3porque eu não durmo logo, imediatamente que me deito, eu 4proveito pra dar uma checada em e-mails, em whatsapp. Mas 5agora eu vou fazer isso porque tenho que agendar com o 6dentista uma consulta. Então, eu vou antes de dormir. Tá difícil 7dormir né? Tem muita coisa antes... T2

A partir dos discursos enunciados pelas trabalhadoras para esse tema, fica claro que elas precisam negociar o seu tempo a fim de realizar todas as suas atividades de trabalho remunerado e não remunerado. Além disso, as participantes de nossa pesquisa tentam otimizar o tempo e conciliar suas jornadas de trabalho doméstico, organizando seus afazeres durante e aos finais de semana, para simplificarem suas rotinas. Vale destacar ainda que as rotinas dessas trabalhadoras domésticas se organizam a partir do trabalho remunerado que realizam.

Sendo assim, o fato de não terem tempo para o descanso, por terem uma rotina desgastante, a qual não permite às trabalhadoras domésticas um descanso, uma folga, um lazer no final de semana, pode comprometer a sua saúde física e emocional. Ao analisar as auto confrontações simples, encontramos no Gráfico 7, intitulado “Estados de ânimo”, o qual se encontra na página 150, acenos apreciativos que revelam o estado psicológico das trabalhadoras em relação a sua rotina diária, os quais serão analisados abaixo.

1É o que eu penso... Aí já sai fazendo... Porque senão, não dá né, J... 2porque esse serviço vai ter todo dia, e se você chorar todo dia, você 3vai viver mal... Era um dia muito quente e era umas duas horas da tarde, 4tava muito calor e isso cansa o físico muito. Né? tem um desgaste maior 5do corpo. Eu tava muito cansada, aí eu preferi não almoçar com a 6minha família, deixá-los almoçar e almoçar depois que eu lavasse o 7banheiro porque senão eu ia almoçar e não ia conseguir lavar o 8banheiro. T1

A trabalhadora T1, ao analisar o seu auto vídeo, percebe o quanto aquele dia de faxina tinha sido *desgastante* para ela. Ela fala da sua tristeza e da sua aceitação em relação à situação vivida por ela, uma vez que não gosta de fazer o trabalho doméstico não remunerado, mas aceita o fato para não viver mal, quando diz: *porque esse serviço vai ter todo dia, e se você chorar todo dia, você vai viver mal* (linha 3). O desgaste do corpo também é evidenciado no excerto: Era um dia quente, tava muito calor e isso cansa o físico muito...(linhas 3-4). O cansaço fez com que ela

optasse por não almoçar até que terminasse a tarefa de lavar os banheiros (linhas 7-8).

1Se bem que eu gosto de fazer as coisas pra casa, mas o vídeo me
2mostrou que eu sobrecarregada. Que eu não posso me dedicar só a 3uma
coisa, embora eu goste, eu goste das duas coisas...Eu gosto de 4ser dona de
casa, eu gosto de cuidar da minha casa. Eu gosto muito 5do meu trabalho, eu
gosto muito da sala de aula.T2

Ao se auto confrontar, a trabalhadora T2 toma consciência do seu desgaste, evidenciado no acento apreciativo da palavra “sobrecarregada” (linha 2), ao fazer os dois trabalhos: o remunerado e o não-remunerado, embora goste dos dois trabalhos (linha 3).

A trabalhadora T3 tem consciência da necessidade de fazer um lazer, indo ao cinema, a fim de “desopilar” (linha 3), uma vez que se sente desgastada. Ela (T3) sabe que se for para a sua casa vai ter que fazer o trabalho doméstico o que vai culminar num esgotamento. Isso evidencia-se através dos acentos apreciativos “esgotado”, “cansada”(linha 1) e “esgotando” (linhas 5).

1As vezes a gente se sente meio esgotado, meio cansada, mas tenta, 2tenta.
Às vezes, eu falo assim, hoje, vamos, eu digo, vamos no 3cinema porque eu
preciso desopilar, fazer alguma coisa. Porque se eu 4for pra casa fazer outras
coisas, eu vou acabar, a gente acaba 5realmente se esgotando, mas a
loucura da vida tá assim hoje. T3

Já a trabalhadora T1 não tem tempo para lazer quando afirma que só consegue ouvir música enquanto realiza o trabalho doméstico. Só pode ver televisão no domingo. *“Só nos domingos, porque eu não tenho tempo nem de ligar a televisão. O máximo que eu coloco, eu ligo o som enquanto eu tô fazendo as coisas, que é o momento que eu me divirto mais.”*(T1) De todas as trabalhadoras, essa(T1) é a que apresenta, em seus discursos, o extenuante uso do corpo si. A angústia e o desgaste encontram-se presentes nos acentos apreciativos das palavras relacionadas à temática “estados de ânimo”: “estressante”, “estressante”, “desgastante”, “frustração”, “frustrante”, “magoa”, “cansativo”, “enjoativo”, “ruim” e “afrita”. Todos esses acentos revelam a percepção negativa que a trabalhadora T1 tem do trabalho doméstico não remunerado que realiza.

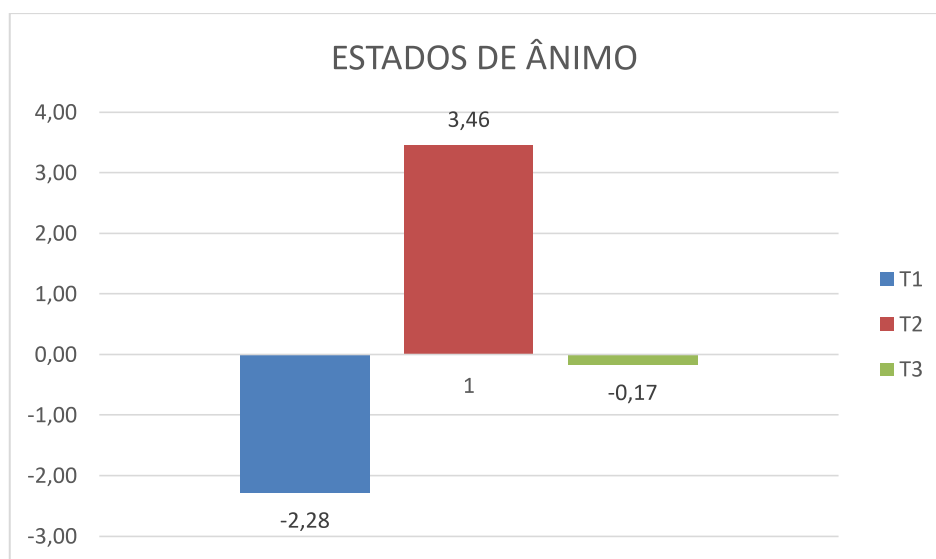
5.6 O EU-PARA-MIM DA TRABALHADORA DOMÉSTICA NÃO REMUNERADA

Olhando para o fenômeno em estudo nesse trabalho de pesquisa, queremos analisar de que maneira as trabalhadoras domésticas não remuneradas contemplam a si mesmas através da auto confrontação simples a fim de responder as seguintes questões: Como eu me vejo fazendo esse trabalho? Como os outros me veem fazendo esse trabalho? Qual a importância que esse trabalho tem para mim e para os outros (família, sociedade)?

A auto confrontação simples é uma atividade em que o sujeito fica frente-a-frente consigo mesmo e narra, comenta, descreve e revive aquilo que ele mesmo já fez. As trabalhadoras domésticas não remuneradas, participantes da nossa pesquisa, assistiram aos seus auto vídeos, a fim de mobilizar os discursos que revelariam o seu eu-para-si, o qual vai se constituir antes e durante a observação, revelando-se e materializando-se do discurso interior para o discurso exterior, ao se deslocar de sua posição de contemplado para a de contemplador de si mesmo.

Vale destacar que, metodologicamente, deixamos que a trabalhadora fizesse a auto confrontação simples, momento em que contempla a si mesma, num tempo posterior à gravação do seu auto vídeo, a fim de que esquecesse do que tinha feito e pudesse se contemplar como um outro que falava naquele momento da enunciação.

Gráfico 7 – Estados de ânimo



Fonte: A Autora, 2019.

Tabela 8 - Planilha de lematização (Tema: Estados de ânimo)

ESTADOS DE ÂNIMO	TOTAL	T1	T2	T3
Acostumada	1	1		
Agradado	3	2	1	
Agradável	1	1		
Agressivo	2	1		
Alegre	3	2		
Carinho	2	2		
Desanimada	1	1		1
Desconcentro	1	1		
Desequilibrar	1	1		
Desgasta	2	2		
Desgaste	1	1		
Enjoado	3	3		
Equilibrada	1	1		
Estressada	1	1		
Estressante	3	3		
Estrutura	3	3		
Estruturada	1	1		
Estruturado	1	1		
Estruturar	1	1		
Estruturo	1	1		
Felicidade	1	1		
Feliz	4	4		
Felizes	2	2		
Frustra	1	1		
Frustração	1	1		
Frustrante	1	1		
Frustrar	1	1		
Gratificante	3	2	1	
Pesado	5	4	1	
Péssimo	1	1		
Preocupada	1	1		
Reconhecida	1	1		
Reconhecidas	1	1		
Ruim	5	5		
Sensação	3	2	1	
Crise	1	1	1	
Assoberbada	1		1	
Cansado	1		1	
Constrangida	1		1	
Desagradável	3		1	
Diferente	3		1	
Gostosa	2		1	
Cansada	8		2	2
Percebi	2		2	
Pesado	5		1	
Raiva	1		1	
Saudável	5		5	
Senti	1		1	

Sentindo	1		1	
Sentir	1		1	
Sobrecarregada	1		1	
Sinto	2		1	
Vaidosa	2		2	
Complicado	1			1
Consegui	3			2
Consigo	10			3
Corrida	2			2
Corrido	1			1
Desopilar	1			1
Difícil	4			2
Engraçado	3			1
Enrolada	1			1
Escape	1			1
Esgotado	1			1
Esgotando	1			1
Estranho	2			2
Exausta	1			1
atrapalhada	2			2
Pesada	1			1
Sobrecarrega	1			1
Readaptando	1			1

Fonte: A Autora, 2019.

Analisando quantiquantitativamente o Gráfico 7 (acima), podemos observar, numa primeira leitura, a arquitetura discursiva em torno da temática *Estados de ânimo*, a qual pode ser visualizada a partir dos pesos lexicais atribuídos a cada uma das variáveis. No gráfico supracitado (Gráfico 6), encontram-se as três variáveis dispostas em colunas sequenciais. A trabalhadora T1 (-2,28) encontra-se inserida no vocabulário de tendência negativa, o que denota objeto de rejeição ou descarte em seu uso. Quanto à trabalhadora T2(+3,46), esta apresenta um vocabulário diferencial cujo peso lexical é significativo, o que denota um uso privilegiado por ela. Em relação à trabalhadora T3, cujo peso lexical é (-0,17), esta insere-se no vocabulário básico de tendência negativa e situa-se um pouco acima do intervalo de (-1 e +1).

Se compararmos os pesos lexicais observados em T1(-2,28) e T2(+3,46), podemos observar que os mesmos encontram-se em relação inversa de valores na escala, sinalizando, portanto, uma diferença marcante no uso de cada uma destas trabalhadoras em seu vocabulário, o qual oscila entre a predileção e a rejeição. Para podermos compreender melhor o motivo dessas escolhas, descrevemos alguns dos principais itens que foram lematizados em relação a cada uma das variáveis. Em relação à trabalhadora T1, os acentos apreciativos recaem sobre as seguintes

palavras: *acostumada, agradado, desgasta, estressante, feliz, gratificante e pesado*. Em relação aos acentos apreciativos da trabalhadora T2 acerca desta mesma temática, estes recaem sobre as seguintes palavras: *assoberbada, pesado, cansada, saudável, sobrecarregada*. Já a trabalhadora T3 apresenta os seguintes acentos apreciativos em relação ao mesmo tema: *consigo, cansada, atrapalhada e corrida* (TABELA 8).

GRÁFICO 7 – QUADRO I
1E aí já começa cansando porque eu tiro a roupa de cama e o final é 2mais estressante, realmente. Então, nesse iniciinho aí, eu ainda tava 3tranquila...Porque no final eu já tava com vontade de chorar pra falar 4a verdade... Eu nem entrei detalhes não porque eu já tava muito 5cansada. T1

Ao ser confrontada com o seu auto vídeo, no qual filma um dia de sua rotina de trabalho doméstico não remunerado, T1 descreve quais são os seus sentimentos em relação ao que vê na filmagem. O acento apreciativo da palavra *estressante* (linha 2, GRÁFICO 7, QUADRO I), nos permite entrever seu estado de ânimo em relação ao trabalho doméstico que precisa ser realizado. No momento em que contempla o auto vídeo e se vê comentando sobre o que vai fazer, ela afirma que está tranquila, mas ao final de um dia exaustivo de trabalho, demonstra o seu desgaste ao fazer o seguinte comentário: “*no final eu já tava com vontade de chorar para falar a verdade*”(linha 3-4, QUADRO I, GRÁFICO 7). Esse recorte enunciativo denuncia os sentimentos da trabalhadora T1 ao analisar o seu próprio trabalho, as angústias pelas quais ela passa no momento em que tem que empreender forças para começá-lo e terminá-lo. No momento em que filmava, esta trabalhadora T1 não revela as suas emoções, mas assim que entra em contato com a sua realidade e se vê, como num espelho, ela faz a seguinte ponderação: “eu nem entrei em detalhes porque já estava muito cansada (linha 4, quadro I, gráfico 6). De acordo com Bakhtin (2000), é na linguagem interna que se encontra a minha percepção interior, a qual é trazida para a linguagem externa. É, pois, através da linguagem externa que me enlaço na *textura plástico-pictural da vida* como homem entre outros homens. (BAKHTIN, 2000, p. 51).

GRÁFICO 7 – QUADRO II

1Mas o que eu senti é o seguinte: que eu estou ou estava assoberbada. 2No momento eu estou afastada para licença-capacitação que se inicia 3no dia 10. Então, eu não tenho ido à Universidade. Isso me fez mostrar 4que juntar a casa e o trabalho é muito pesado. Embora eu goste dos 5dois. T2

O homem não tem como escapar de si mesmo e fugir para o mundo, uma vez que está face a face consigo, esse é o momento de ver a si como se é, não existe um *álibi do não ser*. Desse modo, é possível entrever, no recorte enunciativo de T2, a percepção que ela tem de si mesma ao ver-se realizando os dois trabalhos (remunerado e não-remunerado), quando diz que “estava assoberbada” (linha 1, QUADRO II, GRÁFICO 7) pois fazer os dois trabalhos é “pesado”(linha 4, quadro II, gráfico 6). Os acentos apreciativos dessas duas palavras “assoberbada” e “pesado” nos permitem entrever que a jornada dupla de trabalho é difícil para ela, uma vez que do grupo de participantes é a mais velha; no momento da pesquisa, essa trabalhadora tinha 71 anos. O peso da idade dela evidencia-se no seguinte excerto: “mas a idade vai chegando e a gente vai sentindo o peso dos anos, a gente vai ficando cansado”(linhas 1-2, QUADRO III, GRÁFICO 7):

QUADRO III – GRÁFICO 7

1Mas a idade vai chegando e a gente vai sentindo o peso dos anos, a 2gente vai ficando **cansado** e outra coisa que eu não tenho uma 3doméstica, nem uma diarista, então tudo fica dependendo de mim. E 4o que eu percebi é que eu estava exigindo o que eu estou exigindo 5mais de mim do que eu deveria exigir. 5É um momento que eu não 6gosto porque eu gostaria de delegar isso pra o 6marido. Pra uma 7outra pessoa, pra uma empresa, seja quem fosse.T2

O cansaço referido por ela (T2) evidencia-se quando, ao contemplar os trabalhos que realiza, afirma que *está exigindo mais de si do que deveria exigir* (linha 4, QUADRO III, GRÁFICO 7). Ao se auto confrontar, ela (T2) demonstra não estar gostando muito da situação a qual se submete e, portanto, queria, se possível, delegar a responsabilidade de fazer o trabalho doméstico para outrem (marido, uma pessoa, uma empresa; cf. linhas 6,7, QUADRO III)

As trabalhadoras domésticas (T2 e T3) também demonstram através de seus discursos, no momento da contemplação de seus auto vídeos, a percepção que têm acerca da dimensão do trabalho que realizam. Elas, de modo geral, percebem, ao se auto confrontarem, que trabalham muito. Isso pode ser observado nos seguintes excertos:

QUADRO IV – GRÁFICO 7

1Olha, ultimamente eu chego e olho assim, meu Deus, como é que a gente
2**consegue se virar em tantos assim né?** Acabou que chega no final do ano agora
3e a gente vai se enchendo de compromissos na igreja, e as festividades de 4natal,
do ano novo, e, convite e tal. Alguns convites pra cantar em alguns 5lugares e
casamentos e tal. E aí a gente começa a ver que às vezes a gente 6não consegue
dizer não pra algumas coisas e a gente se sobrecarrega um 7pouco. (T3)

Como pode-se observar, a trabalhadora T3 questiona-se, ao se auto contemplar em sua rotina agitada, “*como é que a gente consegue se virar em tantos assim né?*” (linhas 1 e 2, QUADRO IV, GRÁFICO 7). Além do trabalho remunerado e do trabalho não remunerado, esta trabalhadora (T3) também precisa dividir-se entre os compromissos sociais e isso a deixa sobrecarregada “*a gente se sobrecarrega um pouco*”(T3).

QUADRO V – GRÁFICO 7

1Olha a impressão que eu tive quando eu descrevi tudo aquilo ali, da rotina, e 2tudo
que eu fazia dia de semana e que aquilo ali é só o que eu fazia no final 3de semana,
que dia de semana eu Carregava minhas meninas pará, 4pará(interjeição), se eu não
fosse eu mesma, eu ia pensar... mentira! Não dá 5conta de fazer isso tudo. Eu
mesma me indago aqui agora. Gente, como é que 6dá conta de fazer isso tudo? Eu
mesma me questiono: como é que dá tempo 7de fazer isso tudo?! T1

A repetição enunciativa da trabalhadora T1, ao questionar-se, por três vezes, como ela *dá conta de fazer tudo* (linhas 5,6 e 7, QUADRO V, GRÁFICO 7), ou seja, do trabalho remunerado, do cuidado da casa, das atividades em geral e das filhas, permite-nos entrever que o tom emocional-volitivo com que repete a expressão “dá conta de fazer isso tudo” remete-nos ao momento em que ela (T1), na posição de contempladora, vê-se, a si mesma, num outro instante enunciativo: o momento em que gravou a sua rotina e reflete sobre esse outro/ela mesma, e consegue

compreender e se espantar, ao mesmo tempo, ao ver a dimensão do trabalho que realiza.

Um outro aspecto interessante nesse recorte enunciativo é quando T1 diz “se não fosse eu mesma, eu ia pensar... mentira!” (linhas 2-4, QUADRO V, GRÁFICO 7). O olhar contemplador está na consciência, constituída nas relações com o(s) outro(s). Sendo assim, a trabalhadora T1, ao contemplar-se, só acredita que realiza tudo o que faz porque vê-se, a si mesma, e consegue, assim, perceber a dimensão do que o outro(ela) realiza ao conciliar a jornada dupla do trabalho remunerado e não remunerado, a qual quase todas as mulheres são submetidas no mundo todo.

QUADRO VI – GRÁFICO 7

1É estranho se ver assim né, fazendo algumas coisas. Coisas que tu 2pensa que tá fazendo certo, daí vai fazer outra coisa, pra fora, coisa e 3tal. E me surpreendi também com a questão da correria e se ver na 4realidade como tá tua vida, como tá corrida. T3

Os acentos apreciativos da palavra “estranho” (linha 1) e “corrida”(linha3), no discurso de T3, têm um tom emocional e volitivo de alguém que, ao observar-se, toma consciência da vida agitada que leva. Ou seja, ela toma consciência também acerca de algo que pensa estar fazendo (linha 2, QUADRO VI, GRÁFICO 7), embora, ao contemplar-se, começa a duvidar do modo como realiza o trabalho real, aquele que envolve todas as subjetividades do agir industrioso de si.

QUADRO VII – GRÁFICO 7

1Aí vem a frustração...porque sempre tá bagunçado. Então além de eu 2fazer a faxina toda, eu ainda organizo o que é que eu tô guardando, 3que é a parte mais difícil não é fazer faxina, é guardar as coisas 4espalhadas. Que é o que empregada também não faz, né? Porque 5quando ela vai à faxina, ela vai fazer uma faxina profissional, ela 6simplesmente limpa, aí você tem que guardar suas próprias coisas, 7então eu faço as duas partes aí é beemm frustrante pra mim, guardar 8tudo antes de limpar, que eu acho se todo mundo colocasse tudo no 9lugar, limpar pra mim era o de menos. É o meu marido e as minhas 10duas filhas. Peço, mas eles fazem que vão guardar. Aí quando eu 11olho, eles jogaram lá no quarto de qualquer jeito. Não tá organizado, 12não tá na gaveta. Ou senão soca tudo dentro do armário, bagunça o 13armário que eu arrumei...aí eu tenho que arrumar tudo.T1

No recorte enunciativo acima (QUADRO VII, GRÁFICO 7), os acentos apreciativos das palavras “frustração”(linha 1) e “frustrante”(linha 7) acentuada pelo advérbio “beemm” (linha 7), nos revelam o estado de ânimo da trabalhadora T1 em relação ao trabalho difícil que é organizar a casa enquanto três pessoas (marido e duas filhas), além de não ajudarem nas tarefas, ainda bagunçam aquilo que foi arrumado. Esse duplo trabalho de limpar e organizar parece exigir mais da trabalhadora em questão. Ao confrontar-se consigo, ela também compara o seu trabalho ao de uma trabalhadora doméstica remunerada (a faxineira), a qual, segundo ela, apenas limpa, não organiza. Há nesse excerto enunciado por T1, uma tentativa de valorização de um trabalho que a sua própria família não vê, o que a deixa, de certa forma, frustrada. O recorte enunciativo acima também permite-nos entrever a consciência que ela tem sobre o fato de que a sua família (maridos e filhas) não a ajudam a realizar o trabalho doméstico não remunerado, quando afirma: “eu acho se todo mundo colocasse tudo no lugar, limpar pra mim era o de menos”(linhas 8-7, quadro VII, gráfico 6).

Os adjetivos “alegre” e “feliz” (linhas 2, 3 e 5, QUADRO VIII, GRÁFICO 7), e “boa”(linha 4), enunciados pela trabalhadora T1, contrastam com adjetivos “estressada”(linha 7), “cansada”(linha 7) e “desagradável” (linha 8, quadro VIII, gráfico 6). Tais acentos apreciativos revelam que a “felicidade” dessa trabalhadora (T1) reside na organização enquanto que o estresse e o cansaço se encontram na desorganização. Deixar de fazer o trabalho doméstico não remunerado, ainda que este seja muito frustrante e cumulativo, em alguns momentos, conforme o enunciado: “então eu faço as duas partes aí é beemm frustrante pra mim, guardar tudo antes de limpar, que eu acho se todo mundo colocasse tudo no lugar, limpar pra mim era o de menos” (linhas 7-8, QUADRO VII, GRÁFICO 7) deixaria a trabalhadora T1 em um estado de ânimo negativo porque ela não consegue lidar com a “bagunça”, a qual a deixa “estressada” e “cansada” (linhas 7-8, QUADRO VIII, GRÁFICO 7, abaixo).

QUADRO VIII - GRÁFICO 7

1Mas depois que eu vejo tudo organizadinho. Os ursinhos, a caminha
2limpinha, eu fico muito feliz, é uma sensação muito boa, de ver tudo
3organizadinho, tudo bonitinho. Tudo arrumado, do jeito que eu queria
4que ficasse todos os dias. Essa é uma parte muito boa. Ai, que eu
5consigo respirar alegre, feliz com tudo organizadinho. Porque eu 6tenho
também um problema muito sério, eu não consigo ficar no 7meio da
bagunça. É. E me deixa também estressada, cansada, com 8um ambiente
desagradável.T1

Os três excertos enunciativos das trabalhadoras T1, T2 e T3, abaixo, nos permitem visualizar a reflexão que elas fazem a partir da auto confrontação simples. A trabalhadora T3 percebe-se “atrapalhada” (linha 1, QUADRO IX, GRÁFICO 7, abaixo), ou seja, para ela o tempo não está sendo bem aproveitado porque ela não faz a faxina de forma organizada. A seu ver, ela precisa planejar melhor e assim agir de maneira mais eficiente (cf. linhas 4 e 5, quadro IX, gráfico 6 abaixo).

QUADRO IX – GRÁFICO 7

1Não é atrapalhada no sentido da palavra. Mas com o tempo, né? Acho 2que
eu podia remir mais o tempo assim organizando melhor algumas 3coisas e
tal. Não me dispersando algumas vezes que às vezes eu paro 4e faço outra
coisa. E esqueço algumas coisas. Acho que eu poderia 5planejar de forma
que é diminuísse aí o tempo e fosse mais eficaz. Mais 6eficiente.T3

A dimensão axiológica das palavras “acostumada” (linha 1, QUADRO X, GRÁFICO 7), “chateada” (linha 4, QUADRO X, GRÁFICO 7) revelam os estados de ânimo de T1 e permitem-nos concluir que ela faz o trabalho doméstico por obrigação. Essa é a resposta que a trabalhadora T1 dá à palavra do outro (sociedade/família) que delega à mulher a função de fazer o trabalho doméstico. Para ela (T1), o trabalho doméstico precisa ser feito, não há como escapar, então é melhor “fazer logo para ficar livre” (linhas 2-3, QUADRO X, GRÁFICO 7). Além disso, ainda podemos afirmar, a partir das palavras dessa trabalhadora (T1), que esse trabalho é algo que representa um fardo. Isso pode ser evidenciado através das palavras “*mas é muita coisa*” (linhas 5 e 6, quadro X, gráfico 6), e do enunciado “é muito pesado” (linhas 5 e 6, quadro X, gráfico 6). Ao analisar a atividade que realiza, T1 questiona-se: “*como é que eu consigo dar conta disso tudo*” (linha 6, QUADRO X,

GRÁFICO 7), como se não acreditasse naquilo que realiza ou como se tivesse, a partir da auto confrontação simples, tomado consciência da quantidade de trabalho que realiza.

QUADRO X – GRÁFICO 7

1Achei assim, olhando, porque eu faço, eu já estou acostumada a fazer,
2como eu já disse, eu prefiro fazer pra poder ficar livre, se tem que fazer,
3vamos logo fazer logo. Vamos terminar isso tudo, pra não ficar 4pensando e
não ficar cada dia mais chateada. Essas coisas. Mas é 5muita coisa. Eu
achei muito pesado. E olhando assim, poxa, como é 6que eu consigo dar
conta disso tudo. Muito pesado.T1

O recorte enunciativo de T2, nos permite observar que, após a auto confrontação simples, essa trabalhadora decidiu que era o momento de se aposentar do trabalho remunerado para organizar melhor a casa e também para se cuidar. O excerto faz referência à palavra “acontecimentos”(linha 1, QUADRO XI, GRÁFICO 7), mas não é possível perceber, no decorrer do texto, a que “acontecimentos” ela se refere, possivelmente ela(T2) se referisse a fatos que ocorreram no trabalho remunerado. Isso nos deixa entrever a consciência que o auto vídeo trouxe a essa trabalhadora a partir da auto confrontação simples, uma vez que ela inclui o vídeo(*inclusive do vídeo*, linha 1) como ponto de partida para a decisão de aposentar-se “já está na época da aposentadoria, eu vou partir pra aposentadoria”(linha 2, QUADRO XI, GRÁFICO 7)

QUADRO XI – GRÁFICO 7

1Mas depois de alguns acontecimentos, inclusive do vídeo, eu vejo que 2eu
tenho que fazer opção e como já está na época da aposentadoria, 3é, eu vou
partir pra aposentadoria, pra poder cuidar da casa e cuidar 4de mim. Que eu
acho que era uma das coisas que eu não tava fazendo, 5era cuidar de
mim.T2

Os discursos produzidos pelas trabalhadoras domésticas, a partir da auto confrontação simples, levaram-nos a concluir, com Bakhtin (2000), que o homem, ao olhar-se no espelho, se vê como os outros o veem, uma vez que o que ele vê, no espelho, não é a si mesmo, mas um reflexo. Para esse homem é impossível ver-se no todo do seu exterior, uma vez que ele projeta, no próprio corpo, e nos próprios olhos que o miram, uma imagem, segundo os critérios estabelecidos no mundo de quem contempla o reflexo. Portanto, olhar-se no espelho é ver-se a si mesmo, ou a

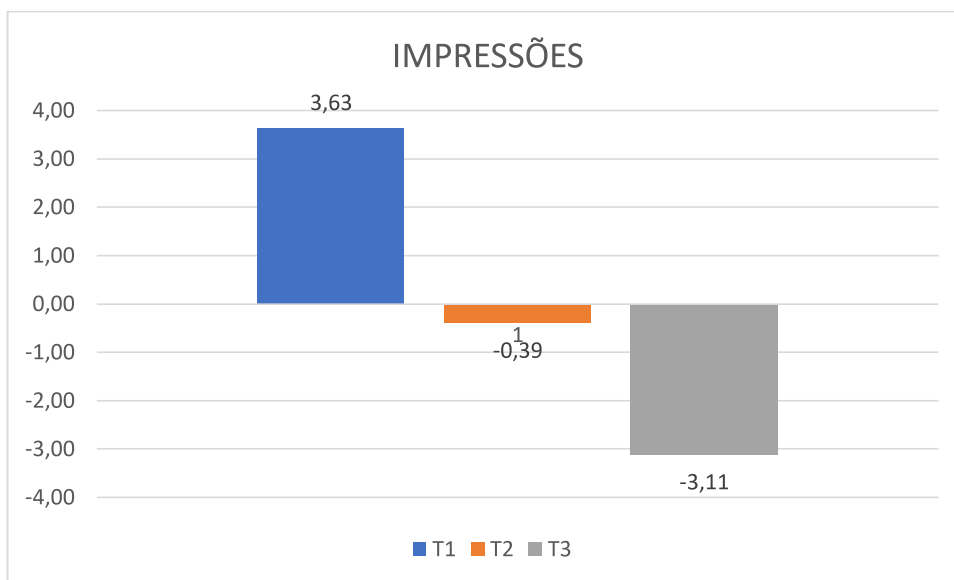
seu reflexo, com os olhos dos outros. No contexto de nossa pesquisa, as trabalhadoras ao se autocontemplarem viram a dimensão e a relevância da sua atividade de trabalho não remunerado para si e para os outros.

5.7 O OUTRO-PARA-SI DA TRABALHADORA DOMÉSTICA NÃO REMUNERADA

A auto confrontação cruzada é, de acordo com Vieira e Faïta (2003), um método que permite a observação dos participantes em relação à atividade de trabalho que possibilita mobilizar enunciados acerca da atividade realizada.

Para Faïta e Vieira (2003), a auto confrontação cruzada é um procedimento que permite captar as relações dialógicas que se encontram na fronteira entre o discurso e a atividade. É preciso, de acordo com esses estudiosos da área do trabalho & linguagem (FAÏTA; VIEIRA), que o diálogo não seja apenas descrito como uma troca verbal. Sendo assim, faz-se necessário que o pesquisador se situe nesse universo de trocas linguageiras, oriundas desses movimentos de idas e vindas entre o *horizonte imediato* (BAKHTIN; (VOLOSHINOV), 2004, p. 129) dos contempladores e o *horizonte social* no qual estão inseridos.

Neste trabalho de pesquisa, as participantes assistiram aos auto vídeos umas das outras. T1 observou o auto vídeo de T2; T2 e T3 observaram o auto vídeo de T1. A auto confrontação cruzada contou com o apoio da pesquisadora, a qual, no momento em que as trabalhadoras assistiam aos vídeos, conduzia as perguntas ao mesmo tempo em que gravava os discursos produzidos por cada uma no momento da confrontação. Todo esse *corpus* linguístico, oriundo desses discursos, foi gravado, transcrito e recenseado pelo método Camlong (1996) e depois lematizado para análise, a fim de que pudéssemos compreender a dimensão alteritária presente nessa atividade. Para Bakhtin(2000, p.290) a compreensão de enunciados é uma atitude *responsiva ativa* e é sempre preche de resposta. Sendo assim, a auto confrontação cruzada permitiu, a essas trabalhadoras, ao se auto confrontarem e se auto analisarem, em relação ao trabalho que cada uma fazia, que compreendessem o universo uma das outras.

Gráfico 8 – Impressões

Fonte: A Autora, 2019.

Tabela 9 - Planilha de lematização (Tema: Impressões)

IMPRESSÕES	TOTAL	T1	T2	T3
Roupa	6	6		
Sinto	5	5		
Idade	4	4		
Cato	3	3		
Notei	3	3		
Cansa	2	2		
Consolo	2	2		
Prazeroso	2	2		
Reparei	1	1		
Serviço	7	5		
Dinâmica	2	2		
Mentira	1	1		
Percepção	1	1		
Tarefas	2	1	1	
Termina	2	1		
Rotina	13	3		10
Prazerosa	2		1	
Família	7		7	
Responsável	4		4	
Responsabilidade	2		2	

Marido	15	4	11	
Machismo	3		3	
Postura	1		1	
Revoltante	1		1	
Submete	1		1	
Cultural	2		2	
Trabalho	10	2		8
Mulher	9		8	1

Fonte: a Autora, 2019.

Analisando quantitativamente o Gráfico 8, podemos observar, numa primeira leitura, a arquitetura discursiva acerca da temática *Impressões*, resultante da auto confrontação cruzada, a qual pode ser visualizada a partir dos pesos lexicais atribuídos a cada uma das variáveis. No Gráfico 8 supracitado (gráfico 7), encontram-se as três variáveis dispostas em colunas sequenciais. T1 (+3,63) encontra-se inserida num vocabulário de tendência altamente positiva, enquanto T2(-0,39) e T3(-3,11) inserem-se no vocabulário fundamentalmente básico de tendência negativa, que dá suporte à estrutura do discurso diferencial, ou seja, aquele que é objeto de rejeição por parte da trabalhadora doméstica, cujo peso lexical situa-se no intervalo (-1 + 1).

A seguir, descreveremos alguns dos principais itens lexicais que foram lematizados em relação a cada uma das variáveis. Em relação à primeira variável, T1(+3,63) de tendência positiva, temos os seguintes vocábulos: *dinâmica, serviço, prazeroso e rotina*. Em T2(-0,39), elencamos os seguintes vocábulos: *família, marido, responsabilidade, machismo e cultural*. Em T3(-3,11), os vocábulos foram: *trabalho, rotina e mulher* (TABELA 2).

A trabalhadora T1, ao auto confrontar-se com o auto vídeo de T2, faz considerações a respeito da sua rotina, acentuando o adjetivo *dinâmica* ao referir-se à trabalhadora T2, considerando o fato de que ela, apesar da idade, ainda consegue conciliar os dois trabalhos: o remunerado e o não remunerado (cf. linhas 4,5, QUADRO I, GRÁFICO 8, abaixo).

QUADRO I – GRÁFICO 8

1Ao ver o vídeo, eu pude perceber a idade dela. Perceber a realidade
2dela. E assim, logo no início reparei que ela é uma pessoa com um
3pouco mais idade que eu. Que é uma rotina realmente diferente. 4E...ela
faz muita coisa. O que me chamou atenção é que ela trabalha 5até hoje
fora e ela é bem dinâmica. Achei dinâmica.T1

A trabalhadora T1, no momento da auto confrontação cruzada com a trabalhadora T2, identifica-se com ela e sente pena porque T2 tem muitas tarefas para realizar: “Que ela lavou roupa o dia inteiro. Eu acho muito frustrante, porque eu sinto pena dela.” (linhas 7,8, QUADRO II, GRÁFICO 8). No excerto acima, o adjetivo “frustrante”, enunciado por T1, revela a forma como ela vê o trabalho doméstico não remunerado, ou seja, é “frustrante” porque é um serviço que não acaba nunca. É um serviço “que cansa a gente”(linha 11, QUADRO II, GRÁFICO 8).

QUADRO II – GRÁFICO 8

1Mas assim que ela faz o serviço e tem a rotina diária dela normal. 2Volta,
continua com o trabalho doméstico dela, normal em casa. Notei 3também
que muitas vezes ela parou o que ela estava fazendo, por 4algum momento
em que houve a falta de água. Então ela soube se 5reorganizar dentro da
tarefa do lar que ela tem, juntamente com a 6tarefa dela da universidade.
Que ela lavou roupa o dia inteiro. Eu 7acho muito frustrante porque eu sinto
pena dela. Porque ela sai e faz 8as coisas fora. Aí ela volta continuando
aquela mesma rotina de um 9serviço que nunca termina. É um serviço que
ele começa hoje, 10amanhã tem que fazer de novo. Lava a roupa, a roupa
suja, você 11lava de novo. E que cansa a gente. Esse serviço cansa.T1

No cruzamento entre os discursos das trabalhadoras T1 e T2 é perceptível que T1 observa T2 a partir do seu horizonte social. A trabalhadora T1 não gosta de fazer o trabalho doméstico, o faz por obrigação e, assim, diz é “*um serviço que cansa a gente*” (linha 11). Ao confrontar os discursos, pode-se perceber que a trabalhadora T2, por sua vez, contrariando a impressão que T1 tem dela, gosta de fazer o trabalho, apesar de achar pesada a responsabilidade de fazê-lo. “*Isso me fez mostrar que juntar a casa e o trabalho é muito pesado. Embora eu goste dos dois*”(T2). O sentimento de pena da trabalhadora T1, em relação à trabalhadora T2, no momento da auto confrontação, representa o ato ético da trabalhadora T1, a qual,

a partir do excedente de sua visão, expressa a sua posição valorativa, em relação ao que observa nos auto vídeos da trabalhadora T2 (BAKHTIN, 2000).

QUADRO III - GRÁFICO 8

1Uma coisa é igual a ela chegar e corrigir as tarefas que ela tem que
2corrigir, uma coisa que dá mais prazer pra ela. Tanto que ela voltou a
3lecionar porque é uma coisa prazerosa o trabalho que a gente faz
4enquanto professor. Que ela é da mesma área que eu, então acredito
5que ela sinta a mesma coisa que eu. E o serviço de casa não é
6prazeroso. Que lavar prato não é prazeroso. Quem falar que tem 7prazer
em lavar prato e arrumar casa é mentira. Que eu não sinto 8prazer nenhum
em fazer essas coisas. T1

A trabalhadora T1 também identifica-se com a trabalhadora T2, uma vez que as duas têm a mesma profissão. T1 é professora do ensino básico, enquanto T2 é professora do ensino superior. No momento em que T2 gravou sua rotina, uma das tarefas que realizava era a de corrigir as provas dos alunos. Tarefa que, segundo T1, dá prazer à trabalhadora T2. A trabalhadora T1 considera a sua profissão como um trabalho do qual se agrada muito, diferente do trabalho doméstico que é mais estressante. Isso se evidencia no seguinte excerto discursivo de T1: *No meu trabalho são quatro horas direto, mesmo assim, contando o que eu trago pra casa, que eu trago todo dia coisa pra fazer, o tempo é bem menor e menos estressante porque é uma coisa que me agrada muito mais do que ficar arrumando casa e fazendo faxina...(T1).*

O trabalho remunerado é *uma coisa prazerosa* (linha 3, QUADRO III) para a trabalhadora T1, ao passo que o trabalho doméstico não é *“prazeroso”*(linhas 6, QUADRO III). Ela reafirma o que disse anteriormente quando enuncia que quem disser que o trabalho doméstico é prazeroso, está mentindo (T1, linha 7, QUADRO III). O acento apreciativo da palavra “prazeroso” é ressaltado pelas palavras “prazer”(linhas 7 e 8).

A trabalhadora T1 segue seus comentários fazendo comparações em relação aos dois trabalhos: remunerado e não remunerado, para analisar a situação de trabalho da trabalhadora T2 e, dessa maneira, reforça a ideia do prazer relacionado ao trabalho remunerado, quando diz que a trabalhadora T2 considera o trabalho tão prazeroso que voltou a lecionar (linha 2, QUADRO III, GRÁFICO 8). Na verdade, a trabalhadora T2 não voltou a lecionar, ela continua lecionando ainda, apesar de já

ter 71 anos. Ainda assim, T1 consegue perceber, ainda que T2 não fale em seu auto vídeo, a paixão que ela (T2) tem pela profissão, a qual pode ser confirmada através do seguinte excerto discursivo, extraído da auto confrontação simples de T2: “O trabalho pra mim sempre foi muito gratificante por isso trabalho até hoje porque eu não estava querendo me aposentar”(T2). O diálogo que se dá na fronteira dos discursos enunciados pelas trabalhadoras T1 e T2, no momento da auto confrontação cruzada, permitem-nos afirmar que o conhecimento que temos do outro é condicionado pelo lugar que nós, como indivíduos singulares, ocupamos no mundo no qual todos os outros se situam *fora de nós* (BAKHTIN, 2000).

QUADRO IV – GRÁFICO 8

1O que eu vi é que o machismo continua existindo e a gente se 2acomodou a ele. Porque ela faz o serviço da casa pelo que eu vi de 3forma prazerosa, mas nem sentar com a família pra comer, ela 4sentou. Ela foi fazer outra atividade enquanto servia os senhores, que 5são as duas filhas e o marido. Essa pra mim é uma postura que não 6é correta. Uma família é uma família e tem que trabalhar unida. Cada 7um fazendo sua parte. É pequena a parte que as crianças podem 8fazer, é, mas têm que fazer. Ficou tudo sob a responsabilidade dela, 9e o marido foi pra piscina enquanto ela trabalhava. Poderiam ser 10divididas todas as tarefas e quando terminassem, todos iriam pra 11piscina junto. Não é justo tratar a mulher desse jeito. T2

No momento em que T1 gravou o seu auto vídeo, ela fazia a faxina enquanto as crianças e o marido tomavam banho de piscina. A trabalhadora T2, ao ser confrontada com o vídeo de T1, analisou as atitudes de ambos e considerou que o fato de ela fazer o serviço sozinha, enquanto a sua família, principalmente seu *marido*, se divertia na piscina, era uma atitude de machismo (linha 1). Para a trabalhadora T2, a trabalhadora T1 sofreu uma injustiça por parte de sua família, uma vez que ela (T1) não teve direito de sentar com eles para almoçar. O acento apreciativo dado à palavra “senhores”, enunciada por T2 (linha 4, QUADRO IV, GRÁFICO 8), revelam que a trabalhadora T2 considera uma escravidão a situação vivida pela trabalhadora T1, a qual ficou na senzala (o apartamento) fazendo faxina, enquanto que o marido foi à piscina (a casa grande) com as crianças.

Os acentos apreciativos da trabalhadora T2, relacionados ao tema “machismo”, encontram eco no discurso de Ávila (2007), a qual sugere que o trabalho doméstico não remunerado está relacionado à divisão sexual do trabalho e,

dessa maneira, assegura, culturalmente, o poder dos homens sobre as mulheres. A autora (ÁVILA, 2007) enfatiza que a sobrecarga das mulheres justifica-se, em grande parte, pela ausência de seus companheiros nas atividades domésticas. Embora tenha havido mudanças no comportamento masculino, os homens dedicam-se àquilo que sobra para ser feito ou àquilo que eles gostam de fazer, ou seja, fazem aquilo que pode ser chamado de “ajuda”, o que denota uma benevolência e não uma responsabilidade compartilhada.

No momento da auto confrontação com a atividade da trabalhadora T1, a trabalhadora T2, em seu ato ético, propõe que a família faça as tarefas de forma solidária para que, ao final, juntos, todos possam divertir-se (linhas 9,10 e 11, QUADRO IV, GRÁFICO 8). Ainda em relação à questão de diversão em família, a trabalhadora T1, no momento da auto confrontação simples, ao ser questionada pela pesquisadora acerca da atividade na piscina que sua família realizava enquanto ela faxinava a casa, num dia de sábado, a trabalhadora T1 respondeu o seguinte:

QUADRO V – GRÁFICO 8

1Porque foi assim na hora que eu filmei, eu achei que tinha pegado a
2piscina porque tava super divertido lá, tinha muita gente, muita gente
3assim do prédio, tava muito agradável. E aí quando escutei aquela
4barulhada que eu olhei, aí eu vi a farra. E daí eu falei, gente, mas, gente,
5mas é um abuso, né? Eu aqui fazendo essa faxina toda e eles lá 6tomando
um solzinho, e divertindo, pulando, brincando na água, que 7dava pra escutar
daqui de cima. Não. Esse foi engraçado, foi 8engraçado. Não que eu
ficasse., também porque eu não gosto de ver 9eles aqui dentro quando eu tô
limpando porque aí demora mais. Porque 10aí um anda, corre e vai e pega as
coisas, aí me atrapalha um 11pouquinho mais. Eu também desconcentro no
que eu estou fazendo. 12Mas assim, esse foi pra mim um momento divertido
de ver assim o 13contraste né, enquanto um trabalha, o outro se diverte, tipo
a história 14da cigarra e a formiga.

A compreensão ativo-responsiva de T1 e T2, em relação ao mesmo fato, são discordantes. Enquanto a trabalhadora T2 acha injusto que T1 não se divirta junto à família no final de semana porque precisa fazer o trabalho doméstico não remunerado, a trabalhadora T1, ao contrário, parece aceitar muito bem a situação, dizendo que acha até melhor que os membros de sua família estejam fora de casa no momento da limpeza para não atrapalhá-la (cf. linhas 8-11, QUADRO V). Apesar de T1 se contradizer quando diz ser “um abuso” (linha 5) o fato de eles(marido e

filhas) estarem se divertindo enquanto ela trabalha, no excerto *“Eu aqui fazendo essa faxina toda e eles lá tomando um solzinho, e divertindo, pulando, brincando na água, que dava pra escutar daqui de cima* (linhas 6-7, QUADRO V). A contradição, presente no discurso da trabalhadora T1 revela, por um lado, uma insatisfação em relação à situação e, por outro, a aceitação de que o trabalho da casa é responsabilidade dela. Portanto, eles não precisam tomar parte daquilo, e é melhor que saiam do espaço a fim de que ela possa realizar a atividade de forma mais produtiva.

QUADRO VI – GRÁFICO 8

1É cultural! Às vezes a criança não sabe nem abrir a geladeira. Mamãe 2traz isso, mamãe traz aquilo e a mãe leva. Então ela tá dando 3continuidade a uma coisa que já devia estar sendo minimizada a essa 4altura do campeonato porque ela trabalha. Se ela não trabalhasse 5fora, eu até entenderia. Porque também o marido só trabalhando, e 6ela sem fazer nada em casa, não seria justo pra com o marido, mas 7o marido trabalha, não sei a atividade dele, mas dar aula não é uma 8coisa fácil. É cansativo, muito cansativo, porque você lida com 9crianças, com adolescente ou jovens e aquilo lhe desgasta muito. 10Quando você chega em casa ainda tem mais tarefa pra fazer, então, 11acho extremamente injusto a forma como a família está sendo 12construída com essa ideologia, com essa filosofia, que a mulher é a 13responsável pela manutenção da casa e da família. Eu acho que ela 14tenta, mas nem consegue manter a casa organizada. Porque falta 15tempo. Falta tempo e falta empenho dos outros três elementos da 16família pra manter a casa em ordem. E o marido poderia, nesse 17momento, tá dizendo: -fulaninha, forre sua cama. Mesmo que a 18cama ficasse mal forrada. Tire esse boneco daí. A casa não 19precisava tá tão desarrumada no final de semana, se as coisas, tirou 20esse boneco daí, ponha. Tirou esse travesseiro daí, ponha. Quando 21terminar de brincar, clean up, faça uma limpeza. A casa se manteria 22em ordem e no final de semana ela não seria escrava da limpeza e 23da comida. A comida eu até imagino que tem homens que não são 24jeitosos pra cozinhar. Ela ainda tem que fazer a comida pra semana 25inteira. Então assim, são duas coisas: ela é cozinheira e faxineira no 26sábado. A minha impressão é que ela não tem essa revolta que eu 27tenho. Pelo menos não deixou transparecer. Que ela tá feliz, 28exercendo esse papel, contanto que fique tudo direitinho, ela faz 29tudo direitinho. Ela não tem esse sentimento de dividir. Talvez um 30dia vá ter como foi o meu caso, né? Então, ela tá feliz! Tá feliz 31fazendo aquilo. Embora se cansando. Agora, é justo? A meu ver não 32é justo! Ela poderia ser mais feliz ainda se sentisse que ela não tem 33dupla jornada. A de fora de casa e a de dentro de casa. Porque o 34marido só tem a de fora de casa e depois aproveitar um pouco as 35filhas, passeando com as filhas, indo na piscina, brincando com as 36filhas. E como eu disse, tem que sentar pra fazer a refeição com a 37família. Não tem condições porque tinha que terminar a faxina, 38deixar a casa toda limpa porque só tinha aquele dia.T2

Prosseguindo em sua análise, a trabalhadora T2 avalia, através dos acentos apreciativos das palavras “cultural”(linha 1), “ideologia” e “filosofia” (linha 12), que o

trabalho doméstico ainda costuma ser a responsabilidade unicamente da mulher, ainda que ela faça também o trabalho remunerado. Dando continuidade, a trabalhadora T2 segue criticando a forma como as mães, de modo geral, educam as suas crianças, denunciando que elas, culturalmente, não delegam às crianças a tarefa de auxiliar nas atividades domésticas (QUADRO V, GRÁFICO 8, linhas 1 e 2). Para ela (T2), tais atitudes reverberam no excesso de atividades que a trabalhadora T1, por exemplo, tem aos finais de semana porque não conta com a ajuda dos outros membros da família (filhos/maridos), ficando, portanto, sozinha com toda a responsabilidade e o peso inerentes ao trabalho doméstico não remunerado. (cf. linhas 15-16, QUADRO V, GRÁFICO 8).

Para a trabalhadora T2, a divisão sexual do trabalho já devia ter sido minimizada. No entanto, ao se confrontar com as palavras e as ações da trabalhadora T1, percebe-se que ela (T1) dá continuidade a esse estado de coisas. Dessa forma, a trabalhadora T2 empatiza com T1 e considera que fazer todo o trabalho doméstico não remunerado sozinha é algo “injusto”.(linha 11, GRÁFICO 8), criticando a atitude do marido e das filhas da trabalhadora T1 ao dizer que falta, a eles, um maior empenho na organização da casa e na divisão das tarefas domésticas (linhas 15-16). O sentimento de injustiça da trabalhadora T2 advém do fato da trabalhadora T1, depois de uma jornada cansativa de trabalho remunerado, chegar em casa e ainda ter mais tarefa para fazer, o que caracteriza uma dupla jornada. (cf. linha 9, QUADRO VII, GRÁFICO 8). Além disso, há, nesse excerto, tons valorativos expressos na repetição da palavra “cansativo”, acentuada pelo advérbio “muito” (linha 8) que nos permitem entrever uma identificação entre as trabalhadoras T1 e T2, uma vez que ambas conhecem a realidade da profissão em que atuam. De acordo com a trabalhadora T2, independente da faixa etária dos alunos, a profissão de ensinar desgasta o profissional que a realiza.(cf. linhas 8-9, QUADRO VI, GRÁFICO 8).

A trabalhadora T2 permanece no tema injustiça e, através dos acentos apreciativos das palavras “impressão”(linha 26), “feliz”(linha 27), “dividir”(linha 29), tece as suas impressões acerca da aceitação de T1 em relação a não divisão de tarefas dentro do espaço privado do lar : *“A minha impressão é que ela não tem essa revolta que eu tenho. Pelo menos não deixou transparecer. Que ela tá feliz, exercendo esse papel, contanto que fique tudo direitinho, ela faz tudo direitinho. Ela*

não tem esse sentimento de dividir.”(T2, linhas 26,28). A trabalhadora T2, ainda no processo de empatia com a trabalhadora T1, confessa a sua revolta em relação à jornada tripla que T1 tem que empreender para cuidar de sua família enquanto o marido só tem o trabalho remunerado, o que possibilita, a ele, além do privilégio de ter todas as suas necessidades básicas atendidas, poder desfrutar da companhia das suas filhas durante o almoço, enquanto que ela(T1) não teve tempo sequer de sentar-se à mesa com eles(linhas 33 a 38, QUADRO VI).

A trabalhadora T2, em seu momento de empatia com a realidade de T1, sai de si mesma, da sua individualidade, para contemplar a realidade daquilo que vê e depois volta a si mesma e, a partir da sua experiência, daquilo que ela já viveu, da sua experiência, ela(T2) a ressignifica. De todas as trabalhadoras participantes de nossa pesquisa, a trabalhadora T2 foi a única, dentre as três participantes, que mencionou o tema *machismo*, fazendo uma crítica à divisão de tarefas que são praticadas no espaço privativo do lar. As outras duas participantes, apesar de contarem com a ajuda do marido em algumas atividades, não manifestaram nenhuma insatisfação ou crítica em relação ao tema.

QUADRO VII – GRÁFICO 8

1Realmente a rotina dela é pesada porque no final de semana ela não 2para. Ela já organiza no final de semana pra durante a semana. Então 3ela é guerreira. É bem pesada a rotina dela de trabalho. Tem que... 4Como eu já falei antes, ela tem a questão dos filhos. E ela também a 5questão da comida. Eu, aqui em casa, como a gente não janta durante 6a semana, então, não tenho, graças a Deus, essa preocupação de fazer 7comida pra semana. A gente só faz a comida pra o dia. Principalmente 8no domingo, né? sábado e domingo que a gente come em casa. Mas 9ela tem essa preocupação de cozinhar durante a semana pra deixar 10pras meninas. Realmente é pesada a rotina dela. Acumula. Acumula 11porque se ela não fizer no final de semana, ela deixar pra semana, 12durante a semana ela vai ter que fazer e vai se cansar. E aí acumula 13realmente. T3

A trabalhadora T3, ao confrontar-se com o auto vídeo da trabalhadora T1, considera que ela é uma mulher guerreira, pois tem uma rotina bem pesada de cuidar dos filhos, da casa e fazer comida durante a semana e no final de semana, momento em que deveria descansar(linhas 4,5 e 6, QUADRO VII). Concorde com o fato de T1 trabalhar no final de semana, caso contrário, terá uma semana acumulada de coisas para fazer. Ao comparar a sua rotina com a da trabalhadora

T1, a trabalhadora T3 demonstra alívio por não ter que cozinhar durante a semana, ao dizer: *“Eu, aqui em casa, como a gente não janta durante a semana, então, não tenho, graças a Deus, essa preocupação de fazer comida pra semana”* (linhas 5,6, QUADRO VII).

QUADRO VIII – GRÁFICO 8

1É, a gente, às vezes, vê que não é só a gente que está nesse barco 2aí. Outras pessoas têm outras rotinas mais pesadas que a nossa. E 3que um dia eu vou viver essa sensação também. Essa outra rotina de 4ser mãe. De cuidar dos filhos também. E eu só vejo a minha 5preparação ali, né? meu futuro. Está ali diante expresso. Como eu 6falei antes, acho que ela foi mais prática no trabalho, eu acho que 7porque quando se é mãe, tem que ter esse jogo de cintura assim. Ela 8já tinha que fazer o trabalho, tinha que fazer a comida, arrumar pra 9semana, tudo muito aquela coisa bem mais contínua assim e com 10mais carga, né, de trabalho. Então eu acho que quando a pessoa se 11torna mãe, tem um malabarismo dela essa questão assim, então de 12uma forma geral eu achei muito bom, conheço muitas mulheres que 13fazem a mesma coisa, fazem esse serviço também, vivi nesse 14ambiente com a minha mãe também. Trabalhava fora e cuidava da 15gente. Tinha essa quase a mesma coisa, uma metodologia, a 16mesma rotina então é... é bom né, chocar as duas realidades e 17conhecer as duas, a realidade de outras pessoas também.T3

Neste outro excerto discursivo (QUADRO VIII, GRÁFICO 8) é perceptível a tomada de consciência de T3 em relação ao trabalho doméstico realizado por outra pessoa, no caso, a trabalhadora T1 (linhas 1, 2, 16 e 17, QUADRO VII). A trabalhadora T3 percebe que o trabalho doméstico é ainda mais difícil para a mulher que tem filhos porque isso torna a sua rotina muito mais pesada. E, em seu processo real de devir, num ato ético de contemplador da consciência viva, T3 contempla a realidade de T1 e avalia o seu trabalho como uma preparação para enfrentar a possibilidade de trabalho dobrado, junto com a maternidade (linhas 4-5, QUADRO VII). Além disso, a trabalhadora T3 elogia a performance da trabalhadora T1 ao ver o modo industrioso como ela realiza o trabalho e lida com as suas dramáticas, através do acento apreciativo da palavra “malabarismo” (linha 11, QUADRO VII). Enaltece o fato de as mulheres, diferentemente dos homens, conseguirem dar conta da jornada dupla, de uma forma “genial” (linhas 4-5, QUADRO VIII, GRÁFICO 8).

QUADRO VIII – GRÁFICO 8

1Que a gente tem essa questão de fazer tudo muito ao mesmo tempo 2né? Cuidar de muitas coisas ao mesmo tempo, a gente tem essa 3capacidade de conseguir focar em várias coisas ao mesmo tempo. Não 4que o homem não possa, com certeza, pode. Mas eu acho que a 5facilidade que nós mulheres temos de fazer isso é genial, é grande. 6Então é, isso é uma rotina de muitas mulheres, que trabalham fora, 7trabalham em casa, têm a rotina de duplicada, triplicada também com 8os filhos e é isso aí. T3

A trabalhadora T1, ao se auto confrontar com o auto vídeo da trabalhadora T2, como se olhasse num espelho, percebe que não é a única que vive a realidade do trabalho doméstico não remunerado. Os acentos apreciativos da palavra “única” nos trazem a dimensão das impressão que essa trabalhadora tem a respeito das dramáticas de si que a outra realiza(T2), no momento em que concilia a jornada dupla do trabalho doméstico não remunerado e do trabalho remunerado, ao enunciar “que faz na hora que dá tempo” (QUADRO IX, GRÁFICO 8, linha 2).

A trabalhadora T1, ao ser confrontada com a realidade de T2, percebe um momento que ela não vive ainda, uma situação em que poderá descansar mais, trabalhar menos, talvez tenha mais cooperação por parte das filhas ou até mesmo não as tenha mais em casa, o que traz a ela um “consolo” (QUADRO IX, linha 5). *“Mas que vai chegar um dia em que vai tá eu e meu marido, na situação dela. Que vai tá um pouquinho mais leve. Aí é um consolo. Dá pra assistir um filme na Netflix, né?”* (QUADRO IX, linhas 6-8). O ato ético de T1 demonstra, através de seus tons emocionais-volitivos, o devir do seu evento em processo, ela se projeta num futuro partindo do seu agora. A esse respeito Bakhtin (2000), afirma que a nossa posição exotópica, em relação à vida, oferece-nos o privilégio de ver o outro como um todo, num processo de enriquecimento do acontecimento da minha própria vida.

Prosseguindo em seu discurso, a trabalhadora T1 segue comparando as realidades em relação a forma como a trabalhadora T2 organiza a casa, dizendo: “na casa dela tava tudo ajeitadinho, não é como aqui em casa que eu cato brinquedo, cato roupa, cato tudo pelo chão”(linhas 9-10, QUADRO IX, GRÁFICO 8). Nesse sentido, é possível entrever que a trabalhadora T1 considera o seu trabalho

de organizar muito mais difícil do que o de T2, uma vez que precisa organizar os objetos que se encontram espalhados pela casa.

QUADRO IX – GRÁFICO 8

1Eu percebi que eu não sou a única. Não sou a única. Que tem seus
2afazeres de casa. Que faz na hora que dá tempo. E nos intervalos. 3Vejo
assim que hoje em dia eu estou nessa que ainda estou tenho 4criança
pequena, então pra mim é um pouco mais puxado. Que vai tá 5um pouco
mais leve porque aí é um consolo. Mas que vai chegar um 6dia em que vai
tá eu e meu marido, na situação dela. Que vai tá um 7pouquinho mais leve.
Aí é um consolo. Dá pra assistir um filme na 8netflix, né? Que eu gosto
muito também. E que na casa dela tava tudo 9bem ajeitadinho. Não é como
aqui em casa que eu cato brinquedo, 10cato roupa, cato tudo pelo chão. Pra
poder arrumar. Então ela 11assim, quando ela limpa, ela deve limpar, mas
que tudo faz parte 12das rotinas das pessoas, e da vida dela de acordo com
as idades, 13né? Tá tudo vivenciando, na etapa certa. T1-

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente estudo, consideramos o seguinte questionamento para darmos seguimento a nossa investigação acerca de um dado fenômeno: de que maneira as formas do trabalho doméstico não remunerado podem ser valoradas na escala de trabalho produtiva da sociedade e quais as implicações teórico-metodológicas e práticas dessa atividade? Postulamos, como uma possível hipótese, que o trabalho doméstico não remunerado não fosse valorado pelas pessoas que o realizam por ser considerado uma atividade que faz parte da cultura, da vida e da sobrevivência humana. Por isso mesmo não teria valor na escala produtiva da sociedade. Além de ser um trabalho considerado, pela sociedade, improdutivo, é delegado às mulheres as quais, ao exercer tal atividade, não têm a noção exata de seu impacto nas suas vidas e na vida dos outros.

Respaldados na teoria dialógica da linguagem e na abordagem ergológica, analisamos os discursos de três trabalhadoras, participantes de nossa pesquisa, que atuavam tanto no ambiente privado de seus lares, fazendo o trabalho doméstico não remunerado, como também no mercado de trabalho remunerado. Sendo assim, o nosso objetivo geral foi compreender na perspectiva filosófica do ato ético responsável e do acontecimento do ser, os sentidos e o valor atribuídos ao fenômeno trabalho doméstico não remunerado.

A partir do processamento quantitativo dos dados no programa Stablex, foi possível levantar temas, expressos nos discursos das trabalhadoras, nomeadas de T1, T2 e T3, os quais foram analisados quantiqualitativamente. Por conseguinte, os temas, expressos através dos acentos apreciativos e nos tons emocionais-volitivos dos discursos das trabalhadoras, foram surgindo no momento da aplicação do método dialógico-discursivo e possibilitaram recuperar as relações dialógicas existentes entre os discursos dessas trabalhadoras e o discurso do *outro* (família, sociedade).

O primeiro tema que surgiu das análises dos enunciados das trabalhadoras foi o tema *produtividade*, uma vez que buscávamos compreender se as trabalhadoras consideravam o trabalho doméstico um trabalho produtivo. Após uma análise quantiqualitativa dos discursos das trabalhadoras em relação a essa temática, foi possível concluir que elas relacionam a produtividade ao bem-estar da sua família. Além disso, têm uma atitude responsiva, aceitando, como verdade, o

fato de que é delas a obrigação de realizar o trabalho doméstico, mesmo estando inseridas no mercado de trabalho remunerado. Observou-se, pois, nos excertos enunciativos, uma contra resposta das trabalhadoras à palavra da sociedade patriarcal da qual fazem parte, e que define o que é trabalho de homem e o que é trabalho de mulher.

Buscamos ainda compreender o conceito de cuidado a partir da abordagem analítica do fenômeno que nos ocupou nessa pesquisa, que foi a noção heideggeriana do *cuidado* (HEIDEGGER, 2002), como um modo do ser-aí da vida fática cujo mundo lhe vem ao encontro, uma vez que o trabalho remunerado é um trabalho que envolve a dimensão do cuidado de si e cuidado dos outros.

As análises acerca da temática *cuidado*, permitiram-nos concluir que as trabalhadoras realizam o cuidado *impróprio* (solicitude), cujo fundamento do cuidar está ancorado na dimensão ética da atenção para com o outro. As trabalhadoras ocupam-se dos seus entes (filhas e marido) queridos para realizar diversas atividades domésticas relacionadas ao cuidado. Para Heidegger (2002), é no querer que se manifesta a totalidade do cuidado, na medida em que o ser-aí cuidado dirige-se ao querido. É, pois, no querer que o *Dasein* se movimenta na direção de uma ação. O cuidado que se deixa entrever nos discursos das trabalhadoras é o cuidado *autêntico*, aquele que é mobilizado pela angústia. Aqui a angústia e o cuidado exercem um papel importante para o vir-a-ser das trabalhadoras domésticas não remuneradas, que se veem interpeladas por elas mesmas na dimensão de sua responsabilidade pelo seu próprio cuidado. Retomamos, aqui, as ideias de Heidegger (2002), quando sugere que a angústia se constitui em modo *fundamental de ser-no-mundo*, exercendo um papel importante para o vir-a-ser do homem, em sua extrema possibilidade de ser mais própria, bem como para alcançar a “liberdade de assumir a si mesmo”. O cuidado (*Besorgen*), que é o cuidado do ser-aí com as coisas, também foi encontrado no discurso de apenas uma trabalhadora, quando se referiu ao cuidado das tarefas que envolvem a atividade do trabalho doméstico não remunerado.

Uma outra dimensão do trabalho doméstico não remunerado que investigamos deu origem à temática “tempo”, entendido aqui como o tempo para regulação econômica, o qual envolve o trabalho remunerado e o tempo gasto para a sua realização. E o tempo para reprodução social, o qual incorpora atividades de organização domiciliar, de lazer e de sono. Ambos os tempos são modificados pelas

mudanças econômicas, sociais e culturais. Analisamos como as trabalhadoras conciliavam a sua dupla jornada: trabalho remunerado e trabalho doméstico não remunerado. Os recortes enunciativos contidos nessa temática permitiram-nos concluir o seguinte: as nossas participantes (as trabalhadoras T1, T2 e T3) além de uma rotina de trabalho remunerado cansativa e, muitas vezes, quase inflexível, travam uma luta diária para conciliar as atividades e, assim, utilizar melhor o tempo. Os excertos discursivos em torno dessa temática também corroboram com o fato de que elas quase não têm tempo para descanso, uma vez que chegam do trabalho remunerado e começam o trabalho doméstico não remunerado. A rotina extenuante torna-se ainda mais pesada aos finais de semana, momento em que precisam organizar a casa para ter uma semana tranquila.

O tema *sobrevivência* também se fez presente nos discursos das participantes de nossa pesquisa, uma vez que o trabalho doméstico não remunerado está, de fato, relacionado à sobrevivência e à estabilidade da vida humana. Os discursos das trabalhadoras acerca dessa temática nos permitiram concluir que o trabalho doméstico, para elas, é um trabalho que tem valor, uma vez que é necessário para a sobrevivência da família, pois contribui para a saúde física e emocional de todos.

O tema *afazeres domésticos*, enunciado pelas trabalhadoras domésticas não remuneradas, trouxe-nos a dimensão do uso do corpo - si e do trabalho real, conceitos oriundos da ergologia (SCHWARTZ, 2011, 2014), os quais, como explicamos no item 3.5, no capítulo 3, referem-se ao trabalho como atividade industriosa do uso de si e repercutem na forma subjetiva como realizamos o trabalho. No contexto dessa temática, os recortes enunciativos nos permitiram concluir que a negociação do tempo é utilizada como uma estratégia fundamental, na vida destas trabalhadoras, para que possam dar conta de todas as atividades de trabalho remunerado e não remunerado. A consequência imediata parece ser a otimização desse tempo para conciliar suas duplas jornadas de trabalho (remunerado e não remunerado), organizando afazeres durante a semana e também nos finais de semana, para simplificarem suas rotinas. Conclui-se também que esta sobrecarga desgastante de um trabalho sem fim, que não lhes permite um descanso, uma folga, um lazer nos finais de semana, compromete a saúde física e emocional destas trabalhadoras.

Quanto ao tema *estados de ânimo*, este foi sendo desvelado nos discursos expressos pelas trabalhadoras na auto confrontação simples, na qual foram auto confrontadas pelas imagens feitas em seus próprios auto vídeos, momento em que fizeram considerações acerca do seu trabalho. Ainda guiados pelos conceitos da ergologia a saber: *uso do corpo si* e trabalho real e trabalho prescrito (SCHWARTZ, 2011, 2014), além dos conceitos de *exotopia* e *alteridade*, presentes na teoria bakhtiniana (BAKHTIN, 2000), analisamos os recortes enunciativos contidos nessa temática e assim pudemos concluir que: 1) ao se auto confrontarem, elas tomaram consciência da dimensão do trabalho que realizam para si e para suas famílias; 2) respondem à palavra do *outro* (sociedade, família, pesquisadora) e assumem o *deve-ser* quanto à responsabilidade de fazer o trabalho doméstico não remunerado, mesmo que seja por obrigação; 3) ao serem confrontadas com o trabalho que fazem, as trabalhadoras são conduzidas, por meio de suas próprias observações, a reorganizarem suas atividades, a fim de torná-las mais produtivas e, assim, aproveitarem melhor o tempo de que dispõem.

As auto confrontações cruzadas desvelaram a temática *impressões*. O instrumento metodológico da auto confrontação cruzada permitiu, às trabalhadoras, contemplarem as realidades das outras trabalhadoras e de estabelecerem comparações com suas próprias realidades. Esse momento único e irrepetível, marcado pelo acontecimento do ser, na vida de cada uma destas trabalhadoras, e pela dimensão alteritária do outro-para-si, permitiram-nos concluir que: 1) há um processo de empatia entre as trabalhadoras, principalmente da trabalhadora T2 em relação à trabalhadora T1. Esse confronto de realidades despertava, na trabalhadora T2, um sentimento de injustiça em relação à divisão desigual de tarefas o que, para ela, significa a perpetuação da ideologia que atribui à mulher, a responsabilidade de executar o trabalho doméstico não remunerado, ainda que se encontre inserida no mercado de trabalho remunerado; 2) a trabalhadora T3, em seu processo real de devir, num ato ético de contemplação, de uma consciência vivente, avalia o trabalho da trabalhadora T1, como uma preparação para enfrentar a possibilidade de um trabalho redobrado, junto com a maternidade; 3) a trabalhadora T1 avalia a situação e a etapa de vida na qual ela se encontra e se vê, num devir, como alguém que hoje trabalha mais porque tem filhos pequenos para cuidar, mas que, num futuro, haverá a possibilidade de mais descanso.

Os dados discursivos das trabalhadoras revelaram ainda que o trabalho remunerado tem uma grande importância em suas experiências de vida. É a partir dele que elas percebem suas possibilidades e limites para tomar decisões de forma autônoma para a vida cotidiana e, assim, vão forjando os seus caminhos e se organizando nos espaços da vida privada do lar e nos espaços da vida pública no qual se insere o trabalho remunerado.

Em relação à questão do tempo e da conciliação de ambos os trabalhos (o remunerado e o não remunerado), conclui-se que há uma tensão cotidiana gerada pela divisão das trabalhadoras entre o trabalho produtivo e o reprodutivo cujos resultados apontam para um desgaste do uso do corpo-de-si, cujos efeitos são a angústia, a preocupação, a ansiedade e o cansaço físico e mental. Os efeitos da sobrecarga, produzidos pela dupla jornada, ficam evidentes na realidade de todas as trabalhadoras que participaram de nossa pesquisa, revelando que: elas estão cuidando pouco de si, não têm direito a lazer, não têm direito ao descanso e nem podem usufruir de bens culturais. As mulheres veem-se como seres dotados de necessidades próprias e, apesar de terem consciência de que têm um cotidiano marcado pela exploração do trabalho, aceitam a exigência naturalizada do trabalho doméstico não remunerado, uma vez que o assumem como sua única responsabilidade.

O ato ético presente nos discursos das trabalhadoras domésticas não remuneradas também revela que elas não tinham consciência clara acerca da dimensão do conjunto de atividades que realizam e do quanto o bom desempenho do trabalho remunerado está na dependência do trabalho não remunerado, uma vez que os benefícios que o trabalho doméstico produz são essenciais para a sobrevivência e para a saúde emocional e física delas e da sua família.

A dimensão alteritária do *eu-para-si* e do *outro-para-mim*, presente nos discursos oriundos das auto confrontações proporcionou ainda, a essas trabalhadoras, uma real consciência da dimensão do trabalho que realizam, a importância que ele tem para suas famílias, bem como uma perspectiva de devir no acontecimento do ser de cada uma delas. A crítica à divisão sexual do trabalho também ficou evidenciada, ainda que de uma forma pouco expressiva.

No início desse trabalho de pesquisa, perguntamos: de que maneira as formas de trabalho doméstico não remunerado podem ser valoradas na escala de

trabalho produtiva da sociedade e quais as implicações teórico-metodológicas e práticas dessa atividade?”

A partir dos resultados de nossa pesquisa, podemos concluir que, embora os padrões de desigualdade entre homens e mulheres, em relação ao trabalho doméstico, fiquem claros e evidenciados nos discursos bem como na cotidianidade dessas trabalhadoras, seria necessário, a partir das evidências encontradas, que as mulheres, de modo geral, tomassem consciência da importância deste trabalho para elas e suas famílias, e, no ambiente privado de seus lares, aspirem uma divisão igualitária do trabalho doméstico. Dessa maneira, possam negociar a repartição das tarefas domésticas com os seus parceiros. Só assim, elas poderão ter uma jornada menor de trabalho, poderão se cuidar mais, estudar mais e se inserirem de forma mais justa e igualitária no mercado de trabalho remunerado. Para tornar ainda mais igualitária a jornada de trabalho dessas trabalhadoras domésticas não remuneradas, seria necessário que o poder público oferecesse serviços de creche e escolas integral para aquelas que têm filhos menores de 15 anos.

Além disso, os estudos econômicos evidenciam que o trabalho doméstico não remunerado, além de ser importante para os trabalhos considerados produtivos na escala econômica, contribui para o aumento do PIB e, por isso mesmo, deveria sair da invisibilidade na qual se encontra desde as suas origens até hoje. Isso, de certa forma, contribuiria para o reconhecimento desse trabalho e, até quem sabe, para a aposentadoria das pessoas que o realizam.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, R.; BOEIRA, N. O cuidado na primeira seção de ser e tempo. **Existência e Arte**: Revista Eletrônica do Grupo PET, São João Del-Rei, ano.4, n. 4, jan./dez. 2008. Disponível em: <<http://www.ufsj.edu.br>>. Acesso em: 27 jan. 2018.
- AMORIM, M. O **pesquisador e seu outro**: Bakhtin nas ciências humanas. São Paulo: Musa editora, 2004.
- ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Tradução de Roberto Raposo. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- ÁVILA, M. B. Notas sobre o trabalho doméstico. In: LIMA, Maria Edinalva Bezerra et al (Org.). **Transformando a relação trabalho e cidadania**. São Paulo: CUT Brasil, 2007. Disponível em: <<https://www.researchgate.net>>. Acesso em: 3 set 2009
- AVILA, M. B.; FERREIRA, V. Trabalho produtivo e reprodutivo no cotidiano das mulheres brasileiras In: TRABALHO remunerado e trabalho doméstico no cotidiano das mulheres. Recife: SOS Corpo, 2014.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2000. Título original: Estetika Sloviéssnova Tvórtchestva.
- _____. **Hacia uma filosofia de acto ético. De los borradores y otros escritos**. Trad. del ruso de Tatiana Bubnova. San Juan: Universidad de Puerto Rico, 1997a
- _____. **Para uma filosofia do ato responsável**. Tradução de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.
- _____. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Trad. de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997b.
- _____. Metodologia das ciências humanas. In: _____. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003
- _____. **Questões de literatura e estética**: a teoria do romance. Tradução de Aurora Fornoni Bernadini et al. 7. ed. São Paulo: Hucitec, 2014
- _____; (VOLOSHINOV, V). **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2004.
- BASTOS, L. C. Construção e reconstrução de identidade em interações de trabalho. In: SOUZA-E-SILVA, M. C. P.; FAITA, D. **Linguagem e trabalho**. São Paulo: Cortez, 2002. p 159-171.
- BECKER, G., **A Treatise on the family (enlarged edition)**. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1991.
- BERTORELLO, A. Bajtín: acontecimiento y lenguaje. **Revista Signa 18**, [s. l.], p. 131-157, 2009.

BRAIT, B. Análise e teoria do discurso. In: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin: outros conceitos chaves**. São Paulo: Contexto:2005.

_____. Perspectiva dialógica, atividades discursivas, atividades humanas. In: SOUZA-E-SILVA, M. C. P.; FAÏTA, D. (Ed.). **Linguagem e trabalho: construção de objetos de análise no Brasil e na França**. São Paulo: Cortez, 2002.

BRUSCHINI, C. Trabalho doméstico: inatividade econômica ou trabalho não-remunerado. **Revista Bras. Est. Pop.**, São Paulo, v. 23, n. 2, p. 331-353, jul./dez. 2006.

BUBNOVA, T. Voz, sentido y diálogo em Bajtín. **Acta Poética**, [s. l.], v. 27, n. 1, Primavera, p. 97-114, 2006.

BUSCH, H. Exteriorização e economia: a teoria hegeliana do trabalho e da sociedade civil. In: MERCURE, D.; SPURK, J. (Org.) **O trabalho na história do pensamento ocidental**; tradução de Patrícia Chittoni Ramos Reuillard, Sônia Guimarães Taborda. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005. p. 88-112.

CAMARGO, S. Considerações sobre o trabalho imaterial. **Pensamento Plural**, Pelotas v. 9, p. 37-56 jul./dez. 2011. Disponível em: <<https://periodicos.ufpel.edu.br>>. Acesso em: 13 jan. 2017.

CARRASCO, C. **A sustentabilidade da vida humana: um assunto de mulheres**. São Paulo: SOF – Sempreviva Organização Feminista, 2003. (Caderno Sempreviva). Disponível em: <<https://gepesdegenero.wordpress.com>>. Acesso em: 2 ago. 2018.

CLOT, Y. O diálogo em desenvolvimento: M. Bakhtin no trabalho. In: PAULA, L.; STAFUZZA, G. (Org.). **Círculo de Bakhtin: diálogos in possíveis**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010.

CLOT, Y.; FAÏTA, D. Gêneros e estilos em análise do trabalho: conceitos e métodos. **Trabalho & Educação**, Belo Horizonte, v. 25, n. 2, p. 33-60, maio/ago, 2016.

COELHO, L. A invisibilidade das mulheres no discurso econômico: reflexão crítica sobre os conceitos de trabalho, família, bem-estar e poder.

e- cadernos CES, Coimbra, n. 14, p. 7-32, 2011.

CONNEL, R.; PEARSE, R. **Gênero: uma perspectiva global**. Tradução e revisão técnica Marília Moschkovich. São Paulo: nVersos, 2015.

COSTA, A. Rotinas de mulher. In: AVILA, M. B.; FERREIRA, V. (Org.). **Trabalho remunerado e trabalho doméstico no cotidiano das mulheres**. Recife: SOS Corpo, 2014.

CRUZ, J. L. B. **O discurso das trabalhadoras domésticas em formação**. 2008. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008. Disponível em: <www.ufpe.br/pgletras>. Acesso em: 13 jan. 2018.

CUISINER, s'occuper des enfants, construire ou réparer: le travail non rémunéré à travers le monde. In: ORGANISATION FOR ECONOMIC CO-OPERATION AND DEVELOPMENT. **Panorama de la société 2011**: les indicateurs sociaux de l'ocde. [S. l.]: OCDE, 2011. cap. 1. Disponível em: <<https://www.oecd.org>>. Acesso em: 25 maio 2016.

DEDECCA, Cláudio Salvadori. **Tempo, trabalho e gênero**. [Rio de Janeiro]: Instituto de Economia UFRJ, 2004. Disponível em: <<http://www.ie.ufrj.br>>. Acesso em: 23 dez. 2017.

DI FANTI, M. G. Linguagem e trabalho: diálogo entre a translinguística e a ergologia. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo**, [Passo Fundo], v. 8, n.1, p. 300-329, jan./dez. 2012.

ELIAS, N. **Sobre o tempo**. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

ENGEL, F. **Sobre o papel do trabalho na transformação do macaco em homem**. [S. l.]: Ed. Ridendo Castigat Mores, 1991. Disponível em: <www.jahr.org>. Acesso em: 20 jan. 2017.

FAITÁ, D. **Análise dialógica da atividade profissional**. Rio de Janeiro: Expreci, 2005.

FAÏTA, D.; VIEIRA, M. Reflexions methodologiques sur l'autoconfrontation croisée. **Delta**, São Paulo, v. 19, n.1, p. 123-154, 2003. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br>>. Acesso em: 10 jan. 2019.

FARACO, C. Aspectos do pensamento estético de Bakhtin e seus pares. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 46, n. 1, p. 21-26, jan./mar. 2011.

_____. **Linguagem e diálogo**: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

FEDERICI, S. Notas sobre gênero em "o capital" de Marx. **Cadernos Cemarx**, [s. l.], n. 10, 2017. Disponível em: <<https://ifch.unicamp.br>>. Acesso em: 13 ago. 2018.

FLICK, U. **Pesquisa qualitativa**. Tradução: Sandra Netz. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.

FONSECA, S. A auto confrontação: um dispositivo metodológico para análise da atividade de trabalho da secretária. In: ENCONTRO DO CELSUL – CÍRCULO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DO SUL UNIOESTE, 10., 2012. **Anais...** Cascavel: Universidade Estadual do Oeste do Paraná, [2012].

FRANÇA, M. No princípio dialógico da linguagem, o reencontro do Homo Loquens com o ser humano industrial. In: FIGUEIREDO M.; ATHAYDE M., BRITO, Jussara, ALVAREZ, D. (Org.). **Labirintos do trabalho**: interrogações sobre o trabalho vivo. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

FREITAS, L. M. A. Uma análise dialógica e ergológica da atividade do professor de cursos livres. **Cadernos do SNLF**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 5, 2008. Disponível em: <<http://www.filologia.org>>. Acesso em: 8 nov. 2009.

FONTOURA, N.; REZENDE, M. T. **Retrato das desigualdades de gênero e raça - 1995 a 2015**. [S. l.]: IPEA, 2009. disponível em: <<http://www.ipea.gov.br/portal>>. Acesso em: 15 dez. 2017.

GERHARDT, T. E. SILVEIRA, D. T. (Org.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GADAMER, H. **Hermenêutica em retrospectiva**: Heidegger em retrospectiva (I). Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

_____. **Verdade e método I**: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

GILES, T. R. **Introdução à filosofia**. São Paulo: EPU, 1979.

GORZ, A. **Adeus ao proletariado**: para além do socialismo. (Tradução de Ângela Ramalho Vianna e Sérgio Góes de Paula). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

_____. **Metamorfoses do trabalho**: crítica da razão econômica (Tradução de Ana Montoia). 2. ed. São Paulo: Annablume, 2007.

HEIDEGGER, M. **Aportes a la filosofía**: acerca del evento. 2. ed. Buenos Aires: Biblos: Biblioteca Internacional, 2006.

_____. **A caminho da linguagem**. Trad. Márcia de Sá Cavalcante. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

_____. **Cartas sobre o humanismo**. Trad. Emmanuel Carneiro Leão. 2. ed. Rio Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

_____. **Conferências e escritos filosóficos**. Trad. Ernildo Stein. São Paulo: Nova Cultural, 1979.

_____. **Ontologia**: hermenêutica da faticidade. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

_____. **Ser e tempo II**. Trad. Márcia de Sá Cavalcante. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

_____. **Ser e tempo I**. Trad. Márcia de Sá Cavalcante. 11. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

HEGEL, G. **Fenomenologia do Espírito**. Trad. Paulo Meneses/José Nogueira. Petrópolis: Vozes, 1999.

HISTÓRICO e conceitos da ergologia: entrevista com Yves Schwartz. **Reflexão & Ação**, v. 21, n. 1, 2013. Disponível em: <<http://online.unisc.br>>. Acesso em: 17 nov. 2015.

HOBBSAWN, E. **A era das revoluções**. [S. l.: s. n.], 1962. Disponível em: <<http://www.submit.10envolve.com.br>>. Acesso em: 1 fev. 2019.

HUSSERL, E. **A crise da humanidade europeia e a filosofia**. (Introdução e tradução de Urbano Zilles). Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.

_____. **A crise das ciências européias e a fenomenologia transcendental**. Paris: Gallimard, 1976.

IBGE deve calcular em 2020 peso dos afazeres domésticos na economia. [S. l.: s. n.], 2017. Disponível em: <<http://epocanegocios.globo.com>>. acesso em: 16 jan. 2018.

INWOOD, M. **Dicionário de Heidegger**. Trad. Luísa Buarque de Holanda, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

KERGOAT, D. Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo. In: TEIXEIRA, M; EMÍLIO, M.; NOBRE, M. (Org.). **Trabalho e cidadania ativa para as mulheres: desafios para as políticas públicas**. São Paulo: Coordenadoria Especial da Mulher, 2003. Disponível em: <<http://library.fes.de/pdf-files/bueros/brasilien/05634.pdf>>. Acesso em: 4 ago. 2016.

MACHADO, M. S. Trabalho remunerado e trabalho doméstico: conciliação? In: AVILA, M. B.; FERREIRA, V. (Org.). **Trabalho remunerado e trabalho doméstico no cotidiano das mulheres**. Recife: SOS Corpo, 2014.

MARX, K. **O capital, livro I, capítulo VI (inédito)**. São Paulo: Ciências Humanas, 1978.

_____. **Capítulo IV: O capital e a mais-valia. A lei econômica fundamental do capitalismo**. Manual de Economia Política Academia de Ciências da URSS, 1959. [S. l.: s. n.], [19--?]. Disponível em: <<https://www.marxists.org>>. Acesso em: 4 fev. 2018.

_____. **Manuscritos filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2010.

_____. **Salário, preço e lucro**. Informe pronunciado por Marx nos dias 20 e 27 de junho de 1865 nas sessões do Conselho Geral da Associação Internacional dos Trabalhadores. Transcrito da edição em português das Obras escolhidas de Marx e Engels publicada em 1953 pela Ediciones en Lenguas Extranjeras, Moscou. Transcrito da edição em português das Obras escolhidas de Marx e Engels. [S. l.: s. n.], [20--?] Disponível em: <<https://www.marxists.org>>. Acesso em: 3 fev. 2018.

_____. **Teoria da mais-valia: história crítica do pensamento econômico: livro 4 de O capital**. Tradução de Reginaldo Sant'Anna. São Paulo: Difel, 1980. v. 2.

_____. _____. São Paulo: Difel, 1985. v. 3.

MELO, H. **A invisibilidade do trabalho feminino nas estatísticas**. [S. l.: s. n.], 2002. Disponível em: <<http://www.cfemea.org.br>>. Acesso em: 3 maio 2016.

MELO, H.; CASTILHO, M. Trabalho reprodutivo no Brasil: quem faz? **Revista Economia Contemporânea**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, p. 135-158. jan./abr. 2009.

MELO, H.; CONSIDERA, N.; SABATTO, A. Os afazeres domésticos contam.

Economia e Sociedade, Campinas, v. 16, n. 3 (31), p. 435-454, dez. 2007.
Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ecos/v16n3/06.pdf>>. Acesso em: 28 jan. 2018.

MELLO, M.; MIOTELLO, V. **Questões bakhtinianas para uma heterociência humana**. [S. l.: s. n.], 2013. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br>>. Acesso em: 13 jan. 2018.

MERCURE, D. & SPURK, J. (orgs.) **O trabalho na história do pensamento ocidental**; tradução de Patrícia Chittoni Ramos Reuillard, Sônia Guimarães Taborda. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

MIGEOTTE, L. Os filósofos gregos e o trabalho na Antiguidade. In: MERCURE, D.; SPURK, J. (Org.). **O trabalho na história do pensamento ocidental**. tradução de Patrícia Chittoni Ramos Reuillard, Sônia Guimarães Taborda. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

NOUROUDINE, A. A linguagem: dispositivo revelador da complexidade do trabalho. In: SOUZA-E-SILVA, M. C. P.; FAÏTA, D. (Ed.). **Linguagem e trabalho**: construção de objetos de análise no Brasil e na França. São Paulo: Cortez, 2002.

OLIVEIRA, E. Transformações no mundo do trabalho, da Revolução industrial aos nossos dias. **Revista eletrônica Caminhos de Geografia**, [s. l.], v. ?, n.?, p. 84-96, 2004. Disponível em: <<https://www.ig.ufu.br>>. Acesso em: 29 jan. 2019.

OLIVEIRA, L. **10 lições sobre Hannah Arendt**. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

PORTO, L. Pelo (re)conhecimento da ergolinguística. **Revista Eutomia**, [s. l.], v. ?, n.?, p. 269-291, 2011.

PNAD continua 2016: 90,6% das mulheres e 74,1% dos homens realizam afazeres domésticos ou cuidados de pessoas. [S. l.]: Estatísticas Sociais, 2016. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br>>. Acesso em: 20 nov. 2017.

RAMMINGER, T. Objeto de estudo ou matéria estrangeira? Contribuições da análise filosófica de Yves Schwartz para os estudos sobre o trabalho. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, [São Paulo], v. 14, n. 1, p. 1-12, 2011.

SAMPAIO, M. C. H. Desenvolvimento, saúde, trabalho e envelhecimento: uma abordagem enunciativo-discursiva e ergológica do Ser Humano Idoso Industrioso. In: JORNADA DA REDÁ FRANCO-LUSÓFONA DE ERGOLOGIA, TRABALHO E DESENVOLVIMENTO, 2., 2009. Belo Horizonte. **Anais...** [S. l.: s. n.], [20--].

_____. A propósito de para uma filosofia do ato: Bakhtin e a pesquisa científica nas ciências humanas. **Bakhtiniana**, São Paulo, n.1, p.42-56, 2009. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/bakhtiniana>>. Acesso em: 25 out. 2016.

SANTOS, Luciano. **O homem na filosofia de Martin Heidegger**. [S. l.: s. n.], 2016. Fonte: <<http://filosofiacienciaevida.uol.com/ESFi/edições22>>. Acesso em: 25 jan. 2016.

SCHWARTZ, Y. Circulações, dramáticas, eficácias da atividade industriosa. **Revista Trabalho, Educação e Saúde**, [s. l.], v. 2, n. 1, p. 33-55, 2004.

_____. Conceituando o trabalho, o visível e o invisível. **Revista Trab. Educ. Saúde**, Rio de Janeiro, v. 9, supl. 1, p. 19-45, 2011.

_____. Disciplina epistêmica disciplina ergológica. **Paideia e Politeia. Proposições**, Campinas, v.13, n.1, jan./abr., p. 126-149, 2002.

_____. Entrevista. **Revista Trab. Educ. Saúde**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, set. 2006. Disponível em: <<http://dx.doi.org>>. Acesso em 12 fev. 2019.

_____. Os ingredientes da competência: um exercício necessário para uma questão insolúvel. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 19, n. 65, dez. 1998.

_____. Motivações do corpo-si: corpo-si, atividade, experiência. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 49, n. 3, p. 259-274, jul./set. 2014.

_____. Trabalho e uso de si. **Pro-posições**, [s. l.], v. 1, n. 5, p.34-50, jul. 2000.

_____. Trabalho e valor. **Revista Social**, São Paulo, v. 8, n. 2, p.147-158, out. 1996.

SOBRAL, A. O ato “responsável”, ou Ato ético, em Bakhtin, e a centralidade do Agente. **Signum: Estud. Ling.**, Londrina, v.11, n.1, p. 219-255, 2008.

SORJ, B. Os cuidados com a família e as desigualdades de gênero e de classe. In: COSTA, Albertina et al. (Org.) **Divisão sexual do trabalho, estado e crise do capitalismo**. Recife: SOS Corpo, 2010.

_____. Trabalho remunerado e trabalho não-remunerado. In: VENTURI, Gustavo; RECAMAN, Marisol; OLIVEIRA, Suely (Org.) **A mulher brasileira nos espaços público e privado**. São Paulo: Perseu Abramo, 2004.

SOUZA E SILVA, M. C. P. A dimensão linguageira em situações de trabalho. In: SOUZA E SILVA, M. C. P.; FAÏTA, D (Ed.). **Linguagem e trabalho: construção de objetos de análise no Brasil e na França**. São Paulo: Cortez, 2002. Disponível em: <<http://www.mundodosfilosofos.com.br/a-condicao-humana-hannah-arendt>>. Acesso em: 30 nov. 2015.

SOUZA, S.; Albuquerque, E. A pesquisa em ciências humanas: uma leitura bakhtiniana/Research in human sciences: a Bakhtinian reader. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 109-122, jul./dez. 2012.

THOMPSON, E. P. **A formação da classe operária Inglesa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1988. v.1.

TIME use at different stages of life: results from 13 european countries July 2003. Luxembourg: European Communities, 2003. Disponível em: <<https://ec.europa.eu/eurostat/web>>. Acesso em: 7 jan. 2018.

TRABALHO doméstico e trabalho remunerado: uma tensão permanente. Pesquisa SOS Corpo e Datafolha, 2014. Disponível em: <<https://agenciapatriciagalvao.org.br/pesquisa>>. Acesso em: 4 fev. 2018.

TRABALHO doméstico não remunerado vale 11% do PIB no Brasil – 19/06/2016. [S. l.: s. n.], [201-?]. Disponível em: <<http://www.vermelho.org.br/noticia/298333-1>>. Acesso em: 8 jun. 2018.

TRONTO, J. Assistência democrática e democracias assistenciais. [S. l.: s. n.], 2007. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/se/v22n2/03.pdf>. Acesso em: 29 jan. 2018.

VOLOCHINOV, V. **A construção da enunciação e outros ensaios**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013.

APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO PARA ENTREVISTA SEMIPADRONIZADA

- 1- Idade:
- 2- Profissão:
- 3- Para você o que é o trabalho doméstico não-remunerado?
- 4- Que imagem você tem de si mesma, na condição de trabalhadora doméstica não remunerada?
- 5- Que imagem as pessoas que moram com você têm de você, fazendo este tipo de trabalho?
- 6- Que imagem você acha que seus amigos e conhecidos têm de você, fazendo este tipo de trabalho?
- 7- Quais são as tarefas que fazem parte do trabalho doméstico que você faz?
- 8- Existem outras tarefas que mulheres que você conheça fazem que também podem ser consideradas como trabalho doméstico?
- 9- Descreva para mim uma dia de sua rotina de trabalho doméstico.
- 10-Quantas horas por dia você gasta para fazer essa atividade?
- 11-Você acha que o número de horas X (mencionado) são suficientes para dar conta desse trabalho?
- 12-Você conta com a ajuda de algum familiar para realizar as tarefas domésticas? Quem? Que tipo de tarefas essa pessoa realiza?
- 13-Você considera esse trabalho importante para a sua família? De que forma?